

agranja

desde
1945



Plantio de inverno

As cartas estão no campo

Do trigo à canola, opções não faltam

Tocantins mostra a sua força

Semeadoras: entenda como funcionam

O SEGREDO DE QUEM FAZ



Fernando Penteadinho Cardoso, presidente da Agrisul

"Sou favorável ao aproveitamento da Amazônia"

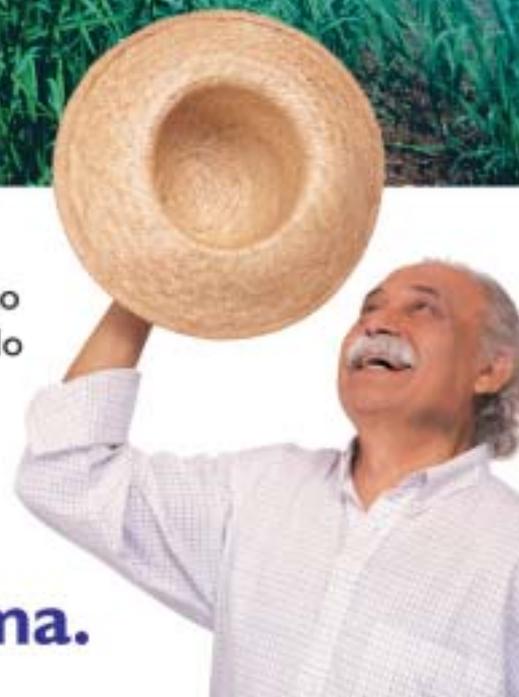
Pense Grande Pense Parruda.



Pense robustez. Pense segurança. Pense desempenho.
Pense economia. Pense modernidade. Na hora da decisão, não
deixe por menos: pense Parruda, o pulverizador autopropelido
que faz a diferença em todos os campos do Brasil.



**Procure a revenda
Montana mais próxima.**





A Granja

12 REPORTAGEM DE CAPA Inverno: as opções além do trigo



Divulgação

22 TOCANTINS

Nova fronteira agrícola



A Granja

26 SEMEADORAS

Qual o modelo ideal?



A Granja

32 ALCA

Economia brasileira em compasso de espera



Divulgação

40 SHOW RURAL COOPAVEL

16ª edição de puro sucesso



Divulgação

52 RALLY DA SAFRA

Desvendando a produção brasileira



A Granja

54 CULTIVO MÍNIMO

Equilíbrio no plantio

SEÇÕES

4 O Segredo de Quem Faz
7 Vitrine
8 Aqui Está a Solução
10 Cartas, Fax, E-mails
11 Eduardo Almeida Reis

59 Informativo do Campo
60 Agricultura Familiar
62 Notícias da Argentina
63 Plantio Direto

66 Agribusiness
70 Flash
72 Biotecnologia
74 Ponto de Vista



A Granja

Abaixo os ambientalistas IDEÓLOGOS

Leandro Mariani Mittmann

Uma Amazônia realmente útil à sociedade não deve ser povoada por mognos, jatobás e copaíbas, mas com soja, milho e algodão. Da mesma forma, bois e vacas nelore devem ocupar os espaços de jibóias, onças e tatus. A opinião polêmica, diametralmente na contramão do politicamente correto, é de um dos principais peritos em agricultura brasileira, o engenheiro agrônomo **Fernando Penteado Cardoso**. Em boa parte de suas quase nove décadas de vida, a serem completadas em setembro, Cardoso dedicou-se a conhecer o Brasil rural, suas realidades e potencialidades. Ele fundou e esteve à frente por 53 anos da Adubos Manah, vendida em 2000 ao Grupo Bunge, e hoje preside a Agrisus, uma fundação que financia projetos para propagar a agricultura sustentável. “Quando deixamos o lado romântico, temos de aceitar que a Amazônia é um deserto verde de grande pobreza – salvo onde está sendo aproveitada.”

A Granja — Como surgiu a idéia da Agrisus? O que a fundação faz, quais são os seus objetivos?

Fernando Penteado Cardoso — A origem da nossa fundação decorre da venda do controle acionário da Manah, onde eu fui presidente por 53 anos — além de fundador. Quisemos, na oportunidade, dar certa contribuição à agropecuária por nos ter proporcionado uma gratificante carreira profissional. Eu e a minha família, então, estabelecemos a fundação com uma dotação substancial. O objetivo é promover de todas as maneiras possíveis a melhoria da fertilidade e a conservação subsequente, sempre tendo em vista a preservação de um meio ambiente favorável ao homem.

A Granja — Quais são os principais projetos da fundação?

Cardoso — Todos os projetos podem ser vistos no nosso site www.agrisus.org.br. Mas eu destacaria, por exemplo, o Projeto Rally Safra 2004, que está percorrendo todo o Brasil para avaliar a produção de soja e de cereais. O levantamento, financiado parcialmente por nós, patrocinado por várias empresas e jornais e encabeçado pela empresa Agroconsult, está promovendo o preenchimento de um questionário em que é avaliado o estado de conservação do solo e da prática do plantio direto por todo o Brasil. Será um levantamento precioso para as próximas diretrizes da fundação e de autoridades. Estamos financiando também um projeto de validação do plantio direto no Nordeste, onde há esperanças de que com a palha se possa minimizar as flutuações climáticas mais frequentes por lá. Agora mesmo voltei de uma viagem a Mato Grosso do Sul, onde ouvi de um lavrador holandês, Aqe van der Vinner, mais conhecido por Chico Holandês, que a palha, quando bem estabelecida, prorroga a resistência aos veranicos em cerca de 15 dias. Isso pode ser muito importante no Nordeste e estamos tentando aprender. Em junho e julho, iremos participar e financiar parcialmente o 9º Encontro Nacional de Plantio Direto, que se realizará em Chapecó/SC.

A Granja — O produtor brasileiro tem consciência de agricultura sustentável ou é egoísta, pouco ou nada preocupado com as gerações vindouras?

Cardoso — Ao longo da minha vida profissional com fertilizantes, em que o estudo de mercado me levou a um contato íntimo com produtores, nunca encontrei um lavrador que não tivesse consciência que deveria fazer o possível para evitar a erosão e para conservar o seu solo. Não só pelo prejuízo do ano, a ser causado pela erosão, mas também com a preservação do solo para seus herdeiros. Muitas vezes estes não têm conhecimento, ou quando o têm, possuem certa inércia mental para mudar o seu sistema. Mas isso vai se conseguindo aos poucos. A preocupação, a mentalidade de zelo pelo solo, é permanente. Estou convicto disso.

A Granja — Então, por que mais da metade da agricultura brasileira não faz uso do plantio direto, uma prática comprovadamente conservacionista e econômica?

Cardoso — Não devemos generalizar o plantio direto em relação à faci-

lidade de implantação. Nos Estados do Sul, em que as chuvas e o frio no inverno permitem o cultivo de aveia, o plantio direto teve grande desenvolvimento, pela possibilidade de produzir com facilidade a indispensável palha. No Brasil Central, de inverno seco e quente, a facilidade desta segunda cultura não é tão grande. Temos dois casos a serem analisados: nas terras que nunca tiveram praga — como o Cerrado, conquistado recentemente, da década de 70 para cá, que não está inçado, tem sido mais fácil estabelecer o plantio direto; nas terras mais esgotadas, mais antigas, já com banco de sementes de inços de todos os tipos, existem algumas dificuldades adicionais. Mas, na raiz do problema, está a mudança da mentalidade, de fazer os homens aceitarem os processos novos. Às vezes existem certa resistência às mudanças, mas elas estão vindo rapidamente, e hoje estamos com 20 milhões de hectares no sistema direto, que representam, grosso modo, a metade das culturas anuais. Deveremos alcançar porcentagens ainda maiores.

A Granja — A biotecnologia é o

futuro da agricultura, seja ela brasileira ou mundial?

Cardoso — A técnica do transgênico é uma nova prática, um novo recurso de melhoramento das plantas. Eu acredito que este será usado em proveito da agricultura mundial. Até recentemente só se podia cruzar plantas que fossem compatíveis com seu número de cromossomos, o que limitava muito o melhoramento das plantas. Com o recurso em que podemos pinçar o gene de uma espécie e transferir para outra espécie, desde que este gene tenha características favoráveis, é uma possibilidade inestimável, de conseqüências impensáveis no momento. Acredito que é um sistema que está consolidado. Vai ser aperfeiçoado e todo o progresso da agricultura no futuro se baseará certamente neste novo recurso.

A Granja — O senhor acha que em meio a esta polêmica possa existir muita gente má intencionada, que

O transgênico está consolidado e o progresso da agricultura no futuro será baseado nesse recurso

tenta barrar os transgênicos para arrefecer o desenvolvimento da agricultura brasileira?

Cardoso — Eu não diria má intencionada. Existe grande quantidade de interesses em jogo, e é difícil a gente avaliar toda a gama e amplitude desses interesses. Não resta dúvida de que existem interesses comerciais ponderáveis que podem ter dado partida para esses movimentos que enxergamos em todos os países. Mas, com isso tudo, eles podem apenas retardar o progresso. O que duvido muito é que se possa impedir o progresso. Em outras grandes descobertas humanas, como a vacina contra a febre amarela no Rio de Janeiro, sempre houve resistências. Parece que é uma reação humana a compreensível resistência a novidades. Mas as vantagens que essas medidas trazem acabam por superar as resistências e o processo é utilizado em benefício do homem. Não acredito que nenhuma delas possa ser utilizada caso seja prejudicial à produção ou à pessoa humana.

A Granja — E quanto à agricultura orgânica, considera essa

prática viável economicamente em grande escala?

Cardoso — Ninguém pode ser contra a agricultura orgânica. Ela tem limitação dos recursos disponíveis. Os fertilizantes orgânicos têm quantidades limitadas e dificilmente a agricultura orgânica pode ser adotada quando se pensa em programas mundiais da produção de alimentos e combate à fome, e outros programas de grande amplitude. A agricultura orgânica está aí e deverá ficar para satisfazer àquela pequena fra-

nas regiões inundáveis. Não há o que fazer nestas regiões sujeitas a inundações periódicas, ou nas áreas de montanhas com pedras e topografia ruim, de difícil aproveitamento. Ou na parte da Amazônia mais pelo lado dos Andes, onde não há um intervalo do sistema pluvial que permita a limpeza do terreno pelo fogo, pois não é possível queimar porque chove o ano todo. Ali também continuará como deserto verde. Mas quando deixamos o lado romântico, temos de

por satélite permitam um estudo mais adequado. Eu já chutei – mas é puramente um chute porque um estudo não é feito. Acredito, porém, que talvez uns 30% possam ser aproveitados. É uma área ponderável, onde o Brasil dispõe de clima favorável de chuva no verão, e em alguns lugares com intervalos pequenos, permitindo dois aproveitamentos ao ano. E quando os lavradores são muito inteligentes, há casos de três aproveitamentos da mesma área no mesmo ano.

Quem não leu o livro *O Ambientalista Cético é mais ideólogo que ambientalista científico*

ção da população que tem recursos para pagar mais caro por uma espécie de simpatia, uma vez que não existe nenhuma prova evidente e científica de que esses produtos orgânicos são melhores para a saúde. É quase que uma ideologia. Mas havendo mercado, os lavradores devem produzir e realizarem os seus lucros.

A Granja — Por que o senhor defende a utilização da Amazônia pela agricultura?

Cardoso — Falar da Amazônia é falar de um continente. E volta e meia a palavra “Amazônia” tem um sentido até certo ponto romântico, a mata, que é bom de passear, de ouvir os passarinhos, tem sombra, tem verde... mas a Amazônia é muito grande e está sujeita a variações climáticas e muitas variações de solo. Quando pensamos que a Amazônia deve ser aproveitada, me refiro sempre à pequena porcentagem de solos elevados, bem drenados, onde se possa se beneficiar do clima lá existente. Evidentemente, devemos começar pelo aproveitamento das terras fracas, transformado-as em terras férteis. O Cerrado, que tanto se fala, em grande parte são os Cerrados amazônicos. Fazem uma grande confusão a respeito desses assuntos, Cerrado e Amazônia. Mato Grosso, por exemplo, que está tendo esse progresso vertiginoso através de solos pobres de Cerrado, pertence à Bacia Amazônica. A mata como ela está é um “deserto verde”, como tenho chamado. E esse deserto verde é, até certo ponto, irreversível. Por exemplo,

aceitar que a Amazônia é um deserto verde, de grande pobreza – salvo onde está sendo aproveitada – como existe a pobreza no deserto branco no norte do Canadá e na Sibéria, e no deserto amarelo onde não chove no norte da África e na Austrália, por exemplo. De modo que sou favorável ao aproveitamento da Amazônia naquilo que ela pode ser útil à economia nacional e o bem-estar do brasileiro como um todo. Dificilmente essas áreas aproveitáveis representarão uma porcentagem muito elevada do total que temos disponível da Região Amazônica.

A Granja — Mas isso não poderia causar algum problema ambiental?

Cardoso — Tudo o que se conhece a respeito de clima está relacionado à movimentação de grandes massas atmosféricas, que vêm do Pacífico. Todo mundo aceita hoje o El Niño. É a grande movimentação de massas atmosféricas que traz a umidade para as nossas chuvas. Não acredito que o desmatamento de uma pequena fração da Amazônia, já que a grande parte é irreversível devido às condições que anteriormente eu abordei, possa causar qualquer problema de natureza ambiental em larga escala.

A Granja — Existe algum levantamento que indique quanto da Amazônia pode ser explorado pela agricultura?

Cardoso — É muito difícil calcular, embora hoje os levantamentos

A Granja — O senhor costuma criticar ambientalistas? Por quê?

Cardoso — Ambientalistas têm de vários tipos. Eu respeito muito os ambientalistas estudiosos, os ambientalistas científicos. Mas os ambientalistas que se baseiam em ideologias malfundamentadas realmente eu não tenho tendência de levá-los em grande conta. De modo que ambientalistas há de todo o tipo. Respeito os cientistas e tenho as minhas ressalvas pelos ideólogos.

A Granja — O que o senhor define por um “ambientalista científico”?

Cardoso — Eu faço um teste para os ambientalistas científicos: deve ser um homem que leu o livro *O Ambientalista Cético*, de Bjorn Lomborg. Fica este teste. Quem não leu este livro é mais ideólogo que ambientalista científico.

A Granja — O senhor faz coro com aqueles que acreditam que as bandeiras dos ecologistas, especialmente daqueles integrantes de ONGs internacionais, são, na verdade, tentativas de impor barreiras protecionistas para frear o crescimento da agricultura brasileira?

Cardoso — Não, não acredito que seja isso. É um conjunto de interesses e medidas tão variado, e eu não acredito que possa ter força para poder barrar o nosso comércio internacional. Evidentemente eu preferia que déssemos mais ouvidos a entidades nacionais do que às internacionais que recebem um grande acatamento da mídia e que podem, eventualmente, estar vivendo de vender notícias para a mídia mundial. ■



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 – 10º andar
CEP 01045-001 – São Paulo – SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Home page: www.agranja.com

GERENTES-EXECUTIVOS

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editora

Luciana Radicione

Chefe de reportagem

Glauco Menegheti

Reportagem

Alexandre Franx dos Santos e

Leandro Mariani Mittmann

Colaboradores desta edição

Carlos Henrique Paim Mariot, Cláudio Dóro, Hector

Ramirez, Ruy Casão Júnior e Valmir Gaedke Menezes

Revisão

Jô Santucci

Editoração

Jair Marmet e Carlos Igléssias

Secretária da redação

Karine Morosoli Benites

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno

ASSINATURA EXTERNA

Raquel Marcos

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo – José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e

Rodrigo Martelletti (contato)

Porto Alegre – Maria Cristina Centeno

(gerente RS/SC)

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro – Lobato Propaganda e Marketing Ltda. –

Rua Visconde de Figueiredo, 22/403 – Tijuca – CEP 20550-

050 – Rio de Janeiro/RJ – fone: (21) 2565-6111 – fone/fax:

(21) 2565-6113 – celular: (21) 9432-4490

e-mail: sidney_lobato@terra.com.br

Minas Gerais – José Maria Neves –

Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222 –

conj. 105 – Luxemburgo – CEP 30380-530

Belo Horizonte/MG – fone/fax: (31)

3297-8194 – fone: (31) 3344-9100

celular: (31) 9993-0066

e-mail: jmneves@uai.com.br

Brasília – Armazém de Comunicação, Publicidade e

Representações Ltda.

SCS – Quadra 1 – Bloco K – Ed. Denasa

13º andar – sala 1.301 – CEP 70398-900

Brasília/DF – fone/fax: (61) 321-3440

celular: (61) 9618-1134 – e-mail:

armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus,

registrada no DCDP sob

nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade,

Correspondência e Distribuição:

Av. Getúlio Vargas, 1.526

CEP 90150-004 – Porto Alegre – RS

fone/fax: (51) 3233-1822

Exemplar atrasado: R\$ 8,00

Hora de pensar no segundo tempo na safra de **INVERNO 2003/2004**

É consenso que, no Brasil, o ano só começa depois do Carnaval. Mas não para nós. Assim como para os senhores e as senhoras, empreendedores do campo Brasil a fora, as coisas nunca param. Nem o ritmo arrefece. Por isso, enquanto as praias se mantinham lotadas e as temperaturas não abrandavam dos 35°C, por aqui só se pensava no inverno. Mais especificamente nas culturas de inverno que vão deixar nossos campos verdejantes assim que o dourado da soja e do milho for sendo transferido para armazéns e portos.

Afinal, mesmo em tempos que todos os olhos e as atenções se voltam para as frenéticas colheiteiras, as mentes já começam a projetar a safra de inverno. Trigo, aveia, cevada, centeio, triticale entram campo – literalmente – para jogar o segundo tempo da safra 2003/2004. O “Rei trigo do pão nosso de cada dia” continuará soberano nessa busca incessante pela almejada auto-suficiência do cereal. E estão abertos espaços generosos aos demais componentes da corte. Porém, será que os preços lá na primavera também serão soberanos? É a nossa reportagem de capa. Confira a partir da página 12.

I — Fernando Penteado Cardoso, 89 anos, fundador da Adubos Manah e atual presidente da Agrisus, uma fundação que promove a agricultura sus-

tentável, um homem de opinião respeitada sugere: fora ambientalistas ideólogos! E onde for possível plantar na Amazônia, planta-se!

II — Tocantins vem aí. O Estado nordesta tem ampliado significativamente a sua área de agricultura, especialmente de soja. Inclusive soja safrinha, ou seja, produzida numa época exclusiva, na entressafra do restante do País.

III — Semeadoras com distribuição de grãos pelo sistema pneumático ou mecânico. Qual é o mais indicado? Um artigo aprofundado de um especialista do Iapar aborda o tema.

IV — A possibilidade da Alca segue provocando polêmica e gerando opiniões contrastantes. O que é o melhor e o pior para a nossa agropecuária?

V — Nem plantio convencional, nem plantio direto. O assunto é cultivo mínimo. Saiba o que este meio-termo entre os dois sistemas pode oferecer de vantagem. Com a palavra, pesquisadores do Instituto Riograndense do Arroz (Irga).

VI — O Show Rural Coopavel, edição 2004, mais um vez mostrou a sua força ao reunir produtores de diversas partes do País interessados no que existe de melhor em tecnologia para o campo.

Boa leitura



Como achar **MATÉRIA-PRIMA**

Tenho interesse em fabricar um produto cuja matéria-prima envolve o seguinte: óleo de sardinha, farinha de peixe, farinha de carne e farinha de sangue. Gostaria de saber onde encontro esses itens, preferencialmente pela ordem em Porto Alegre, Rio Grande do Sul ou outro Estado.

Rosane Dusik

kwg1@terra.com.br

R — Rosane, esses produtos que você procura podem ser encontrados em algumas empresas do Rio Grande do Sul. Farinha de carne e sangue são comercializadas por Faros Indústria de Farinha de Ossos, cujo telefone é (51) 3764-1404, de Cruzeiro do Sul, e pelo Sebo Mariense (54) 354-1093, que fica em Marau. Já farinha de peixe e óleo de sardinha são encontrados na Etna Agroindustrial Ltda., localizada em Canoas e cujo telefone é (51) 476-3318.

Lista de **FRIGORÍFICOS**

Gostaríamos de obter uma relação de frigoríficos, uma vez que não foi possível encontrá-la na seção de produtos e serviços da revista.

R — Caro leitor, aí vão alguns contatos de frigoríficos em todo o Brasil.

Goiás Carne

Rodovia GO 020 – Km 10
Zona Rural
CEP 75250-000
Senador Canedo/GO
Fone: (62) 240-9005
Fax: (62) 240-9008
e-mail:
goiascarne@goiascarne.com.br
www.goiascarne.com.br

Friço Vira

Av. Dep. Emílio Carlos, 1.581
Santa Terezinha
CEP 06310-160
Carapicuíba/SP
Fone: (11) 4182-8600
ramal 666
Fax: (11) 4181-3686
e-mail:
meatcompany@frigovira.com.br



Bertin Ltda.

Av. Brig. Faria Lima, 2.012
5º andar – CEP 01451-000
São Paulo/SP
Fone: (11) 3816-7577
Fax: (11) 3814-2542
e-mail:
bertin.farialima@bertin.com.br
www.bertin.com.br

IntercieX Comércio Exterior

intercieX@alternex.com.br

Friboi Ltda.

Av. Brig. Faria Lima, 2.391
Conjunto 22 – 2º andar
Edifício Jaguari –
Jd. Paulistano
CEP 01452-000
São Paulo/SP
Fone: (11) 3095-4448
e-mail: export@friboi.com.br
www.friboi.com.br

Frigorífico Mataboi S/A

Av. Theodoro de Veloso de
Carvalho, 2.053
Paineiras – Caixa Postal 165
CEP 38445-198
Araguari/MG
Fone: (34) 3242-2200
e-mail: mataboi@mataboi.com
www.mataboi.com

Frigorífico Mercosul Ltda.

Rua Alselmo Garrastazu, s/n
Centro – Vila Industrial
CEP 96400-570 – Bagé/RS
Fone: (53) 241-1106

Irrigar milho é **VIÁVEL?**

Gostaria de saber se existe um trabalho atestando a viabilidade econômica da irrigação na cultura do milho. Tenho uma propriedade no noroeste do Rio Grande do Sul, e muitas vezes enfrento problemas de seca.

Werner Schneider
Santa Rosa/RS

R — Werner, você preci-

sa fazer um levantamento de preço dos últimos cinco anos da cultura do milho. Além disso, deve observar a disponibilidade de água na propriedade, fonte e quantidade de energia existentes e disponibilidade de mão-de-obra. É necessário obter um estudo das condições climáticas da sua região para descobrir os períodos em que há

falta de chuva na região e se coincide com o período em que você quer irrigar. É possível fazer isso obtendo um levantamento climático dos últimos dez anos. Outros testes técnicos precisam ser levados em conta, como o levantamento de solo. Nesse caso, os técnicos realizam o teste de curva de infiltração. A análise de umidade, por sua vez, dirá a quantidade de

água que o solo consegue armazenar e disponibilizar para a cultura. Além disso, é necessário verificar a qualidade de água para irrigação, tendo em vista que a presença de carbonato de cálcio e ferrugem podem entupir os bicos aspersores. Mas antes de qualquer investimento, consulte um especialista para ver qual o tipo do método de irrigação se encaixa no sistema da sua propriedade, se for o caso.





Qual a pastagem **IDEAL**?

Tenho uma propriedade em Santa Catarina, no município de Otacílio Costa, que está localizado a 857 metros acima do nível do mar e onde faz frio e com frequência ocorrem geadas. Gostaria de saber quais as gramíneas a serem cultivadas nessas terras para a criação de gado de corte e onde pos-

so encontrar sementes.

Alim Pedro Rizzi

alim@coletivoitajai.com.br

R — *Prezado Alim, para o seu caso, a Epagri de Lages, que fica próximo a Otacílio da Costa, recomenda o plantio consorciado de trevo branco (cultivar Lodino Regal), com Cornichão São*

Gabriel, Festuca arundinacea (variedade Epagri 312 Lages) e Dactylis glomerata. O técnico da Epagri, José Lino, lembra que é necessário fazer a inoculação e pelletização das sementes de leguminosas (trevo branco e cornichão). Maiores informações sobre o cultivo dessas pastagens podem ser ob-

tidas na Epagri de Lages, pelo telefone (49) 224-4400, com o técnico José Lino. Você pode encontrar as sementes nas Agropecuárias Agromáquina (49) 222-7359, Marins (49) 225-3109, Daboit (49) 223-1671, Cooperativa Cooperplan (49) 226-0515 e na Palmeira Pastos (51) 481-4681..

DIVERSIFICAÇÃO: a chave para a pequena propriedade

Gostaria de receber reportagens sobre oportunidade de investimento em pequenas propriedades. Tenho 20 hectares a cerca de 40 km de Cuiabá/MT, com água em abundância e terra fértil.

Carlos Roberto Vieira

abc.33@bol.com.br

R — *Caro leitor, de acordo com o escritório da Empresa Mato-grossense*

de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer), existem muitas opções de investimento nessa região da Baixada Cuiabana. Há alternativas na área da fruticultura, como o cultivo de abacaxi, caju, maracujá e banana (variedades resistentes à Sigatoka Negra). Ainda é possível empreender na pecuária de leite, no cultivo de mandioca, entre outras.

Antes da tomada de decisão, no entanto, é preciso fazer a análise de solo para conferir a fertilidade da terra e verificar a disposição de água na propriedade. O seu município está situado em uma área que abrange dois grandes centros, o de Cuiabá e do município de Várzea Grande, o que facilita a comercialização. Caso tenha interesse, você tem disponí-

vel recursos do Programa Nacional para Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Você poderá obter informações sobre todas essas alternativas ligando para o escritório da Empaer, pelo telefone (65) 648-9288. O contato é o coordenador da região da Grande Cuiabá, o engenheiro agrônomo Almir de Souza Ferro.

Justiça com as **PRÓPRIAS** mãos

O presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul, Carlos Sperotto, tem toda a razão quando argumenta que o “Rio Grande do Sul deu uma resposta à inércia que existia no Judiciário” em relação aos transgênicos (edição 662). É exatamente isso. Enquanto o restante do País aguardava as decisões tomadas em salas refrigeradas e acarpetadas, os gaúchos foram lá e plantaram a soja modificada, mostrando a todo mundo suas vantagens.

Walter Leonel

Maringá/PR



A Granja

Para saber **ANTES**

Sou estudante do terceiro ano de medicina veterinária em Andradina/SP e tenho muito interesse nos assuntos abordados nas revistas **A Granja** e **AG Leilões**. Há mais ou menos três anos vocês leram o meu pedido no jornal Estadão sobre cavalos e mandaram várias revistas de equinos, touros... e eu amei. Fiquei muitíssimo grata. Elas me ajudaram muito na faculdade. Agora tenho mais interesse, pois entendo mais. Amo o que faço, sou formada em técnica em agropecuária, tenho mais de 20 diplomas de cursos profissionalizantes do Senar (inseminação artificial, doma, processamentos de carnes...) e já faço estágio desde o primeiro ano. O que eu queria de vocês era revistas, o que tiverem e puderem, para me ajudar a ter um pouco mais de bagagem nesta parte de pesquisas sobre diversos assuntos.

Márcia Cristina Barbosa

Murutinga/SP

PREJUÍZO em primeiro lugar

Oportuna a abordagem sobre o déficit de armazenagem no País (edição 662). Sei que é “chover no molhado”, mas acho importante dizer que o Brasil e, principalmente, suas lideranças, precisam passar a se preocupar com os problemas de infra-estrutura. Afinal, de nada adianta enfileirar recordes atrás de recordes, como temos visto, mas não criar condições para escoar essa safra. Todos os dias os telejornais mostram aquelas imagens indignas de caminhões abarrotados de produção atolados em rodovias aqui no Centro-Oeste. Está mais do que na hora de alguém fazer alguma coisa. Chega de retórica de governo após governo.

Andrey Pires

Cuiabá/MT



A Granja

VERDADES a serem ditas

Escrevo este e-mail para demonstrar a minha preocupação com o desaparecimento da seção “Aconteceu, Está Acontecendo, Vai Acontecer”, da revista **A Granja**. Esta é uma das partes mais interessantes da mesma, sempre pronunciando e dizendo verdades do meio rural brasileiro. Espero que seja apenas temporária esta falta e que na próxima edição retome. Existem muitos assuntos que precisam ser comentados, verdades a serem ditas, e é importante o papel que a revista **A Granja** exerce, por ser a melhor revista do agronegócio brasileiro.

Daniel Kolm

Erechim/RS

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

Enfim, o suíno **ORGÂNICO**

Neste último Natal, felizmente, nos livramos das agendas e outras lembranças feitas com papel reciclado. A intenção é a melhor possível, mas o resultado é de entristecer. Até parece com os bolos de fubá feitos por nossas filhas adolescentes, quando ainda estão na idade de imitar as virtudes domésticas de suas mães. Mesmo ajudadas pela cozinheira da fazenda, aprontam a maior bagunça e o bolo fica intragável.

Você, leitor, compraria um relógio artesanal, um televisor artesanal, um automóvel artesanal? Pois é: artesanato é uma coisa; indústria é coisa muito diferente. Gosto muito de papel A-4 em pacotes de 500 folhas branquinhas, lisinhas, todas do mesmo tamanho, próprias para a HP jato de tinta que lá vai imprimindo as tolices que escrevo. Em resumo: impressora industrial, papel industrial, relógio de pulso industrial, televisor industrial – tudo produzido pela mais moderna tecnologia. Abro exceção no capítulo dos cartuchos de tinta remanufaturados, por uma questão de sobrevivência financeira. O preço dos cartuchos originais de fábrica não é da esfera informática: é caso de polícia.

Chegamos, por fim, ao porco orgânico, anunciado como grande novidade aqui em Minas. Quando morei no Pantanal de MS e de MT, sempre comi porcos asselvajados sem saber que eram orgânicos e tinham menos colesterol. Porco doméstico, fugido do terreiro da sede, alçado nos campos e nos matos pantaneiros, em quatro ou cinco gerações volta ao javali ancestral. Tem as pernas aumentadas para fugir de seus inimigos naturais, onças-pardas e pintadas; engrossa as cerdas do lombo; aumenta os dentes pela necessidade de fofar para obter alimentos; mas conserva traços da pelagem das raças melhoradas

nos últimos 200 ou 300 anos. Para ser mais preciso, desde 1745, quando o genial fazendeiro inglês Robert Bakewell começou a reter os melhores animais para acasalamento.

Antes do estalo de Bakewell, considerado o Pai da Zootecnia, os melhores animais eram mandados para o açougue, multiplicando-se nas fazendas os piores animais, o refugio dos carneiros, dos bois e dos porcos. Em Leicestershire, Inglaterra, o fazendeiro começou a acasalar os melhores. Mais tarde, o abade Mendel (1822-1884) estabeleceu os princípios da ciência Genética e o melhoramento animal deu um salto inacreditável, chegando hoje aos frangos que pesam 2 kg com um mês, às vacas produtoras de 20 toneladas de leite/ano, às poedeiras recordistas e, agora, ao porco criado solto, nos conformes daquilo que se fazia há séculos, ou milênios.

Mas é “orgânico”; tudo bem. Vai ver que o porco nascido e criado nos galpões da suinocultura de ponta é mineral, ou digital; talvez seja porco virtual, para ficar nos padrões da informática. E a gente lê... e a gente escuta...

No Pantanal, porcos orgânicos fazem um estrago dos diabos. Fossando, revolvem a camada superficial do solo, que não é profunda, fazendo nascer moitas de espinheiros onde antes só havia pasto de boa qualidade. Além disso, os cachaços podem ser muito perigosos quando investem contra alguém. A maioria dos caçadores experimentados tem muito mais medo de cachaço do que de onça. Meu saudoso padrinho Samuel da Costa Marques sempre avisava: “Cuidado, menino, com cachaço não se brinca”. Mas tinha

pontaria infalível com sua Winchester 30.30.

Bom mesmo, nessas andanças pantaneiras, era encontrar um capado orgânico. Meses antes, lidando no campo, a peonada havia topado com uma porca parida e sua leitegada. Era uma festa! Os peões disparavam atrás dos leitões machos e se jogavam dos cavalos para pegar os bacorinhos. Passavam a faca nos ovinhos do filhote orgânico, esguichavam larvicida no corte e soltavam o porquinho que se transformaria num capado orgânico, “sem colesterol”, menos gorduroso, carne deliciosa lembrando caça, mesmo porque, depois de grandes, eram abatidos a tiros. Não havia balanças no mato, mas estou para dizer que os melhores capados rendiam mais de 60 kg de carne limpa. Orgânica...

Havia fazendas que passavam meses sem abater uma vaca – a sede e as casas dos empregados abastecidas de porcos alçados. Coisa curiosa, que só me ocorre agora, ao escrever sobre os “bons tempos”, justo no momento em que o Congresso aprova um Estatuto para liquidar com nossa ótima indústria de armas. No Pantanal, todos andávamos armados. Não havia peão que não levasse um .32 ou um .38 na guaiaca. Pois muito bem: nos mais de 30 anos em que andei por lá, seja trabalhando, seja passando férias, não me lembro de um só crime de morte por arma de fogo. Com o novo Estatuto, podemos dormir descansados: só os bandidos continuarão usando armas de fogo. Restamos o consolo da costeleta de porco orgânico, carne magra, sem colesterol... ■

Quando morei no Pantanal de MS e de MT, sempre comi porcos asselvajados sem saber que eram orgânicos e tinham menos colesterol



O rei trigo

Com um olho na colheita da safra de verão e outro na semeadura de inverno, é hora de começar a projetar o que será plantado. Alternativas é que não faltam além do trigo, cereal com seus históricos problemas de comercialização, e outras culturas que dão lucro, como a canola, a cevada e a aveia branca. Ou seja, nem só de trigo se faz o inverno...

Glauco Menegheti

Se a soja é a rainha da safra de verão, o trigo pode ser considerado o rei da estação de inverno no que tange a volume, área de produção e importância econômica. Na sua corte, com títulos menos valorizados, mas não menos importantes, vêm a aveia, a cevada, o triticale e o centeio, por ordem de importância. Sem entrar nas estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aparece ainda a canola, cultivada em 15.480 hectares em 2003, segundo o pesquisador da Embrapa Trigo, Gilberto Omar Tomm. Talvez sem ter a consciência, cada pequeno produtor de trigo, citando a cultura de maior peso da safra de inverno, participa de um negócio gigantesco. Conforme dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), os seg-



e sua CORTE



mentos de panificação, massas, biscoito e moagem geram 1,1 milhão de empregos e faturamento bruto de US\$ 25 bilhões.

A grandiosidade, porém, não necessariamente traduz-se em preço atrativo ao produtor, cuja equação resulta de algumas combinações entre oferta e procura locais, estoque nacional e internacional, disponibilidade de produto para importação, entre outros. Em 2003, quando foram produzidos os históricos 5.899.795 toneladas numa área de 2.488.149 hectares (quase 60% das necessidades de consumo brasileiras, de 10,5 milhões de toneladas), a indústria chegou a oferecer até menos do que o preço mínimo estabelecido pelo governo, de R\$ 400,00 a tonelada para a Re-

gião Sul e de R\$ 450,00 para a Centro-Oeste. Ultimamente estava pagando R\$ 420,00, enquanto os tricultores pediam R\$ 460,00. Como observado por Márcio Augusto Silva Júnior, técnico de planejamento da Conab, essa foi a primeira vez que, de fato, aconteceu a supersafra de trigo brasileira. Isso porque os 6,5 milhões de toneladas produzidos em 1987 encobriam a pouca competitividade do tricultor brasileiro, o que mudou dessa vez.

Vender é difícil — A problemática da comercialização do trigo é recorrente desde que o governo deixou de garantir um preço mínimo pouco comprometido com a realidade do mercado, no início dos anos 90. Antes disso, era responsável por quase toda a com-

pra de trigo e não exigia qualidade. O ajuste foi imediato. De 6,5 milhões de toneladas produzidos em 1987, para 1,524,3 milhão em 1995/1996 (para um consumo de 8 milhões de toneladas), são observados o apogeu e a ruína do esquema estatal de compras. A partir disso, a pesquisa teve de correr contra o tempo para melhorar as qualidades industriais, melhorar a produtividade e resistência a doenças das variedades. Pesou também o acordo feito com a Argentina para garantir a compra do cereal em troca de facilidades para os produtos brasileiros industrializados. “O trigo entrou como moeda de troca”, observa Silva Júnior, da Conab.

Além de o produto argentino ser bastante competitivo, com custos de produção inferiores aos do brasileiro,



o governo argentino baixou o imposto que cobra das exportações da farinha conhecida como pré-mistura, de 20% para 5%. “A colheita é realizada em três a quatro meses e a comercialização durante todo o ano. Nem os produtores nem os moinhos têm capital de giro para formar estoques”, observa Roland Guth, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo). Pesa ainda o fato de as tradings argentinas concederem prazo maior de pagamento aos moinhos, enquanto no Brasil é de praxe o desembolso em 30 dias.

Mudança de plantio — Qualidade é que não falta ao trigo brasileiro, mas sim a sua organização. E nisso a pesquisa nacional – leia-se Embrapa, Coodetec, Iapar, entre outras – leva todo o mérito. Atualmente, plantam-se todos os tipos de variedade, mas não existe como segregá-las. Com a mistura, perde-se identidade e valor agregado. A idéia, capitaneada pela Cooperativa Agropecuária Mourãoense (Coamo) e a ser aplicada no Paraná, maior produtor nacional, é reestruturar a forma de plantio, regionalizando-a. “Não podemos consolidar uma produção com variabilidade de qualidade não por problemas climáticos, mas por condução”, constata Garcia.

Variedades com maior teor de glúten, para panificação, ficariam restritas ao norte do Paraná. Já as de glúten mais fraco, do tipo brando e para o processamento de biscoito, massas para pizza entre outros produtos, seriam plantadas no sul do Estado. A estratégia para tornar esse produto com preço melhor é a seguinte: variedades com força de glúten alto não servem ao processamento de farinha doméstica, e seria preciso adicionar glúten fraco para compor a mistura. “Em vez de ven-

der um produto instável, vamos aumentar sensivelmente a sua liquidez, pois ele terá procura”, prevê o assessor comercial da Coamo. Apesar dos avanços, ele não aposta em aumento de produção para o ano que vem.

Por sua vez, o governo federal não ficou parado, reajustando em 41% o valor do preço mínimo para o produto e disponibilizando recurso para contratos de opção num total de 800 mil toneladas, dos quais deve exercer 150 mil toneladas. Além do fato de ser o trigo alimento básico para a segurança alimentar, a intenção é diminuir o valor das importações, que geram um custo de US\$ 1 bilhão por ano ao Brasil com a importação de 6 a 7 milhões de toneladas. Por conta do aumento da safra do ano passado, que fará o Brasil importar 1,6 milhão de toneladas a menos, a economia será de US\$ 260 milhões. “Do Rio de Janeiro para cima, a dependência dos moinhos pelo trigo importado é de 100%”, informa Silva Júnior, da Conab.

O analista não aposta na auto-suficiência, mas acredita na possibilidade de o Brasil passar a suprir 80% de suas necessidades. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento inclusive traçou um plano de substituição de importações de trigo até 2005, com objetivo de atingir 50% das necessidades de consumo. O plano foi atingido com dois anos de antecedência, no caso em 2003.

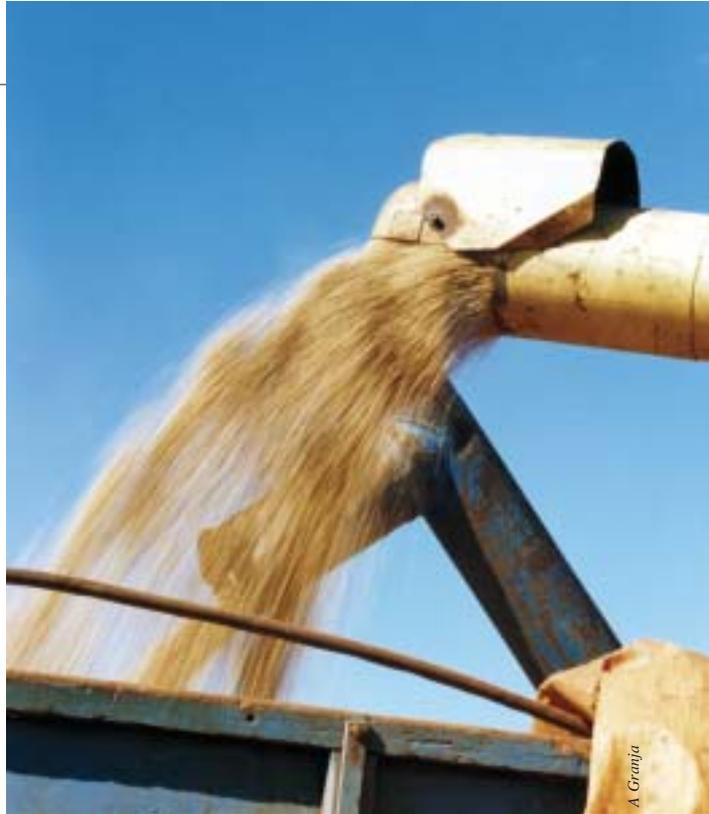
Depois da tempestade, a bonança —

Um dos indícios de que os tempos difíceis poderão ficar para trás é que os estoques mundiais estão muito

baixos. O USDA, o ministério da agricultura norte-americano, prevê uma produção de 552 milhões (a menor dos últimos sete anos) de toneladas para o consumo de 590 milhões. Por conta disso, a relação estoque/consumo foi de 21%, a menor dos últimos 30 anos.

As cotações só não estão elevadas porque os grandes formadores de preço mantêm o nível de exportações elevado. Por quanto tempo? Essa é a pergunta que os tricultores gostariam de ver respondida. Como a produção Argentina será menor devido ao problema de seca, projetada em 12 milhões de toneladas pela Conab, Silva Júnior prevê preços maiores já a partir de março. Sorte dos produtores que conseguiram segurar trigo em seus armazéns. Mas uma coisa é certa e todos concordam: depois do advento da exportação, o perfil da comercialização do trigo não será mais o mesmo. Embora seja muito cedo para fazer estimativas, Silva Júnior antevê a tendência de manutenção e até mesmo de aumento de produção em 2004.

Preço não agrada — Seije Kimoto, que tem propriedade em Luiziana, norte do Paraná, e é fiel ao plantio de trigo há dez anos, pretende diminuir a área plantada de 530 ha, que vinha mantendo nos últimos anos na safra de 2004. O motivo, segundo ele, não é a descrença na triticultura, mas a rotação com aveia branca que nunca tinha feito



Seca na Argentina sugere preços mais atrativos ao trigo do País



Divulgação

Kimoto, produtor no Paraná, vai reduzir a área com o trigo para dar início à rotação com a aveia branca





LANÇAMENTOS

Nova Linha de Máquinas de Limpeza SCS e Secadores de Coluna ADS



Máquina de Limpeza

- ▶ Sensores de segurança nas calças de peneiras
- ▶ Não necessita limpeza contínua das peneiras
- ▶ Menor consumo de energia
- ▶ Menos itens para manutenção e reposição
- ▶ Menor emissão de pó
- ▶ Eficiente sistema de aspiração de ar
- ▶ Acesso rápido às peneiras
- ▶ Funcionamento silencioso
- ▶ Fácil operação
- ▶ Capacidades de 30 a 300t/h



Secador de Coluna

- ▶ Automação de todas as tarefas
KOMANDER *Controle total do equipamento pelo computador, de qualquer lugar do mundo.*
- ▶ Secagem homogênea
- ▶ Limpeza sem interrupção do funcionamento
- ▶ Secagem de produto com alto teor de impurezas
- ▶ Possibilidade de permanecer carregado úmido à noite
- ▶ Sem queda de grãos durante a carga
- ▶ Autolimpante
- ▶ Fácil operação
- ▶ Menor risco de acidentes operacionais
- ▶ Sistema de montagem modular
- ▶ Escada marlinheiro com guarda corpo e trava quedas
- ▶ Capacidades de 10 a 300t/h

antes. Não que esteja muito satisfeito com o preço, pelo contrário. Kimoto foi amplamente favorável ao expediente das exportações pela Coamo, cooperativa a qual é associado, e também à regionalização do plantio. Como a maioria, é da opinião que a tonelada deveria estar valendo R\$ 460,00.

Para o produtor, que utilizou as variedades Ônix, Alcover, Coodetec e BRS 208 em 2003, plantar trigo tem sido um bom negócio. No entanto, acredita ser vantajoso apenas quando o plantio é feito com tecnologia para alcançar níveis de produtividade superiores. A utilização de 290 kg de adubo por hectare (com a fórmula 8.20.20), com reforço de 700 kg de sulfato de amônia, foi fundamental para a produtividade média alcançada de 4.330 quilos por hectare em 2003.

Com custo de produção variável de 50 sacas por hectare (3 toneladas), em tese ele embolsou 1.330 quilos por hectare. Apenas em tese, pois os custos fixos às vezes podem comprometer



Para o Sul do Brasil : aveia branca tem custo de produção 30% inferior ao trigo, pois trata-se de uma

Trigo no Cerrado: realidade ou promessa?

Excetando o Estado de Mato Grosso do Sul, que chegou a plantar 500 mil hectares de trigo na safra 1988/1989, a triticultura nunca foi uma realidade muito palpável no Centro-Oeste. Até mesmo nesse Estado, onde se planta em sequeiro, assim que a farra dos preços bons terminou houve um esvaziamento da cadeia tritícola. No início da década atual, ensaiou-se uma retomada, envolvendo a parceria entre a Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), Embrapa, sementeiros e Ministério da Agricultura. Foi uma bela arrancada: dos 100 mil hectares previstos na safra 2002, alcançou-se 97 mil hectares e uma produção de 155.200 toneladas. “Só não atingimos a meta porque faltaram sementes”, garante Anderson Cesconetto, assessor técnico da Famasul.

Em 2003, com o milho e a aveia dando melhor retorno, houve recuo no plantio para 85 mil hectares e 136 mil toneladas de produção. Como o milho está com preços baixos novamen-

te, Cesconetto acredita que será possível avançar para perto de 100 mil hectares novamente, embora seja muito cedo para fazer qualquer previsão.

Já em Mato Grosso estima-se que o cultivo seja de 5 mil hectares (3 mil hectares em sequeiro e 2 mil hectares irrigados), limitados a áreas localizadas a 600 metros acima do nível do mar. Apesar de alguns testes serem feitos há 20 anos em Alto Taquari, a triticultura nunca decolou. “Existia dificuldade de se conseguir insumos, o custo de produção era alto e o frete mais ainda”, recorda o pesquisador Hortensio Paro, da Empresa Matogrossense de Pesquisa e Assistência Técnica (Empaer). Atualmente, existe um movimento para impulsionar a cultura como uma alternativa de safrinha ao milho, que corriqueiramente enfrenta problema de preço. Entidades e governo do Estado desenvolveram um programa que envol-



No Cerrado, plantar trigo irrigado pode não ser um bom negócio

ve o treinamento de produtores e políticas de apoio.

Além disso, o Estado já está incluído no zoneamento agrícola, o que permite aos agricultores o acesso a linhas de financiamento do Banco do Brasil. Instituições como Embrapa e Coodetec têm desenvolvido variedades adaptadas ao Centro-Oeste. Para as áreas de sequeiro, existem variedades como BR 18 e IAC 350. Já para o trigo irrigado, há as cultivares Embrapa 22 e Embrapa 42. “Temos muito trigo com sangue mexicano, o que favorece o desenvolvimento de materiais adap-





cultura menos exigente

A Grafia

tudo esse ganho, como bem lembra o gerente de grãos da Cooperativa Tritícola Mista Alto Jacuí Ltda. (Cotrijal), de Não-Me-Toque/RS, Gelson Melo de Lima. “Os custos fixos e variáveis impõem a exigência de altos rendimentos que muitas vezes desencorajariam o plantio”, observa Lima. A idéia do produtor é que o levantamento contábil de forma minuciosa e isolada de uma cultura de inverno pode provar que ela não dá lucro.

No entanto, quando colocado no contexto de uma propriedade que produz no inverno e no verão, é possível mostrar as vantagens para a saúde financeira do empreendimento. O impacto dos custos fixos acaba sendo diluído por duas safras; o solo é coberto com restos culturais; e uma boa adubação mantém o sistema fertilizado.

Tipicamente sulista — Uma cultura que serve bem a esse propósito e é tipicamente sulista (produzida apenas no RS, SC e PR) é a aveia branca, depois

do trigo a segunda em importância, cuja produção nacional atingiu 391 mil toneladas em 2003. Favorecida por uma primavera seca, a safra de 2003 foi marcada por um crescimento de 41,20% em relação a 2002. “Em função disso, a disponibilidade de sementes vai ser boa”, garante Elmar Luiz Floss, professor da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária e coordenador do programa de pesquisa de aveia da Universidade Federal de Passo Fundo (UPF).

Para quem tem necessidade de transformar grão em dinheiro rapidamente, a aveia branca não é a alternativa mais adequada, uma vez que possui baixa liquidez. Além disso, o preço histórico da cultura é, em média, de 70% do valor do trigo. “A aveia é viável desde que se tenha definido para quem vai vender”, aconselha Floss. Entre 45 mil e 50 mil toneladas são utilizadas para consumo humano, e o pesquisador indica que tem crescido a produção para con-

tados ao calor”, assegura Ivo Carraro, diretor-executivo da Coodetec. Ele acredita numa expansão da cultura no Centro-Oeste, mas que, no entanto, não deverá ocorrer rapidamente. “Acho que a região tem condições de ser uma grande produtora.”

“Se o trigo for plantado em altitudes entre 600 e 1.000 metros, o Cerrado oferece condições climáticas mais favoráveis que o Paraná”, reforça Francisco de Assis Franco, gerente de pesquisa de trigo e triticales da Coodetec, empresa que mantém uma rede de experimentação de materiais na região. Com esse perfil, onde existe possibilidade de crescimento, estão incluídos municípios como Campo Verde, Jaciara, Primavera do Leste, Chapada dos Guimarães, Serra da Petrovina, entre outras. Em áreas de sequeiro, com semeadura em fevereiro, a produtividade vai variar de 1.000 a 2.000 quilos por hectare. Sendo que sob irrigação, com plantio a partir de abril (podendo estender-se até junho), a expectativa de rendimento é de 5 mil a 6 mil quilos.

Já Edeon Vaz Ferreira, diretor-executivo da Polato Sementes e presidente da Associação dos Produtores de Sementes de Mato Grosso (Aprosmat), não acredita que o trigo tomará Mato Grosso de assalto como aconteceu com a soja. O motivo são as poucas regiões com altitudes propícias para o desenvolvimento da cultura e o espaço já consolidado de cultu-

ras como milho e algodão na safrinha. Por sua vez, o feijão já tem espaço cativo no inverno entre os irrigantes. “O que vejo é a possibilidade do estabelecimento de nichos. Como o algodão é uma cultura muito cara, é possível que o trigo venha a ser uma alternativa de substituição, mas apenas em locais altos”, conclui.

Já em Goiás, onde no ano passado foram implantados 16.610 hectares e produzidos 65.647 toneladas, a cultura rivaliza com o feijão em pivô central, e muitas vezes sai perdendo conforme a situação do mercado para uma ou outra cultura. Assim procede José Fava, da Agrofava Sementes, de Catalão, sudeste de Goiás. “Normalmente, plantar trigo não é tão bom quanto plantar feijão”, diz o produtor paulista de Lins, mas há anos radicado no Estado. Antes de tomar a decisão por um ou pelo outro, ele faz uma análise das doenças de solo em pivô, assim como o comportamento do mercado de trigo e feijão. Para este ano, projeta a “vitória” do último, pois ele tem o feeling de que o preço dispa-

rá a partir de março, ultrapassando os R\$ 100,00.

Normalmente, Fava destina 250 ha em pivô para o trigo, mas não são todos os anos que ele planta essa que foi a primeira cultura domesticada pelo homem. Tudo pelo feijão, que baliza as decisões de plantio dos irrigantes, cuja área implantada soma algo como 10 mil hectares em Catalão e imediações. E isso que no Estado a indústria paga R\$ 520,00 a tonelada, que seria o preço acrescido de frete. Fava só planta o trigo melhorador, do tipo grão duro, usando as variedades Embrapa 22 e Embrapa 42.

A produtividade alcançada com pivô surpreende: algo como 89 sacas, ou 5.340 quilos por hectare. No entanto, ela é neutralizada pelo valor alto de produção. No último ano, a receita por hectare atingiu R\$ 2,5 mil por hectare, com o custo fixo e variável batendo em R\$ 2.000,00 e o retorno em R\$ 500,00. “Só de energia elétrica desembolsamos R\$ 250,00 por hectare”, garante Fava.



Edeon, da Aprosmat, não acredita na expansão do cereal em MT

Divulgação



sumo na propriedade, principalmente para silagem de planta inteira ou de grão úmido para suplemento de alimentação animal.

Uma das coisas positivas é que apresenta um custo de produção 30% inferior em relação ao trigo e à cevada. “Ela é menos exigente do que essas culturas”, indica o pesquisador da UPF. Outro trunfo que apresenta em relação a outras alternativas é o fato de ser o único cereal de inverno que pode ser inserido em sistema de rotação com o trigo, em função das doenças de um não atacarem as do outro. As variedades disponíveis no mercado são a UPF 15, UPF 16, UPF 18, UPF 19 e UPF 20 Teixeirainha.

Velha conhecida — Uma das paixões do brasileiro, a cerveja, terá sempre mercado enquanto os trópicos continuarem a ser favorecidos pela sua localização em relação ao sol. Mas o que estimula o consumo, o calor, infelizmente também acaba limitando as áreas de plantio para a cevada, matéria-prima principal da bebida e que acaba tendo o plantio circunscrito aos Estados do Sul, onde a latitude permite temperaturas mais amenas. É verdade que a cultura é plantada em Goiás, mas em uma área inexpressiva diante dos 112.357 hectares e 304.957 toneladas produzidos em 2003.

Por essa limitação climática, o País é importador de malte e cevada *in natura*, produzindo apenas um terço de suas necessidades. Esse é um dos motivos pelos quais, ao contrário do trigo, a indústria compra a cevada imediatamente após a colheita a um preço pactuado. A partir do ano passado, como forma de incentivo à produção, as maltarias passaram a pagar pelo grão o valor de 90% do preço do trigo para o produto de melhor qualidade. A Ambev, que compra 200 mil toneladas, dos quais 130 mil no Rio Grande do Sul e 70 mil no Paraná, adotou essa forma de remuneração a partir do ano passado, iniciativa seguida pelos concor-

rentes. “O plantio de cevada tem sido um bom negócio para o produtor”, avalia Marcelo Coelho Otto, gerente da Maltaria Navegantes, a única da Ambev.

Uma das principais fornecedoras de cevada para a Maltaria Navegantes é a Cooperativa Triticola Mista Alto Jacuí (Cotrijal). No inverno, são cultivados de 30% a 40% da área de influência, de 150 mil hectares plantados no verão, com trigo e cevada, dos quais a última cultura responde historicamente ocupando 21 mil hectares. Desde que os agricultores enfrentaram problemas climáticos, houve queda para 13 mil hectares, com produção de 32 mil toneladas. A expectativa, no entanto, é que a produção volte aos níveis anteriores, quando eram colhidas 50 mil toneladas.

Gelson Melo de Lima, gerente de grãos da Cotrijal, diz que o pagamento feito entre os meses de novembro e



dezembro poupa os produtores que também plantam trigo da recorrente dor de cabeça na hora de tratar de preços com a indústria, permitindo a eles vender mais para a frente, quando a pressão da colheita cessa o seu efeito. O gasto com insumos gira em torno de 25 a 27 sacas (de 1,5 mil a 1.620 quilos por hectare), sendo que o que se põe no bolso, sem o desconto dos custos fixos, é de 10 a 12 sacas por hectare, levando em conta uma produtividade média de 2,5 mil quilos.

Um feito e tanto, mas, sem os volumes colossais avistados normalmente no Centro-Oeste, é o plantio de cevada em plena área de Cerrado. A empreitada foi possível devido a uma parceria entre a Embrapa, que criou a tecnologia, e a Malteria do Vale, a financiadora. O resultado foi duas variedades perfeitamente adaptadas, a BRS 180 e BRS 195, e uma produtividade descomunal de 4,5 mil a 5 mil quilos com irrigação e em áreas de altitude elevada. “Existia pesquisa há mais de 20 anos, mas não em áreas comerciais”, diz Cássio Ciulla, gerente-geral da indústria.

Já no seu quarto ano, a operação nas cidades goianas de Luziânia, Cristalina e Goianópolis, e nas mineiras Unaf e Iraí, supre com 5 mil toneladas a demanda da fábrica, o equivalente a 5%, plantados em mil hectares. O restante é comprado no Paraná. O produto apresenta uma melhor sanidade em relação ao que é cultivado no Sul, onde o clima frio e chuvoso às vezes prejudica a qualidade exigida pela indústria. O grande complicador para a expansão é a logística deficiente que encarece o escoamento até a sede da Malteria do Vale, localizada em Taubaté/SP. Para os poucos e bravos produtores que plantam cevada no Cerrado, um alento: o retorno sobre o capital investido tem sido de 40%, de acordo com Ciulla.

Sem tradição — Aos poucos outras culturas de inverno vão entrando em áreas não-tradicionais de cultivo. Um exemplo é a canola, que constitui uma das melhores alternativas para diversificação de cultivos de inverno e geração de renda pela produção de grãos, no Sul do Brasil. “O cultivo de

A Granja

Floss, da UPF, diz que a produção de aveia branca é viável se houver certeza de compra



canola reduz a ocorrência de doenças, contribuindo para que o trigo semeado no inverno seguinte produza mais, tenha maior qualidade e menor custo de produção”, explica o pesquisador da Embrapa, Gilberto Omar Tomm. O preço da canola, cujo óleo é um dos mais saudáveis, é semelhante ao da soja e vários produtores têm colhido em torno de 30 sacas/ha, com custos variáveis de 12 sacas/ha, ou 720 kg.

Como a cevada, a compra de canola produzida no Brasil é garantida, pois a demanda é muito superior à oferta. A produção nacional, cuja estimativa é de 20.826 toneladas em 2003, atende apenas 30% do consumo e existe tendência de aumento da



Divulgação

Assim que é colhida a cevada é adquirida pelas maltarias por valores que equivalem a 90% do preço do trigo

participação do óleo de canola no mercado de óleos. “No Brasil, a participação é menor que 1%, enquanto em paí-

ses como os Estados Unidos é superior a 20%”, informa Tomm.

Empresas como a Celena Alimen-

Tortuga, sem dúvida a Câmara de Ar mais resistente do mercado.



Não é qualquer câmara que aguenta esse avião.

DDG 0800 411919 . www.tortugaonline.com.br

TORTUGA
Câmaras de Ar

ar camaraçãas

tos, associada a Camera Agroalimentos, Giovelli & Cia. Ltda., e cooperativas, como a Cooperativa Agrícola Mista General Osório Ltda. (Cotribá), de Ibirubá/RS, e Cocamar Cooperativa Agroindustrial, de Maringá/PR, têm trabalhado para desenvolver o cultivo de canola para atender à crescente demanda. Foi essa força-tarefa que permitiu o combate à canela-preta, doença fúngica, cujo surgimento em 2000 passou a causar prejuízos em lavouras do Rio Grande do Sul e limitou o rendimento a 952 kg/ha. A produção da Cotribá foi atingida em cheio em 1999, quando a área foi reduzida a mil hectares e a produtividade a 420 kg.

Harmonia — Na Cotribá, a canola está perfeitamente adaptada ao esquema de recebimento e de rotação de culturas. Dos 6 mil associados, 400 realizam o cultivo todo o ano. Na safra 2003, foram produzidos 3,9 mil toneladas, cultivados em 2,5 mil hectares e rendimento de 1.560 quilos. De acordo com o coordenador do departamento agrônomo da Cotribá, João Cláudio Henrich, o associado é incentivado a plantar várias culturas de inverno, de forma a ter uma escala de receita. “No início de outubro, estamos colhendo canola, no final do mês cevada. Já no início de novembro, é a vez do trigo, sendo o girassol no final de dezembro”, diz o agrônomo.

A cooperativa garante ao associado o preço de R\$ 40,00 a saca de 60 kg. Como o gasto com insumos e parte operacional gira em torno de 12 sacas (R\$ 500,00), a receita — não confundir com lucro líquido — é de 14 sacas (R\$ 560,00). Em relação ao trigo, a canola mostra-se muito mais vantajosa financeiramente, pois dispensa a aplicação de fungicidas e inseticidas, ao contrário do trigo, cujo desembolso é de R\$ 600,00 por hectare e o preço inferior. “Historicamente, a canola oferece um retorno melhor do que o trigo”, confirma Antônio Sacoman, coordenador técnico da Cocamar Cooperativa Agroindustrial, de Maringá/PR, que vai para o 11º ano de plantio.



Divulgação

Henrich, da Cotribá: “associado planta várias culturas no inverno”



Divulgação

Mercado de óleos: cada vez mais a canola ganha espaço entre os produtores da Região Sul

E não apenas isso. A cultura mostra-se mais resistente às intempéries climáticas que o trigo. “Em 2000, quando a geada forte precipitou perdas consideráveis nas lavouras de milho e trigo, a cultura possibilitou um rendimento de 1,1 mil quilos por hectare”, recorda Sacoman. A produtividade média na zona de abrangência da Cocamar é de 1,5 mil quilos por hectare, cultivados em 4 mil hectares e com produção de 6 mil toneladas.

Sacoman recomenda que se faça uma boa adubação para que as variedades existentes expressem todo o seu potencial de produtividade. Toma-se por ideal a aplicação de 200 kg a 280 kg com a formulação de 8.16.16 mais a cobertura de 100 kg com sulfato de amônia, com um novo reforço de 250 kg a 300 kg do mesmo produto após 20 a 30 dias da emergência. “O grão de canola é rico em proteína e óleo e necessita de enxofre e óleo para se desenvolver”, informa o coordenador técnico da cooperativa. Com essa adubação, e sem problema de clima, ele diz ser possível produzir 1,8 mil quilos por hectare.

Todas essas vantagens levaram o produtor Antônio

Pedrini, de Floresta/PR, a decidir por semear mais do que o dobro da área em 2004. De 70 ha ampliará para 150 ha, com uma expectativa de ganho ainda maior que no ano passado. Em 2003, recebeu R\$ 34,00 pela saca. “Uma que tenho que diversificar. Além disso é uma cultura mais garantida e o solo usado não afeta a produção de soja”, justifica Pedrini. No ano passado, ele alcançou uma produtividade de 1.884, foram 334 kg acima da média da cooperativa a qual é associado.

Agora, um verdadeiro milagre está acontecendo em Goiás, onde 2,5 mil hectares serão plantados pela primeira vez este ano sob a supervisão do pesquisador Gilberto Tomm. Trata-se de algo excepcional porque em nenhum lugar do mundo se produz canola em baixas latitudes. Testes mostraram ser possível atingir rendimentos entre 2,1 mil a 2,4 mil quilos por hectare, plantados em áreas de 700 metros acima do nível do mar, a partir de fevereiro. ■



Divulgação

Pedrini, do Paraná, vai dobrar a área destinada à canola neste ano





O ator e produtor rural Tarcísio Meira utiliza os Sistemas de Irrigação Fockink.



GRUPO
FOCKINK[®]

GERANDO SOLUÇÕES E INTEGRANDO TECNOLOGIAS

0800 701 4328 • cliente@fockink.Ind.br • www.fockink.Ind.br

TOCANTINS:

em breve, nos melhores mercados

Estado da Região Norte amplia sua área de produção a cada safra, principalmente de soja, e consolida-se como uma nova fronteira agrícola.

Localização privilegiada é uma vantagem de mercado

Leandro Mariani Mittmann

O Cerrado prepara mais uma agradável surpresa para a agricultura brasileira e mundial. Depois de revelar gigantes da produção de grãos, fibras e carnes, como Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás, é a vez de o Estado nortista do Tocantins mostrar que está chegando para dar a sua colaboração nos sucessivos recordes na produção agropecuária brasileira. O Estado criado pela Constituição Federal de 1988 já responde por 32% da produção agrícola da Região Norte, só atrás do Pará, com 40%, mas este tem extensão cinco vezes su-

perior. A área de soja tocantinense tem inflado a um ritmo de 50% a cada safra. Destaca-se também o rebanho bovino, principal fonte de renda da agropecuária local, além de arroz e abacaxi.

As realidades de hoje já realçam o Estado no setor, mas são as possíveis – e prováveis – estatísticas dos próximos anos que mais animam. A verdade é que as potencialidades naturais do Estado de 278 mil quilômetros quadrados e 1,1 milhão de habitantes

Centro-Norte
Área colhida: 2.300 ha
Produção: 5.070 t

Centro-Oeste
Área colhida: 11.310 ha
Produção: 26.388 t

Sudoeste
Área colhida: 29.460 ha
Produção: 74.160 t

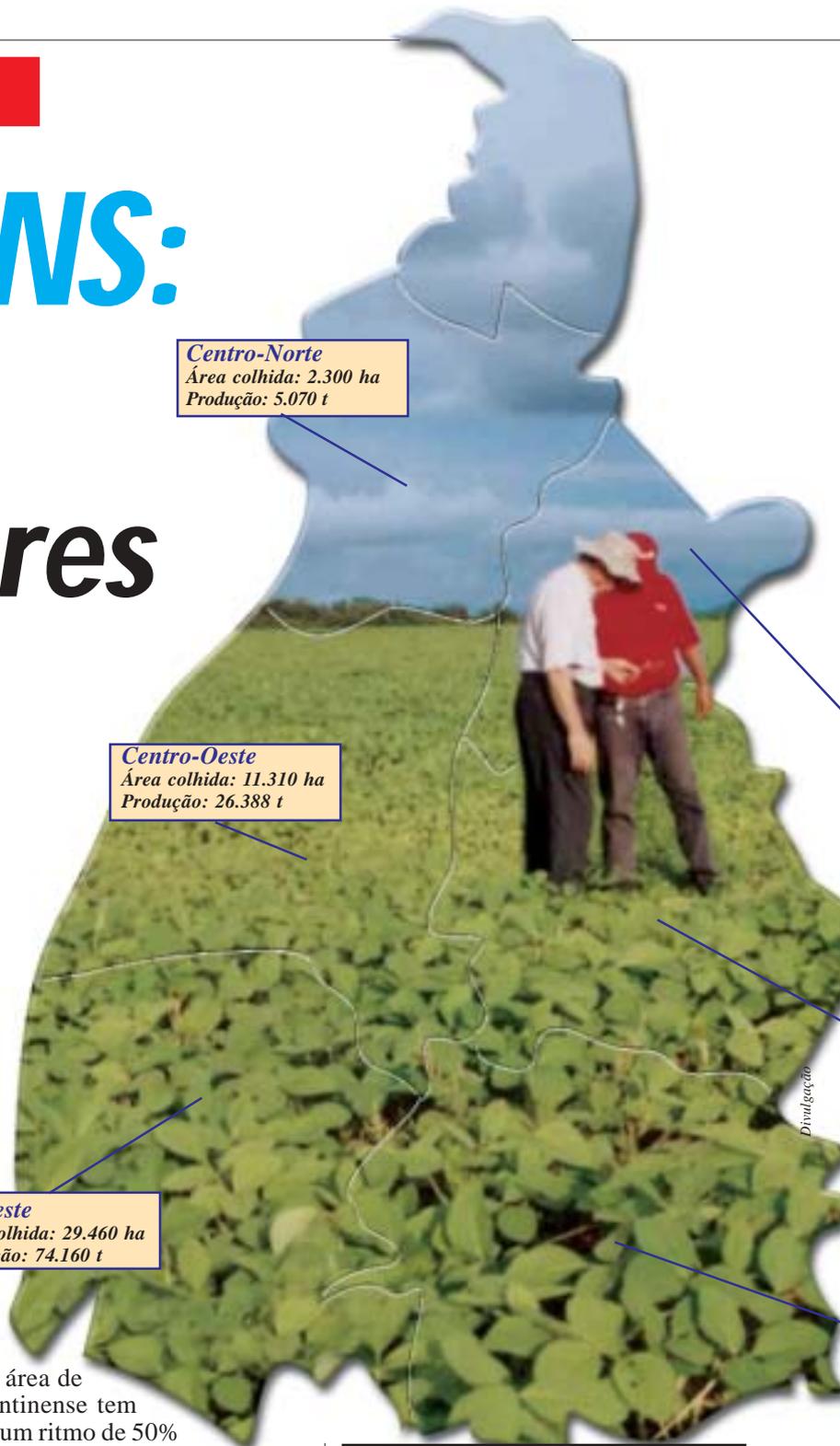
Cultura da Soja no Tocantins

Safra 2002/2003

Total de área colhida: 143.168 ha

Total da produção: 361.331 t

(censo de 2000) e a sua localização geográfica privilegiada poderão conceder também a Tocantins, num futuro não muito distante, o título mágico



de “celeiro agrícola”. Estudos revelam que 60% de sua extensão territorial é agricultável, enquanto mais 25% podem ser incluídas ao serem melhoradas com tecnologias já disponíveis. Essa riqueza natural se traduz em 23 milhões de hectares. O Cerrado cobre 87,8% de sua área total.

Atualmente, menos de 500 mil hectares são ocupados pelos principais grãos – soja, arroz, milho e feijão.

O rebanho bovino é de 7,6 milhões de cabeças (90% nelore) criado a pasto – o desejável “boi verde”. O Estado é considerado livre de aftosa com vacinação, possui 100 mil animais rastreados, e exportou 5 mil toneladas de carne no ano passado. O setor primário é responsável por 40% do PIB estadual. A soja representa 95% das exportações totais do Tocantins.

Localização estratégica — Sua posição no mapa facilita as exportações para a Europa pelo Porto do Itaqui, em São Luís, no Maranhão, assim como o abastecimento de mercados populosos como o Nordeste e Centro-Oeste. Condições como clima, solo, relevo, luminosidade em nada deixam a desejar numa comparação aos já consolidados “celeiros”. O transporte pelo modal hidroviário é



Raimundo, secretário da Agricultura: “cumprimos à risca a legislação ambiental”

Divulgação

longitudinal – ligando o Porto de Vila do Conde, em Belém/PA, o Porto do Itaqui e Senador Canedo/GO. Atualmente, todo o escoamento da produção é via rodoviária. São 5 mil quilômetros de asfalto. Raimundo esclarece ainda que Tocantins não enfrenta os conhecidos problemas fundiários, nem os ambientais, visto que áreas grandes já tiveram suas matas derrubadas

tempo atrás para abertura de pastagens. “A legislação ambiental é cumprida à risca”, garante o secretário.

A presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Tocantins (Faet), a deputada federal Kátia Abreu (PFL), ressalta que em três safras a área da soja cresceu 200%. Desde 1993, o espaço destinado ao grão foi multiplicado por 14. Naquele ano, eram pouco mais de 15 mil hectares e hoje são 211 mil. Também o preço das terras disparou. Kátia comenta que três anos atrás o hectare custava cerca de R\$ 600,00; hoje, não se encontra por menos de R\$ 3.100,00. Para facilitar a quem planeja investir no Estado, a Faet criou, em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Ru-

ral de TO (Ruralins) e o Sebrae, o serviço Arrenda Tocantins, pelo qual no site www.arrendatocantins.com.br interessados em alugar terras ou aqueles que estão em busca de áreas para produzir anunciam suas intenções.

Na atividade que mais gera renda, a carne, Kátia vê um gargalo que precisa ser resolvido. O pequeno número de frigoríficos sediados no Estado – quatro ao todo – acaba por achatá-lo. Ela revela que a arroba é entregue pelo produtor com cotação entre R\$ 6,00 e R\$ 10,00 inferior ao pago em outras praças. Por isso, tudo vale para atrair investimentos. A empresa que construir uma unidade frigorífica em Tocantins receberá do governo estadual uma redução de 7% para 3% no ICMS para abater, em seu Estado-sede, boi de origem tocantinense – durante o período de construção do frigorífico. “O que faz o preço justo é a concorrência”, argumenta a deputada.

Natureza generosa — “No Tocantins não há limitação de solos. Apenas limitações químicas”, explica o professor Joenes Mucci Peluzio, da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal de Tocantins (UFT), campus de Gurupi. Segundo ele, o solo é plano, mas assim como ocorre em outras regiões de Cerrado, exige ajustes com fertilizantes e calcário para tornar-se fértil. “O clima

Nordeste

Área colhida: 62.086 ha
Produção: 172.300 t

Centro-Leste

Área colhida: 19.350 ha
Produção: 44.086 t

Sudeste

Área colhida: 18.662 ha
Produção: 39.327 t

promissor pelos rios importantes, como o Araguaia e Tocantins, ainda que hoje os dois caminhos estão inviabilizados por questões ambientais. “São ajustes. O governo está trabalhando para diminuir os impasses”, revela o titular da Secretaria Estadual de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seagro), Raimundo Boi.

O secretário lembra que a saída pelo porto maranhense deixa a Europa 2.500 km mais próxima do Brasil. Além disso, destaca que está em “fase de consolidação” a Ferrovia Norte-Sul, que cortará o Estado no sentido



Agricultores familiares produzem os componentes da cesta básica: arroz, feijão, milho e mandioca

Divulgação

é favorável”, complementa. A precipitação é de 2.400 a 2.600 mm/ano, distribuídos nos seis meses da estação das águas. Nos outros seis meses, apenas sol.

Até essa safra, o principal grão gerado por Tocantins era o arroz, com 165 mil hectares (65% de sequeiro e 35% irrigado) na safra 2003/2004 e produção esperada de 454 mil toneladas, segundo a Conab. O arroz é cultivado na época das chuvas, quando raros são os dias que não cai água. Por isso, os reservatórios mantêm-se cheios, abastecendo os canais que inundam as lavouras. A preferência é pelo arroz tipo 2, absorvido pelos mercados maranhense e piauiense. O Estado ainda produz milho e feijão, mas com áreas menores em relação ao arroz e à soja. O feijão é apenas para consumo interno.

Ainda conforme o professor Peluzio, em Tocantins tem ocorrido o mesmo fenômeno nacional: a invasão pela soja de áreas ocupadas por pastagens. A maior rentabilidade num período bem mais curto leva os agricultores a opta-



Kátia, da Faet, diz que em apenas três anos a área plantada com soja cresceu 200%

Divulgação

rem pela oleaginosa em detrimento do gado. A soja é, realmente, a vedete do momento também em Tocantins. As *tradings* Bunge e Cargill mantêm unidades nos principais pólos de produção. Os maiores municípios produtores são Pedro Afonso, Campos Lindos, Porto Nacional, Dianópolis, Mateiros e Taguatinga, mas a oleaginosa está espalhada em todos os quadrantes tocantinenses.

Abacaxi — O abacaxi-pérola, por preferir dias quentes e noites frescas, é a principal fruta produzida no Estado. Em 2003 foram 2.709 hectares cultivados. O fruto é doce e destina-se ao consumo *in natura*, não se adapta a outras regiões do País e é muito apreciado no Sudeste e na Europa. Os 1.500 produtores tocantinenses geram cerca de 40 milhões de frutos/ano (60 mil toneladas), em três pólos: Sampaio, na



Peluzio, da UFT, acompanha a expansão da soja em áreas de pastagens

Divulgação

região do Bico do Papagaio; São João, na região de Porto Nacional; e Gurita, na região de Itaperatins. Os principais municípios produtores são Miracema, Miranorte, Dois Irmãos, Rio dos Bois e Barrolândia.

Assentamentos — Metade da agricultura familiar de Tocantins é formada por assentamentos. De um total de cerca de 36 mil unidades familiares, 18 mil situam-se nos 248 projetos de assentamento, em 917.618 hectares. Os números são da Ruraltins, empresa estadual de assistência e extensão rural. Segundo o coordenador de engenharia rural, Raimundo Dias de Sousa, os agricultores

familiares produzem os componentes da cesta básica, como arroz (em terras altas), feijão, milho, mandioca e demais, que são absorvidos localmente. Sousa reconhece que a estrutura desses produtores é deficiente, afinal nem todos

são atendidos com energia elétrica. Além disso, muitos só são acessíveis por canoia. “A nossa preocupação é melhorar a estrutura destes assentamentos”, argumenta o coordenador de engenharia rural. ■

GTS Top Line. Um grande lançamento exige a maior Plataforma do Brasil.



Sistema "Easy Detach"

Exclusivo sistema de encaixe dos bicos que facilita manuseio, limpeza, lubrificação e manutenção da plataforma.

Sistema Anti-impacto

Bicos articulados que evitam a danificação em caso de impacto frontal com obstáculos (como cupim, toco de feno...) assim como facilita o transporte e acondicionamento.

Acoplamento Universal

Plataforma acoplável em todas as marcas e modelos de colheitadeira.



Modelo Top Line US 175H - a maior plataforma colhedora de milho do Brasil

Soja na safrinha irrigada por inundação

A denominação “safrinha” normalmente reporta-se ao milho de segunda safra, plantado na entressafra do próprio cereal ou da soja. Mas, em Tocantins, “safrinha” significa soja irrigada pelo sistema chamado “subirrigação”, uma variação da irrigação por inundação, como a aplicada no arroz. Para essa soja, são utilizadas as mesmas áreas do arroz irrigado. Mas a diferença é que os talhões não são inundados. Os tabuleiros, situados em várzeas, são circundados por canais de água, mantidos por reservatórios abastecidos pela chuva e por rios. Assim, mantêm o terreno umedecido – ou seja, banham as raízes da soja.

No Estado, esse sistema de produção abrangeu na recente safra 23.980 hectares, com produção de 59.111 toneladas, uma produtividade de 2.465 quilos por hectare (41 sacas). A soja é plantada entre abril e maio e colhida de agosto a outubro. Em outras palavras, Tocantins é um local habilitado a manter soja o ano todo, já que, a partir de outubro, planta-se a soja de safra.

Duas são as principais vantagens da safrinha: a qualidade do produto, pois o ciclo vegetativo se dá numa época de seca, quando raramente chove, circunstância que inibe o desenvolvimento de doenças. Além disso, a colheita na entressafra do restante do País garante ganhos de mercado consideráveis.

Os benefícios são desfrutados, por exemplo, pela Companhia Brasileira Agropecuária, empresa pertencente ao grupo português Espírito Santo. A Cobrape plantou, em Formoso do Araguaia, a sudoeste, 2.200 hectares de soja subirrigado e outros 300 de algodão pelo mesmo sistema. Segundo Cristiano Gaffo, engenheiro agrônomo da empresa, a área de algodão não é maior porque não existe indústria processadora por perto. Pela qualidade do grão de soja, cerca de 80% da produção é destinada para semente. A empresa tem contratos de parceria para fornecer exclusivamente à Bayer Seeds e à Monsoy, por meio da

Tec-Agro. As sementes são distribuídas em Goiás, Mato Grosso e Bahia.

Gaffo confirma que a soja safrinha consegue preços melhores. “Toda a safra nacional já foi comercializada”, justifica. “Vendemos numa época em que o preço está lá em cima.” Além disso, explica o agrônomo, a semente é de qualidade diferenciada, com alto poder germinativo, pois além de não ter enfrentado doenças não passa tempos estocada em armazéns. Por tudo isso, na safra 2004 a empresa planeja ampliar safrinha de soja para 2.500 hectares. A Cobrape mantém sistematizados para irrigação 5 mil hectares e produz, na safra, 2.500 hectares de arroz irrigado.



Tecnologia. Esse é a principal marca da GTS do Brasil. E foi visando a sua tecnologia a necessidade de maior rendimento na colheita, que a GTS investiu e desenvolveu um novo conceito em plataformas para milho - **GERAÇÃO TOP LINE**. Design arrojado, 1ª no Brasil com estrutura em alumínio e com laterais e bicos articulados (anti-impacto) em polietileno. Resultado: mais leves, seguras e duráveis, ou seja, maior vida útil.

É sempre bom estar ao lado de quem trabalha pensando em como melhorar sua produção. Isso é mais tecnologia. É GTS do Brasil.



Laterais e Bicos Centrais de Polietileno

O polietileno oferece maior leveza, durabilidade e vida útil, além do menor atrito com as plantas proporcionando melhor fluxo de colheita.



GTS
DO BRASIL
É mais Tecnologia

Os sistemas de **DOSAGE**

Ruy Casão Júnior — Pesquisador do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar)

A idéia de semear mecanicamente data da Antiguidade. Crônicas persas e hindus falam do uso desses equipamentos. Historiadores contam que os romanos semeavam com o mesmo cuidado que treinavam suas tropas. Na Europa, a semeadura era realizada manualmente até o final do século XVII, quando a idéia se espalhou para praticamente todos os países.

A primeira semeadora desenvolvida na Europa foi em 1636, por Joseph Locateli de Corinto. Denominada de “semeadore” pelo seu criador, possuía conchas rotativas que pegavam as sementes num depósito cilíndrico e conduziam-nas por tubos até o solo. Em 1785, James Cook desenvolveu uma semeadora que tem sobrevivido até nossos dias, sendo na época extremamente utilizada na Inglaterra.

J.A. Portella (1991) cita, por sua vez, que os primeiros modelos de semeadoras pneumáticas foram desenvolvidos a partir dos anos 60, derivados do protótipo original desenvolvido pela Becker, na Alemanha. Como é o caso da semeadora Fause Miniair, também alemã. Surgiram na Itália as semeadoras Gaspardo e Calignani; e na França, a Nodet-Gougis e Monosem. Nos Estados Unidos, a aceitação foi principalmente para as culturas de milho, soja e girassol, cujos modelos mais conhecidos eram a Allis-Chalmers International, White e John Deere. Hoje, no Brasil, existem oito fabricantes oferecendo semeadoras com sistema pneumático.

O entendimento dos fatores que afetam a semeadura facilita a compreensão do funcionamento de uma semeadora, visando-se obter um bom desempenho na implantação das culturas. Hoje em dia é crescente o emprego do sistema de plantio direto, no qual o revolvimento do solo deve ser mínimo. As máquinas



M mecânico e pneumático



semeadoras devem cortar a palha sobre a superfície do solo, evitando, assim, embuchamento nos demais componentes. Devem abrir um sulco para depositar o fertilizante na dosagem, posição e profundidade adequada.

Esse sulco deve ser fechado e em seguida aberto novamente para a deposição das sementes na dosagem, posição e profundidade desejada. Após isso, ele deve ser fechado com terra, retornando também a palha anteriormente retirada da linha de semeadura sobre o sulco e finalizar com a adequada compactação do solo lateralmente às sementes, para que estas absorvam água durante seu processo de germinação e emergência. Observa-se que, para cumprir essas funções, a semeadora deve possuir um conjunto de sistemas e componentes, sendo os dosadores de sementes um deles.

O primeiro passo a ser tomado na semeadura em precisão é na dosagem de sementes, sendo que as recomendações agrônômicas variam de 3 a 25 sementes por metro, como é o caso do milho, semeado em espaçamentos estreitos (45 cm), e soja, em densidades elevadas. As sementes a serem distribuídas em precisão variam em formato, uniformidade, rugosidade e dimensão.

Outro fator está na uniformidade das sementes de uma mesma espécie e cultivar, além de possíveis tratamentos que a mesma possa sofrer, como inoculantes, inseticidas e fungicidas, que altera seu coeficiente de atrito. Dessa forma, elas encontram dificuldade para se alojarem adequadamente nos alvéolos dos dosadores. Por esse motivo é que se recomenda, na maioria das vezes, o uso de grafite como lubrificante seco.

A dosagem de sementes é realizada por discos horizontais alveolado na maioria das semeadoras de precisão brasileiras. São o coração da máquina seme-

SEMEADORAS

adora, pois têm a função de capturar, individualizar, dosar e liberar as sementes. Nos dosadores pneumáticos possuem as mesmas funções. Outros sistemas já utilizados nas máquinas nacionais, como os de dedos prensores e copos coletores, praticamente não são mais comercializados.

A primeira coisa a se fazer com o dosador mecânico de sementes é definir o número, a forma e o diâmetro dos orifícios. Nos discos alveolados, os orifícios possuem formato redondo, ou oblongo, dependendo das características das sementes. O número depende da densidade de semeadura.

Uma característica importante é a velocidade tangencial dos orifícios, pois se a mesma for superior a 15 cm/segundos, as sementes não conseguirão se alojar nos alvéolos do disco. Sementes redondas apresentam menos problemas, mas sementes com formato irregular ou rugosas necessitam de um cuidado maior. As alternativas que existem são aumentar o número dos orifícios, aumentar o diâmetro do disco e diminuir a velocidade da semeadora.

Nos dosadores pneumáticos, as se-



Distribuição



Câmara de individualização e ejeção de sementes em dosadores do tipo discos alveolados e tubulação de descarga na saída de um dosador de sementes a vácuo

mentes são capturadas por vácuo parcial ou por pressão junto aos orifícios de um disco. Há um dispositivo limpador que individualiza as sementes, devendo ser regulado com cuidado, assim como a pressão do fluxo de ar positivo ou negativo. Quando a semente chega perto do tubo de descarga, o vácuo ou pressão positiva é bloqueado, fazendo com que ela caia no tubo. Os dosadores pneumáticos usados atualmente no Brasil são a vácuo.

Qualquer erro que ocorra nesse conjunto chamamos de erros de do-

sagem. Podendo alojar mais do que uma semente por orifício, ou até nenhuma, que é comum com os discos girando rapidamente. Saindo as sementes do sistema de dosagem entram na tubulação de descarga. Assim, a precisão obtida no dosador pode ser prejudicada na tubulação de descarga.

Não deve haver nenhum ponto que obstrua a passagem das sementes, como entalhes e ranhuras. O tubo deve ser o mais liso e curto possível, para evitar que as sementes ricochetem nas paredes do tubo, chegando ao solo nas mes-

Produtor deve levar em conta uma série de fatores antes de optar por uma semeadora. Modelos com características diferenciadas não faltam no mercado



mas distâncias em que saíram do sistema de dosagem.

A figura 1 (página anterior) mostra o interior de um disco duplo, a tubulação de descarga com curvatura voltada ao contrário da direção de deslocamento da máquina. Esse detalhe muito importante deve ser observado, pois se a semeadora se deslocar a velocidade de 5 km/hora, por exemplo, as sementes caem no solo também nessa velocidade. Dessa forma, podem ricochetear no sulco, movimentando-se e até cair para fora, ficando expostas. A curvatura faz com que a componente de velocidade longitudinal da semente aproxime-se de zero, procurando cair no solo somente com a componente vertical de velocidade.

Os erros que ocorrem da saída do dosador ao fundo do sulco de semeadura são chamados de “erros de deposição”. Assim, a uniformidade longitudinal de distâncias entre sementes no sulco é dada pelos erros de dosagem e deposição.

Considerando, por exemplo, o espaçamento entre sementes na linha de 10 cm, a norma 04: 015.06-004, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), determina como sendo aceitável ou normal que as sementes se distanciem de 5 cm a 15 cm entre elas. Quando inferiores a 5 cm, são consideradas que as sementes estão juntas ou duplas; e, acima de 15 cm, significa que ocorreu uma falha. Culturas como o milho, onde se semeia poucas sementes por metro é importante que haja mais de 75% de espaçamentos normais. No caso de soja e feijão, esses valores são difíceis de serem obtidos devido aos erros de deposição, e é questionável esse nível de precisão, pois as plantas se compensam quando ocorrem pequenas falhas.

Estudos de ensaio de semeadoras em laboratório avaliaram sob vários aspectos sete semeadoras, com sistema de dosagem mecânica com discos horizontais, uma com disco inclinado e uma

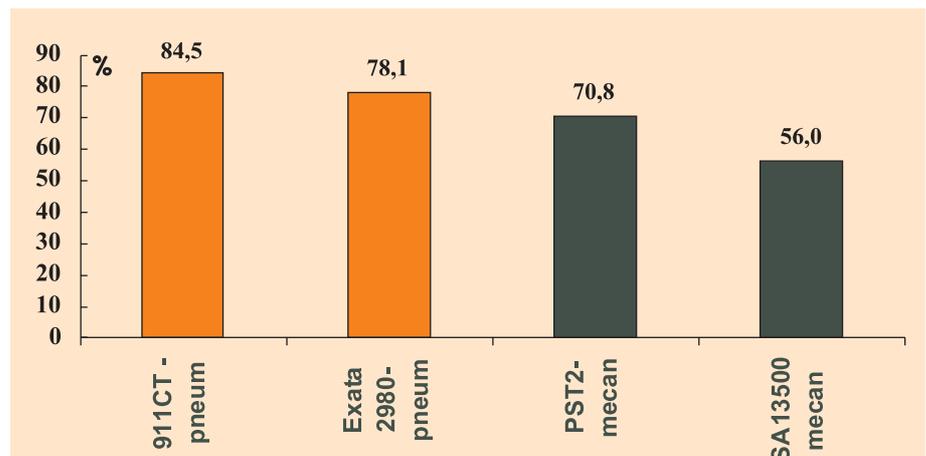


Figura 3 – Porcentagem de espaçamentos aceitáveis de milho em semeadoras pneumáticas e mecânicas

pneumática, com disco pressurizado. O estudo foi realizado com milho e o melhor desempenho foi obtido com a semeadora pneumática com 26 furos no disco de sementes. Observou-se que, de maneira geral, a distribuição piorou com o aumento da velocidade e a redução do nível do depósito.

Um estudo conduzido por H. Bernacki (1972) com várias semeadoras, inclusive uma pneumática, obteve o melhor desempenho (91,6% de espaçamentos aceitáveis) com uma semeadora de discos horizontais, seguida do sistema com rotor vertical, correia e pneumático (75,5% de aceitáveis), sendo que todos atenderam à exigência agrônômica de distribuição superior a 75% de aceitáveis.

A maior irregularidade de distribuição das sementes, no estudo em nível de campo em relação ao de laboratório, deveu-se, em grande parte, às variações na trajetória das sementes no tubo de descarga e ao rolamento das mesmas no solo após o impacto, além do efeito vibratório que ocorre no campo.

Trabalho de E.C. Mantovani (1992), sobre avaliação de semeadoras a campo, envolveu nove equipamentos com a cultura de milho e três diferentes velocidades de deslocamento. A porcentagem de espaçamentos aceitáveis variou de

44% a 78%. Os resultados mostraram que uma semeadora pneumática com pressão positiva não obteve melhores resultados do que algumas com discos perfurados. Observa-se muitas vezes que os resultados de campo são influenciados pela emergência, ou seja, dependem de como as sementes foram semeadas, como profundidade, aterramento, cobertura com palha, selamento, espelhamento, torrões, compactação e ocorrência de bolsões de ar.

Observou-se um efeito significativo na redução do estande inicial para a velocidade superior a 7,5 km/hora em relação às demais. Apesar de todas as semeadoras apresentarem estande inicial em torno de 50.000 sementes/ha, o estande final ficou abaixo desse valor, salvo algumas

R. Casão Júnior (1996) estudou um dosador pneumático com rotor vertical (figura 2) em laboratório. Com o aumento do vácuo parcial, aumenta a frequência de sementes a espaçamentos duplos e diminui as falhas. Os melhores resultados com milho foram 300 mbar de vácuo parcial e 10,5 cm/segundos de velocidade periférica do rotor dosador, obtendo-se 78%

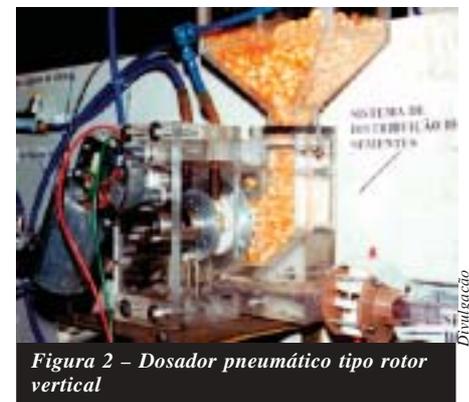


Figura 2 – Dosador pneumático tipo rotor vertical

TABELA – EFEITO DA VARIAÇÃO DA VELOCIDADE PERIFÉRICA DO ROTOR E NÍVEL DE VÁCUO NA FREQUÊNCIA DE TEMPOS CONSIDERADOS ACEITÁVEIS (%) ENTRE SEMENTES DE SOJA

Vácuo\Vel. Per.	10,5 m/s	21,0 m/s	31,5 m/s	42,0 m/s	Média
380 mbar	85,2 a A	85,3 a A	85,1 a A	80,5 a A	84,0 A
410 mbar	82,1 a A	85,2 a A	87,7 a A	86,7 a A	85,4 A
440 mbar	83,1 a A	79,4 a A	88,4 a A	80,2 a A	82,8 A
Média	83,5 a	83,3 a	87,1 a	82,5 a	84,1

de espaçamentos aceitáveis.

Na tabela ao lado, observa-se que não houve variações na porcentagem de espaçamentos aceitáveis em soja, em função da variação do vácuo e da velocidade periférica do rotor dosador. O valor médio foi de 84,1% de espaçamentos aceitáveis. A recomendação ou não do sistema pneumático passa por um conjunto de características do produtor, da propriedade, das culturas, tipo de solo e clima, enfim, de um contexto global.

Em primeiro lugar, os sistemas de dosagem mecânico e pneumático podem melhorar somente os problemas de erros de dosagem. Não solucionam os problemas de deposição e muito menos a

germinação e emergência das plantas.

Considera-se que os dosadores pneumáticos agregam um custo adicional ao preço total da máquina. Isto deveria ser compensado com a melhoria da produtividade e lucratividade do produtor. Sabe-se que os dosadores pneumáticos apresentam uma performance melhor que os mecânicos, principalmente em velocidades acima de 8 km/hora e com sementes de formato irregular como o milho. Nessa velocidade, somente é possível semear com discos abridores de sulco para a deposição de fertilizante. Caso for necessária a utilização de hastes sulcadoras, comum em plantio direto nos solos com maior teor de argila, o revol-

vimento será proibitivo e o aumento de potência exigida também.

A figura 3 (página anterior) mostra que semeadoras pneumáticas, trabalhando a 8 km/hora, apresentam um desempenho melhor que as mecânicas.

Quando é utilizado soja, os dosadores mecânicos apresentam bom desempenho a velocidades superiores a 8 km/hora. Em condições de trabalho até 6 km/hora, não se justifica o uso de dosadores pneumáticos. A figura 4 apresenta a variação da dosagem transversal de sementes, ou seja, a diferença que ocorre entre as linhas de uma máquina. Observa-se que somente uma semeadora com dez anos de uso apresentou mal desempenho,

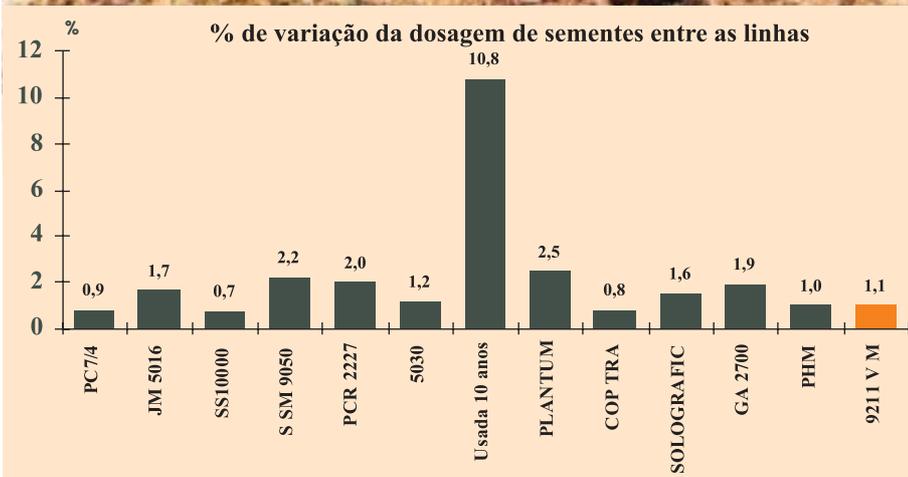


Figura 4 – Variação na dosagem transversal de sementes de soja de diferentes semeadoras

todas as outras obtiveram desvio da média inferior a 2,5%, considerando que é aceitável valores inferiores a 7%. Entre elas havia uma semeadora pneumática.

É incontestável que devemos procurar a perfeição, e o princípio pneumático apresenta melhor potencial para conseguir um melhor desempenho, mas devemos também nos preocupar com os erros de deposição e uma semeadura adequada. Pois, toda a precisão obtida no dosador pode ser perdida abaixo dele. ■

PROMOÇÃO

PRESENTEIE UM AMIGO!

O melhor presente para aquele seu amigo(a) do peito: **INFORMAÇÃO**

Você que já é assinante das revistas O Brasil Agrícola - A Granja ou AG Leilões, tem um super desconto ao fazer uma segunda assinatura em nome de um amigo(a). Dê um presente para quem você gosta!

A primeira edição seu amigo(a) recebe em uma embalagem especial com um cartão seu personalizado!

15%
DE DESCONTO



ATENÇÃO

Você pode indicar uma outra pessoa para ganhar esse desconto especial. Basta que seu(a) amigo(a) entre em contato conosco e informe que está participando da promoção Presenteie um Amigo!

Assinaturas: 0800-541-0526

das 8h30min às 12h e das 13h30min às 18h30min

www.agranja.com

Conheça também nosso site. Ele está repleto de informação para você que é Líder Rural ou Criador de Alta Genética.

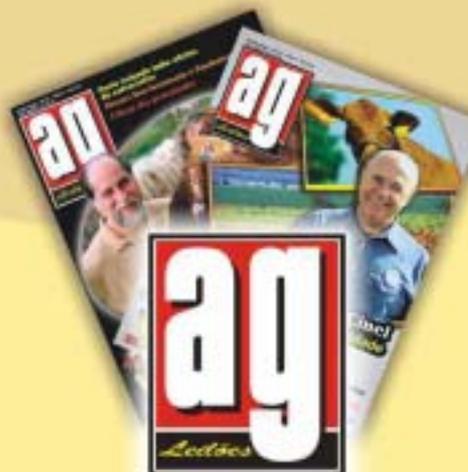


1 Ano

- 12 exemplares de A GRANJA
- + 1 A GRANJA DO ANO
- + 10 AG LEILÕES
- + 1 Guia do Criador

2 Anos

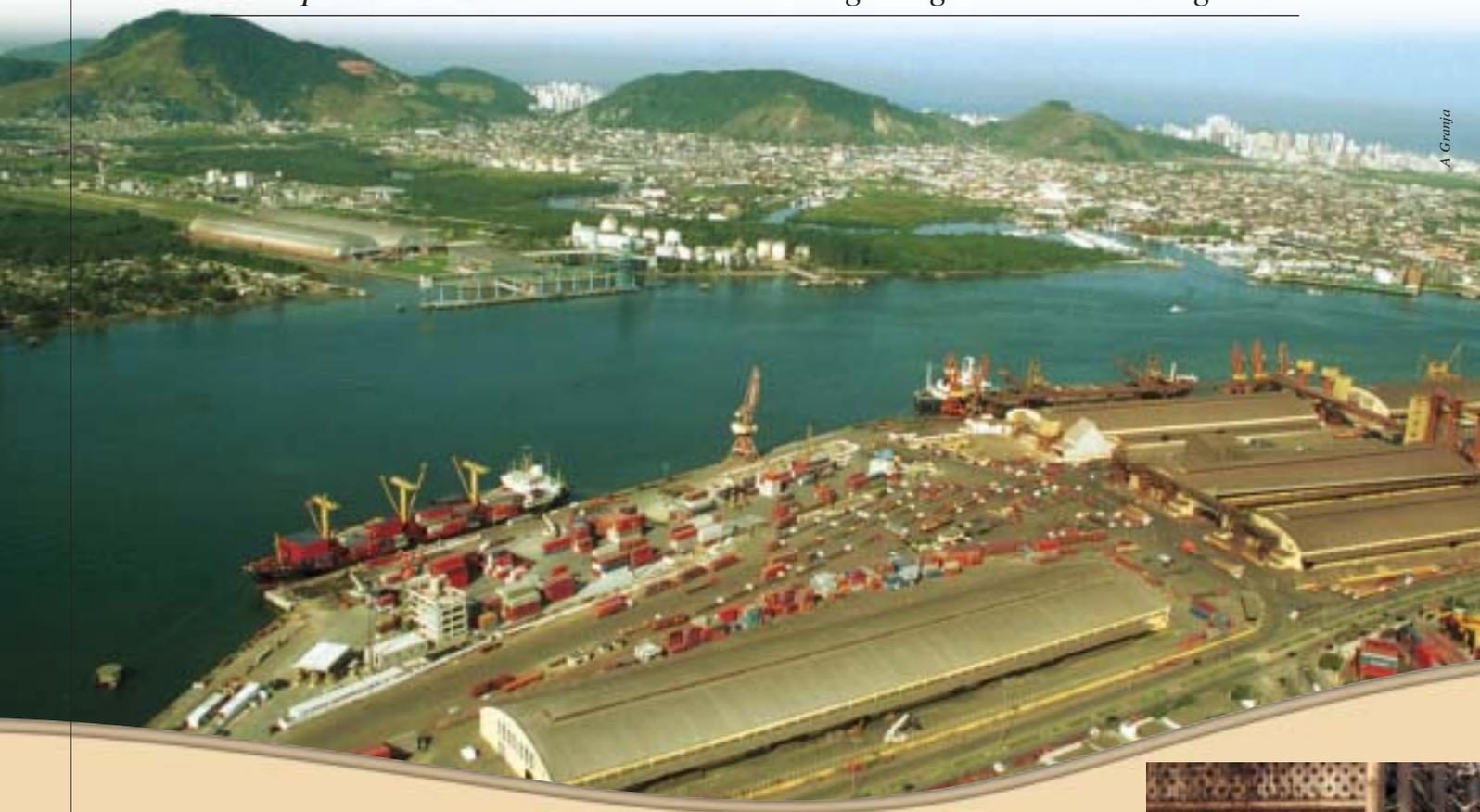
- 24 exemplares de A GRANJA
- + 2 A GRANJA DO ANO
- + 20 AG LEILÕES
- + 2 Guias do Criador



Faça sua assinatura com cartão de crédito. É mais fácil e mais rápido.

A economia brasileira

Ano de eleições nos Estados Unidos, resultados pífios nas últimas reuniões, entre outros fatores, apontam que não haverá muita expansão no comércio hemisférico. As negociações, no entanto, ainda não terminaram, e novas cartas ainda poderão ser colocadas na mesa. O agronegócio brasileiro aguarda



A Granja

A proteção por dentro

Açúcar

Pode ser considerado o produto mais completo em acúmulo de proteções de fronteira. Em muitos países, observa-se a presença conjunta de cotas tarifárias, tarifas extracotas proibitivas e sistemas de preços de entrada (salvaguardas especiais). Em geral, os

países que são produtores sustentam elevadas proteções comerciais para garantir auto-suficiência. Por isso, o comércio de açúcar entre os países da Alca não tem relevância no comércio total do produto. Os dois maiores mercados consumidores nas Américas são o Brasil e os Estados Unidos, que se defendem contra importações por meio de

uma cota tarifária para o açúcar bruto (167,9%) e de um pico tarifário associado a salvaguardas especiais no açúcar branco.



ira vai **ENGORDAR?**

Glauco Menegheti

Alca light, *à la carte*. Será um prato especial inspirado no bloco de livre-comércio? Antes fosse. O nome de inspiração gastronômica na verdade é uma alternativa à falta de entendimento dos 34 sócios da Área de Livre-Comércio das Américas e de seu virtual fracasso se levado em conta o objetivo inicial, que era o de promover a liberalização ampla no comércio de bens e serviços entre os países das Américas. Não necessariamente de uns contra todos, mas uma alternativa posta na mesa pelo Mercosul, na Reunião Ministerial de Miami, que aconteceu em novembro de 2003, à proposta norte-americana de enviar os temas subsídios agrícolas e regras de defesa comercial para a Organização Mundial de Comércio (OMC).

A idéia dos “três trilhos”, também chamada de Alca light, possibilita aos países a opção de negociar os diversos temas nas esferas bilateral, plurilateral (em grupo de países) ou multilateral. Como explica um documento elaborado por especialistas ligados ao Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Ícone), entre eles Marcos Jank, essa configuração permiti-

ria que temas sistêmicos, sensíveis ao Brasil, como regras de investimentos, serviços e propriedade intelectual, fossem remetidos para o trilho multilateral, deixando no bilateral todas as negociações de acesso a mercados de bens e serviços. A proposta do Mercosul, dada a sua flexibilidade e menor abrangência, deve prevalecer na Alca, pois contempla a possibilidade de se deslocar para a OMC temas como subsídios agrícolas e regras de defesa comercial – no que os Estados Unidos têm especial interesse.

A questão a saber é se trará vantagens para a economia brasileira e de seus sócios, principalmente ao setor primário. Para se ter uma idéia, o Brasil detém o 4º lugar nas exportações agrícolas mundiais, com uma taxa média de crescimento acima de 6% ao ano. É o primeiro exportador mundial de produtos do complexo soja, café, açúcar, suco de laranja, tabaco e carne bovina e de frango. Tudo isso com todo protecionismo existente. Justamente nessas cadeias de produção que o pesquisador André Meloni Nassar, do Ícone, vê as melhores possibilidades de crescimento para o País. O prazo é que não pode ser determinado.

Listas de exceção — Até o momento não é garantido que as negociações de acesso eliminarão a colocação de pro-

duto em listas de exceção – o que garante o atual sistema tarifário. “Pelo contrário. A menor abrangência das negociações tende a valer também para as ofertas de produtos”, constata os pesquisadores do Ícone. Sobretudo para a agricultura brasileira, a opção por uma Alca menos abrangente deverá dificultar o processo de abertura nos produtos sensíveis, uma vez que se podem estabelecer precedentes de tratamento excepcional para um pequeno conjunto de linhas tarifárias do nosso interesse. Isso quer dizer que os produtos da pauta exportadora ainda estão sujeitos a toda a sorte de barreiras comerciais.

Se os países entrarem em acordo em relação à existência de uma pequena lista de exceções de apenas 2% do universo tarifário, esse precedente já será sufi-



A Granja

Suco de laranja

Os Estados Unidos, segundo maior produtor de suco de laranja do mundo, detêm a maior tarifa de importação entre os países estudados, estando ela fixada em torno de 47%. É provável que um corte tarifário para esse produto, nos Estados Unidos, provoque uma elevação nos preços FOB (posto no porto), promovendo uma relativa melhora na remuneração dos produtores de laranja brasileiros. Acredita-se, po-



A Granja

rém, que, devido a características peculiares desse setor nos EUA, uma redução nas tarifas não resultaria, necessariamente, em uma elevação significativa nos volumes de exportação do Brasil.

ciente para retirar da Alca todos os produtos de interesse brasileiro no mercado norte-americano, tais como suco de laranja, açúcar bruto e refinado, óleo de soja, etanol, carnes, fumo, laticínios e outros.

Possibilidades — De todas as áreas de negociação agrícola, é em acesso a mercados onde o Brasil tem mais a ganhar. Foi exatamente essa proposta apresentada pelo bloco do Cone Sul na última reunião da Alca, ocorrida em Puebla, México, em fevereiro. As negociações foram interrompidas por um impasse: o Mercosul apresentou uma posição ambiciosa em acesso a mercados e agricultura, mas relutou em oferecer propostas em regras para serviços, propriedade intelectual, compras governamentais e investimentos.

Os Estados Unidos, por sua vez, insistem em negociar acesso a mercados em troca de regras. As propostas dos EUA são relativamente bem-aceitas pela maioria dos países do Hemisfério, mas desagradam profundamente aos sócios do Mercosul. “Alguns sócios têm uma economia extremamente simples, às vezes alicerçada em apenas um produto, o que torna a adesão aos interesses norte-americanos muito mais fácil e vantajosa”, lembra Carlo Lovatelli, presidente da Associação Bra-

socição Bra-

sileira de Agribusiness (Abag) e da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove).

Entenda o caso — De um lado estão as demandas do Brasil e dos sócios do Mercosul para que haja abertura de mercado para produtos agrícolas. O obstáculo a ser transposto, daí no foro multilateral da OMC, são as medidas de apoio interno criadas pelos Estados Unidos para defender alguns setores considerados sensíveis e intensivos em mão-de-obra, entre eles os ligados ao agribusiness. Apesar de os EUA serem o país mais aberto das Américas, protegem pontualmente esses setores, sendo justamente os que interessam ao agronegócio brasileiro. O mesmo acontece com outros grandes mercados consumidores das Américas, como México e Canadá.

Para isso, os norte-americanos subsidiavam a produção (graças a uma política de garantia de preços) e as exportações. Além disso, impõem cotas, picos e escaladas tarifárias para impedir que os produtos de outros países cheguem com preço inferior aos praticados internamente. É em tarifas de importação

onde o Brasil pode conseguir algum avanço em termos de flexibilização.

Está na agenda também a ser superada o acordo sobre as exceções, ou seja, grupo de produtos que ficariam temporariamente de fora da abertura comercial. Os norte-americanos insistem em colocar para frente (prazo de dez anos) a redução de tarifas de alguns produtos considerados sensíveis, como açúcar, etanol, carnes e suco de laranja. O governo brasileiro não aceita nenhuma exceção e quer trocar acesso por acesso.

Por sua vez o interesse dos norte-

americanos recaem sobre regras para serviços, investimentos e compras governamentais, sendo que o segundo tema é o mais caro de todos. “As vantagens para os norte-americanos virão muito mais de investimentos do que de acesso a mercados”, constata André Meloni Nassar. A questão é que o mercado interno brasileiro não oferece tantas oportunidades de absorção de produtos. O governo norte-americano pleiteia a redução do poder dos governos para arbitrar sobre o dinheiro estrangeiro investido, ao que o governo brasileiro se recusa em ceder.

Consequências — A solução da Alca light desagradou algumas lideranças do agribusiness brasileiro.



Nassar vê maior chance de crescimento nos produtos da pauta de exportação

A Granja



Álcool etílico e carburante

Apenas Brasil e EUA possuem mercados consolidados e crescentes para o álcool combustível. Por esse motivo, não se pode dizer ainda que existe um mercado internacional de álcool carburante. As exportações brasileiras são de álcool para fins industriais. Por se tratar de um produto estratégico (fonte renovável e substituto de combustíveis fósseis), o álcool carburante sempre

possuirá forte regulação internacional quanto ao seu comércio, tanto em países desenvolvidos como nos emergentes. É o caso dos EUA, que impõem tarifa de importação que atua de forma proibitiva. Assim, apesar do fato de o mercado de álcool combustível hoje existir apenas no Brasil e nos EUA, entende-se que a Alca é o grande mecanismo para forçar os EUA, e os demais países das Américas que entrarem nesse mercado, a liberalizar seus mercados para o Brasil. Clayton Hygino de Miranda, vice-pre-

sidente executivo do Grupo Coimex (maior exportador de commodities agrícolas do Brasil), não vê boa vontade na abertura do mercado norte-americano, onde é aplicada uma taxa de importação de 44%. “O lobby da *Corn Growers Association* abafa qualquer possibilidade de abertura”, alega o executivo. O álcool etílico produzido nos Estados Unidos é feito a partir do milho.

Carne de aves

As carnes de aves têm características bastante peculiares. Mercosul, Chile, Colômbia, Estados Unidos, Guatemala e Venezuela estabelecem tarifas

“Alca light significa Alca nada”, opina Gilman Viana Rodrigues, vice-presidente para Assuntos Internacionais da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Sobretudo porque ela não contempla em um só ponto aquilo que os empresários do agribusiness desejam em termos de Alca.

Para que o setor agrícola do Mercosul consiga um bom acordo de acesso a mercado, no caso da Alca básica, terá de levar em conta os interesses dos outros países nas demais áreas. “Isso exigirá do Mercosul maior flexibilidade e boa vontade com os interesses do agronegócio”, posicionam-se os representantes. Para eles, o risco de não fazer propostas mais abrangentes é a multiplicação de formatos bi e plurilaterais no hemisfério, com desvios de comércio, investimentos e empregos em direção a regiões agrícolas menos eficientes. Tal preocupação não deve ficar restrita apenas à perda potencial dos grandes mercados consumidores da região, mas também ao desmoronamento das preferências historicamente obtidas por meio dos acordos da Associação Latino-Americana de Integração (Aladi).

O que está em jogo e precisaria ser avaliado meticulosamente é o impacto que uma possível flexibilização em regras traria para a economia brasileira. E se realmente poderíamos compensá-la com uma

hipotética abertura para produtos do agronegócio. De acordo com Nassar, do Icone, o governo reforça a desconfiança nos antecedentes de resultados nulos do acordo feito pelos Estados Unidos com a Austrália. Gilman Rodrigues, da área de Assuntos Internacionais da CNA, não está vendo possibilidade de liberalização.

No entanto, ele pensa ser fundamental que o governo avance na sua oferta em investimentos, serviços e compras governamentais. Como consta do conjunto de propostas enviadas por lideranças, esses três temas são fundamentais para o agronegócio, já que grande parte da composição do preço final dos alimentos é determinada por serviços e investimentos.

Avanço em tecnologia — Ênio Marques, consultor e ex-diretor da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), é da opinião de que mesmo pequenos avanços em acesso a mercados trarão muitos ganhos para a economia brasileira, incluída a cadeia de carnes em geral. Esses produtos estão entre a lista daqueles considerados sensíveis porque são grandes geradores de mão-de-obra.

Ao contrário do governo brasileiro, Marques não vê problemas na flexibilização em investimentos.

Seja como for o desfecho da Alca, a carta dos representantes do agronegócio aponta que as ações negociadoras do governo e os interesses da iniciativa privada precisam de maior sintonia. “Fico rezando para que façam acordos que possamos cumprir”, roga Gilman Viana Rodrigues, da CNA. Como este ano é de eleições presidenciais nos Estados Unidos, não deverá haver avanços significativos no âmbito da Alca, pois ninguém deverá arriscar colocar em jogo perdas de curto prazo. ■



A Granja

baixas, inferiores a 25%. Canadá e México, por outro lado, estabelecem tarifas superiores a 240%. No Canadá, elas atingem 505,3% para a carne de frango congelada em pedaços.

Carne bovina

As tarifas impostas sobre a carne bovina nos países estudados obedecem a um padrão comum, estando fixadas em torno de 25%. Nesse sentido, Estados Unidos e Canadá estabelecem tarifas na ordem de 26,5% a 26,4%, respectivamente. Embora constituam picos tarifários conforme o critério adotado neste trabalho, seu valor é muito próximo ao patamar mínimo estabelecido de 25%, o que mostra que as medidas tarifárias não são extremamente extorsivas.

Siloplast

A silagem bem feita.

Plastisul
o nome do plástico

ISO9001

www.plastisul.com.br • vendas@plastisul.com.br
Fone: (51) 474 2522 • Fax: (51) 474 2608

GPS

Sistema de posicionamento por satélite

- Cálculo de área
- Determinação de produtividade
- Mapeamento da lavoura
- Cálculo de distância

Menu e manual em português

alcom@alcom.com.br

Av. Pernambuco, 1017
Fone: (51) 3024-7100

Garantia de 1 ano

POA-RS

CURSOS TREINAMENTO

RONDONÓPOLIS será palco de tecnologia



Duzentas e cinquenta empresas de máquinas e implementos agrícolas, sementes e insumos reúnem-se, no período de 13 a 17 de abril, para a terceira edição da Agrishow Cerrado, em Rondonópolis/MT. O número de expositores representa um aumento de 15% em relação ao ano passado, quando a feira agrícola movimentou R\$ 650 milhões em negócios.

A Fundação MT e a Abimaq, realizadoras do evento, preparam algumas novidades para 2004.

Um fórum de palestras contará com a presença do governador de Mato Grosso, Blairo Maggi, considerado o maior produtor individual de soja do mundo, com palestra marcada para a cerimônia de abertura oficial da Agrishow Cerrado (dia 13/4), do ex-ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes (dia 15/4), que compõe o Conselho Estadual de Desenvolvimento Econômico e Relações Internacionais, e do diretor e editor do boletim "Alerta Científico Ambiental", Nilder Costa (dia 14/4), autor do livro *Máfia Verde*.

O presidente da Agrishow Cerrado 2004 e da Fundação MT e vice-presidente do Grupo Maggi, Hugo de Carvalho Ribeiro, considera o fórum de palestras de fundamental importância pelos temas abordados, que são de interesse de todos. "Na Agrishow Cerrado, além de ter acesso às novidades tecnológicas, o visitante estará por dentro de assuntos importantes e com a abordagem de personalidades do agronegócio brasileiro", avalia Hugo.

Para o algodão, cultura que já colocou Mato Grosso como o campeão naci-

onal de produção, será dedicado um dia inteiro na programação. Será o "Dia do Algodão", quando empresas de máquinas e implementos, sementes e insumos estarão fazendo ofertas especiais aos produtores desta cultura no Estado. Estes ainda poderão participar de palestras e discussões técnicas sobre a realidade da cotonicultura.

Mas a entusiasmo em termos de negócios deve mesmo ficar por conta dos produtores de soja. O Estado deve produzir, este ano, cerca de 15 milhões de toneladas, número que coloca Mato Grosso como o maior produtor do grão no Brasil. Para o cenário melhorar e a agricultura brasileira ganhar ainda mais competitividade no cenário global, os produtores esperam por parte do governo federal linhas de crédito para a modernização e implementação de novas tecnologias.

O pequeno produtor rural também contará com uma programação especial durante a Agrishow Cerrado. No ano passado, 2.500 agricultores passaram pelo evento, participaram da dinâmica de máquinas e de debates com temas específicos. Este ano, as indústrias de máquinas e implementos pretendem intensificar a demonstração das novidades que estão sendo lançadas no mercado para chamar a atenção desse segmento, já consolidado como importante nicho de mercado.

Para eles, a Empresa Mato-grossense de Pesquisa e Extensão Rural (Empaer) do Governo de Mato Grosso está montando uma pequena propriedade de 1,2 hectare para mostrar como é possível ter renda suficiente para uma família de quatro membros,

utilizando-se adequadamente a terra. Os organizadores esperam que outros 3 mil pequenos produtores visitem a feira este ano.

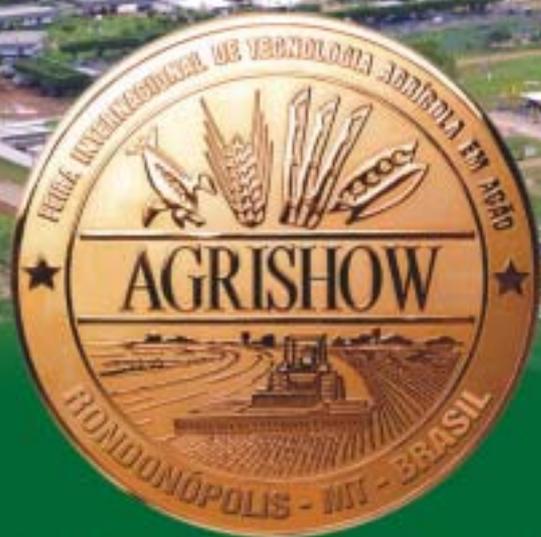
E, quem quiser fazer negócios, não precisará sair da feira para buscar financiamento. Agências bancárias estarão instaladas dentro do recinto da Agrishow Cerrado para analisar propostas e indicar as melhores linhas de financiamento para grandes e pequenos produtores.

Para garantirem o conforto dos participantes da feira agrícola, os organizadores colocam à disposição um serviço de hospedagem alternativa para poder acomodar todos os visitantes e expositores que passarão pelo evento (66 423-2041).

Como nos anos anteriores, toda essa movimentação de gente também traz bons frutos para a cidade. Localizada a 210 km ao sul de Cuiabá, Rondonópolis vê acrescidos ao seu movimento econômico R\$ 12 milhões, fruto da contratação de mão-de-obra temporária e de serviços durante a preparação e a realização da Agrishow Cerrado.

O local para a feira não poderia ser mais apropriado. A cidade é considerada um dos maiores pólos agrícolas do Centro-Oeste brasileiro e a infra-estrutura do Parque de Exposições Wilmar Peres de Farias, onde se realiza a Agrishow Cerrado, garante o conforto para os expositores e os visitantes.

Com todos esses números, a Agrishow Cerrado está definitivamente consolidada como uma das maiores feiras agrícolas do Brasil. ■



AGRISHOW CERRADO 2004

13 A 17 DE ABRIL EM RONDONÓPOLIS-MT



EXCELÊNCIA EM DIFUSÃO TECNOLÓGICA E NEGÓCIOS AGRÍCOLAS

- **EXPOSIÇÃO ESTÁTICA: 250 EXPOSITORES** - **MÓDULOS PARA AGRICULTURA FAMILIAR**
 EMPRESAS DE INsumos
 FERTILIZANTES
 DEFENSIVOS AGRÍCOLAS
 EXPOSIÇÃO DE BILDS E ARMAZENS
 EMPRESAS DE AGRONEGÓCIO
 INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS
 INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
 DESENVOLVIMENTO GOVERNAMENTAIS
- **DINÂMICA DE MÁQUINAS: 120 HECTARES**
 MÓDULOS:
 PLANTIO
 PREPARO DE SOLO
 APLICAÇÃO DE FERTILIZANTES
 COLHEITA
 AGRICULTURA DE PRECISÃO
 CORTE DE FORMAS
- **CULTURAS:**
 SOJA
 ALGODÃO
 FEJÃO
 MILHO
 FORMAS

- **FÓRUM DE PALESTRAS**
 - 13/04 ESTRATÉGIAS DE GOVERNO PARA DESENVOLVIMENTO DO MT:
 EXMO. BLAÍRO M. MADDI - GOVERNADOR DO ESTADO DE MT
 - 14/04 SOJA COMO DESENVOLVIMENTO SOCIAL:
 DR. NILDER COSTA - DIRETOR E EDITOR DO BOLETIM
 "ALERTA CIENTÍFICO E AMBIENTAL"
 - 15/04 COMÉRCIO EXTERIOR E CADEIAS AGRÍCOLAS:
 DR. PRAYINI DE MORAES-CORREIA DO CONSELHO ESTADUAL
 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
 DE MATO GROSSO (CEBER)
 - MODERADOR / DEBATEDOR DAS PALESTRAS:
 ANDRÉ NASSAR - DIRETOR EXECUTIVO DO IGCN
 INSTITUTO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO E NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

- **GOVERNO ESTADUAL ITINERANTE, DENTRO DA AGRISHOW CERRADO 2004**

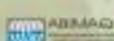
- **CENTRAL DE VENDAS DE ESTANDES:**
 0xx11 3591-6300

HOSPEDAGEM ALTERNATIVA:
 0xx66 423-2041
 0xx66 424 0195

ORGANIZAÇÃO



REALIZAÇÃO



APÓIO



Para s

Assessoria de Propaganda



É preciso ter experiência



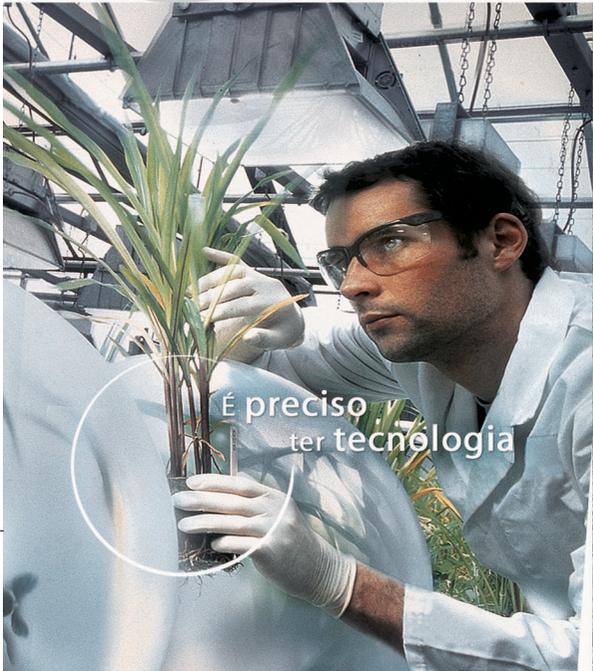
www.bayercropscience.com.br

É preciso ser...





er líder



É preciso
ter tecnologia



É preciso ter uma equipe
altamente
qualificada



Bayer CropScience

SEU PARCEIRO PARA CRESCER

Experiência, tecnologia, equipe altamente qualificada. A união desses fatores tem escrito a história da Bayer CropScience, marcada por produtos cada vez mais eficazes no modo de ação e na forma de aplicação, potencializando a produtividade das culturas.

A Bayer CropScience sabe que responsabilidade é o melhor sinônimo de liderança e que suas maiores vitórias estão no sucesso que proporciona aos seus parceiros no campo, fiel à convicção de que só é líder de fato quem trabalha para ser melhor a cada dia. *Bayer CropScience. Líder mundial em soluções para a Agricultura.*



Tecnologia de ENCHER os olhos

Luciana Radicione

A expectativa de quebra na safra do Paraná de cerca de 30% em função da seca não intimidou os produtores que estiveram na 16ª edição do Show Rural Coopavel, realizado entre os dias 9 e 13 de fevereiro em Cascavel/PR. Visitada por produtores de todo o País, mas a grande maioria paranaense, a feira não deixou a desejar nos quesitos tecnologia, novidades e infra-estrutura. Mesmo sabendo que vai colher e lucrar menos, o produtor não descartou a possibilidade de conferir de perto as inovações apresentadas na edição 2004. Todos os anos é a mesma coisa: diversas excursões organizadas por cooperativas lotam as ruas do parque. Não importa o ramo da atividade desenvolvida, todos foram em busca de tecnologia para a sua propriedade.

De acordo com o diretor-presidente da Coopavel, Dilvo Grolli, a feira superou as expectativas dos organizadores e mais uma vez se consolidou como um evento de todo o oeste do Paraná e não apenas da Cooperativa Agropecuária Cascavel (Coopavel). O sucesso do evento, segundo Grolli, está associado a um fator: “manter sempre o foco na transferência de novas tecnologias para a agricultura e a pecuária”.

Mais de 138 mil pessoas passaram pelo Centro Tecnológico Coopavel e 5

mil experimentos foram mostrados aos visitantes, além de aperfeiçoamento em manejo, equipamentos e lançamentos da indústria. Empresas brasileiras e multinacionais – no total de 260 – levaram seus produtos e serviços à feira. Para Grolli, o Show Rural é o canal entre a empresa produtora de insumos, entre a empresa produtora de tecnologia, de máquinas, de implementos e o cliente, no caso o produtor. “De nada vale essa tecnologia se ela não chegar até quem deve usá-la”, disse.

Mais uma vez, os transgênicos foram tema de discussão no Show Rural. Em visita ao Centro Tecnológico, o secretário da Agricultura do Paraná, Orlando Pessuti, disse que o Estado mantém a mesma visão da Coopavel. “Nesta safra não receberá soja transgênica”. O secretário afirmou não ser contrário à biotecnologia, mas é contra a

‘bagunça’ que se instalou acerca do tema, especialmente no Rio Grande do Sul. “Além da proibição do uso do glifosato, agora a lei do Senado está sendo questionada pelo produtor em função da exigência do Eia-Rima (Estudo e Relatório de Impacto Ambiental)”, destacou. Pes-



Grolli, presidente da Coopavel: “foco sempre na transferência de tecnologia”

S



O Show Rural dá mostras de que a fome por novidade e pelo saber é cada vez maior entre os produtores brasileiros. Prova disso foram as milhares de pessoas que mais uma vez fizeram a diferença no maior palco de tecnologias agrícolas do País

meira vez, tecnologias em instrumentos de solo onde foram abordados os sistemas de amostragem e os problemas oriundos da compactação do solo.

Na área plantada com feijão foram mostrados os principais materiais plantados na região, todos específicos para a colheita mecanizada. Segundo Amauri Procopiuk, agrônomo da Coopavel, de Corbélia/PR, aspectos como sanidade, melhoramento, ciclos, potencial produtivo, qualidade, época de plantio e população de plantas foram discutidos com os produtores que buscam informações sobre a cultura do feijão.

Materiais novos e já consolidados de milho, no total de 24 híbridos, foram apresentados no Espaço Coopavel. Conforme o agrônomo da cooperativa, José Lima, o plantio com espaçamento reduzido (entre 45 a 50 cm) – tendência na cultura do milho – foi um dos destaques do estande. De acordo com o técnico, o espaçamento reduzido, embora ainda pouco difundido, apresenta vantagens para quem o adota. “Há

um incremento na produção de até 5%, maior tolerância à seca, fechamento mais rápido da cultura, o que permite maior controle das plantas daninhas e maior tolerância ao quebraamento e acamamento”, informa o agrônomo. No espaçamento reduzido há um acréscimo de 5% a 10% de sementes e o número de plantas pode chegar a 70 mil por hectare.

Segundo Lima, para adotar tal tecnologia, o produtor deve levar em conta alguns fatores: “a área precisa ser grande e plana, o híbrido utilizado tem que ser de porte baixo e com folhas eretas, para que o atrito entre as plantas não forme ambiente propício a doenças”, explica. Ainda no espaço do milho a Coopavel abordou temas relativos à velocidade de plantio e a diferença da cultura com e sem tratamento de sementes. Já na área de soja, foram mostradas variedades precoces, materiais promissores, no total de 21, e aspectos como densidade de plantio, dessecação, tratamento de sementes e controle de doenças.

suti disse que seria adequado um alternativa à essa exigência. Declarou ainda que no Paraná 99% dos produtores cultivam a oleaginosa no sistema convencional.

Referência — Muito trabalho e planejamento explicam o sucesso do evento, considerado um dos mais importantes da agropecuária da América Latina. Só a área cultivada com diversas culturas demonstrativas neste ano alcançou 72 hectares, às margens da BR 277, uma das principais rodovias do Sul do País. A contribuição da cooperativa neste processo é indiscutível. No próprio Centro Tecnológico a Coopavel mantém áreas exclusivas para o produtor que busca novidades. Este é caso do Estande Coopavel, que concentrou neste ano parcelas demonstrativas numa área de 200 m², com culturas de soja, milho, feijão, além de mostrar, pela pri-



Estande Coopavel concentrou experimentos com soja, milho, feijão que atraíram grande número de produtores

Para eles, evento é cadeira cativa

Não importa a distância, todos os anos eles estão lá. Os produtores que fazem do Show Rural Coopavel o sucesso que é não abrem mão de visitar as tecnologias apresentadas para a agricultura e pecuária. É o caso de Luciano Monteiro, que viajou 56 horas até Cascavel, vindo de Palmeira dos Índios, em Alagoas, onde preside a Cooperativa



Monteiro sentiu na pele a 'revolução' ocorrida no agreste alagoano

Agropecuária Regional (Carpil). Desde 1996 acompanha a evolução da feira e leva para a sua região todas as inovações apresentadas. "Repassamos conhecimento e mostramos o verdadeiro sentido do sistema cooperativo", afirma. Com o aprendizado dos últimos anos houve uma verdadeira 'revolução' na



Os irmãos Batista conferem novidades e aproveitam a feira para conhecer os lançamentos de máquinas

agricultura do agreste alagoano. "No passado, pessoas capacitadas para lidar com a agricultura estavam indo embora da região. Hoje o movimento é contrário", informa. Agora a região é referência para todo o Estado no cultivo de milho, feijão, mandioca, com produtividades bem acima da média do Nordeste.

Os irmãos Anderson e Everton Batista, de Ventura, próxima a Guarapuava/PR, há quatro anos não deixam de conferir as novidades da feira. Tecnologia de novas cultivares e máquinas agrícolas são o interesse dos jovens produtores que desenvolvem pecuária mista (400 animais) e cultivam soja e milho numa área de 217 hectares. "O conhecimento adquirido na feira já nos possibilitou a compra de diversos equipamentos necessários à nossa atividade, como ordenhadeira, colheitadeira, trator e peças para pulverizador", declara. Neste ano os irmãos Batista buscavam informações sobre plantadeiras, mas concluíram que o custo do frete não compensaria o investimento. "Mas a viagem valeu a pena", afirmam.

Para eles, o diferencial do Show Rural é o fato de abranger interesses dos pequenos e grandes produtores, da agricultura à pecuária. "Essa mistura de atividades é muito interessante". A já confirmada quebra na safra paranaense de soja – eles estimam colher 15% menos – não desanima os irmãos a investirem em mais tecnologia de plantio. Ânimo também acompanha Dirceu Casarotto, de Corbélia/PR. Desde a primeira edição, em 1989, ele visita a feira em busca

de tecnologias para as suas lavouras de milho e soja – plantados em 38 hectares – e dois aviários que produzem 90 mil quilos a cada dois meses. No estande da avicultura aproveitou a viagem e tirou dúvidas sobre a atividade em conversa com técnicos da Coopavel.

O produtor Vanderlei Gomes Ferreira, de Querência do Norte/PR, que desenvolve a agricultura com soja, milho e sorgo em 480 hectares, está pela segunda vez no Show Ru-



Na área da avicultura, Casarotto tirou dúvidas pertinentes à atividade

ral Coopavel. "Vim em busca de conhecimentos gerais sobre agricultura e pecuária". Mas confessa que o seu maior interesse era ver de perto modelos de tratores de média potência e máquinas para plantio direto. "Não vi preços, apenas as novidades que estão no mercado", afirma. Como investe também na pecuária – leite, engorda, cria e recria – Ferreira se mostrou um pouco decepcionado com o estande destinado à pecuária na feira. "É preciso expandir essa área e abordar aspectos importantes como silagem, nutrição, cruzamento e inseminação artificial."



Ferreira pede mais atenção à área da pecuária nas próximas edições

Produtividade e respeito pela terra?



Siga este
marco



Respeito pela terra

A Goodyear possui uma linha de pneus agrícolas especialmente desenvolvida para você obter os melhores resultados no trabalho. Com modelos em todos os Códigos de Aplicação, você tem sempre um pneu Goodyear para o uso que você precisa. Tudo isso com materiais de alta resistência e muita tecnologia no processo de fabricação. Pneus Agrícolas Goodyear, alta produtividade, economia e acima de tudo respeito pela sua terra.



GOODYEAR

Defensivos — Assim como no ano passado, diversas empresas do setor agrícola se reuniram e montaram o Estande TA – Tecnologia da Aplicação de Defensivos Agrícolas. A área, com 4.500 m² teve apresentações práticas de campo nas culturas de soja e milho. Os organizadores do estande programaram apresentações rápidas de 45 minutos para grupos formados por 15 produtores que percorreram um roteiro retratando sete etapas da produção.

“O produtor só tem a ganhar”, afirma Luis Carlos Garcia, agrônomo da Coopavel, sobre a participação dos visitantes. Segundo ele, cerca de R\$ 300 a R\$ 350,00/hectare/ano são perdidos em média pelos produtores que não fazem uso das recomendações na hora da aplicação de defensivos. Os principais erros cometidos são uso de bico inadequado, pulverizador em mau estado de conservação e vazamentos.

Embrapa dá show — A Embrapa não deixou por menos. Nesta edição esteve presente com 21 unidades de pesquisa, contra apenas sete do ano passado. Trouxe quatro novas variedades de soja, a BRS 230, BRS 232 e BRS 233, soja resistente à nematóide de galha, praga que causa apodrecimento do sistema radicular e morte das plantas. Já a BRS 231 é a primeira cultivar de soja para a Região Sul do Brasil. “São materiais de

alta produtividade que vão atender à demanda dos produtores em 2005/2006”, afirma Lineu Domit, pesquisador e coordenador do Estande da Embrapa no Show Rural.

Outro destaque mostrado pela Embrapa foi a área destinada para demonstração de cultivo de soja orgânica, em um espaço de 3.500 m². Foram apresentadas quatro variedades especiais para uso alimentar, cultivadas em sistema orgânico. Entre elas a BRS 213, que tem sabor mais suave. “O objetivo da área é mostrar quais são as tecnologias adequadas para a condução de uma lavoura orgânica. O produtor se mostrou interessado nas vantagens e desvantagens desse tipo de cultivo”, disse Domit. Nas próximas edições, segundo ele, a Embrapa planeja levar para a feira milho e feijão orgânicos.

Resistência a herbicidas — A resistência de plantas daninhas a determinados grupos de herbicidas foi amplamente abordada. Neste sentido, os pesquisadores Fernando Adegas e Onóbio Vicente Werner, ambos do convênio Embrapa e Emater/PR, orientaram os produtores interessados em reverter tal situação. Eles puderem conhecer como ocorre a infestação de plantas daninhas não controladas de um ano para outro. Segundo Adegas, uma única daninha não controlada



Domit, da Embrapa, junto a variedade de soja resistente à nematóide

pode tornar-se uma grande reboleira em três ou quatro anos e infestar a área inteira entre cinco e sete anos. De acordo com Adegas, a monocultura e o uso do mesmo herbicida (princípio ativo) são as grandes causas da resistência de invasoras. “Ele deve fazer a rotação de culturas e intercalar o uso de herbicidas de mecanismos de ação diferenciados”. Caso o produtor opte pela não rotação, o princípio ativo deve ser intercalado no período de um a três anos.

No Brasil já são conhecidas cerca de dez plantas daninhas resistentes a herbicidas. Também foram identificadas quatro plantas resistentes ao glifosato em áreas de cultivo de soja transgênica. “Portanto, a orientação que estamos dando no Show Rural vale também para áreas de cultivo transgênico.” ■



Combate ao desperdício: no estande da Tecnologia de Aplicação agricultores se revezaram para participar do roteiro que incluía sete etapas da produção



A Granja também foi presença no Show Rural. A revista participa do evento desde 1997, de forma ininterrupta, acompanhando de perto toda a evolução deste megaevento



DESTAQUES DO SHOW RURAL COOPAVEL

VALTRA

www.valtra.com.br

Valtra. Inovando na Coopavel 2004.

A Valtra do Brasil Ltda, instalada no país há mais de 40 anos, é hoje uma das maiores empresas de tratores agrícolas do mundo. Presente na Coopavel 2004, a empresa mostrou que além de tradição e confiabilidade, o agricultor também conta com o que há de mais moderno no setor quando adquire um trator da marca.

Dentre os destaques podemos citar o lançamento de uma nova linha de tratores, a **Linha BL - Brazilian Light**.

A empresa apresentou ainda, a já consagrada Cabine Integrada Hi-Comfort, o Sistema Valtra NavSat (o primeiro sistema de GPS a ser oferecido como item de série por uma montadora de tratores) e completou a lista com as inovações tecnológicas de sua **Linha Média**.



Nova Linha BL - Soluções que se encaixam.

Permitir que o agricultor monte o seu trator conforme sua real necessidade é garantir economia e assegurar o melhor custo-benefício do mercado. Este é o conceito que a Valtra apresentou na Coopavel 2004 com sua nova Linha de Tratores Leves. Diversos itens opcionais que, combinados, produzem tratores exclusivos melhorando a eficiência nas aplicações e gerando melhores resultados na produtividade do campo. Além da evolução tecnológica, os tratores da Linha BL ainda oferecem maior segurança e conforto operacional aliados à potência e economia dos Motores Valtra.

Trata-se de 02 modelos de tratores, o BL 77 e o BL 88 com 77 e 88 cv de potência respectivamente, nas versões 4x2 e 4x4.

Linha Média Valtra

A Linha Média (BM) Valtra, com modelos de potência entre 85 e 120 cv, passaram por uma remodelagem completa com profundas alterações de estilo, melhorias mecânicas e repotenciamento de seus motores, atendendo assim, às necessidades dos clientes.

São tratores que se destacam pelo conforto operacional proporcionado por uma plataforma ampla e integrada, com comandos posicionados de forma a oferecer uma operação fácil e sem esforços. Com a possibilidade de serem equipados de série com cabine, você ainda conta com diversos acessórios como ar condicionado, aquecimento, som, entre outros.

A transmissão da linha BM é totalmente sincronizada, com engrenagens de dentes helicoidais e a opção do MULTITORQUE, sistema que permite a troca de marchas para o aumento de torque nas rodas sem a necessidade do uso da embreagem ou parada do trator.



Valtra do Brasil Ltda.
Rua Cap. Francisco de Almeida, 695
CEP 08740-300
Mogi das Cruzes - SP
Ligue grátis: 0800-192211



DESTAQUES DO SHOW RURAL COOPAVEL

A Natureza Precisa de Você.



Lave e devolva suas embalagens vazias de agrotóxicos. Após o uso do produto faça a Triplíce Lavagem ou Lavagem sob Pressão de cada embalagem vazia. Fale com seu fornecedor para saber como e onde devolver. Não deixe esse problema para seus filhos e para os filhos dos seus filhos. É fácil, é lei e é a resposta que a natureza precisa. *Anúncio baseado em comercial no Jornal Nacional.*

inpev
Instituto Nacional de Planejamento de Entulhos e Resíduos Sólidos



DESTAQUES DO SHOW RURAL COOPAVEL

**NOVO CONDOR
TANQUE DE 800 LITROS
BARRAS DE 14 METROS
100% JACTO
PRECISA MAIS?**





DESTAQUES DO SHOW RURAL COOPAVEL

TEC TAL

**O MÁXIMO EM
SEGURANÇA E QUALIDADE**



**Rua Ciro Venturelli, 156
Parque Industrial III
Sertanópolis/PR
CEP 86170-000
Tel/fax: (43) 232-2327**

COLHE MAX

- Fácil acoplamento.
- Plataforma leve.
- Para diversos modelos de colhedora.
- Melhor ângulo de colheita.
- Próxima do embocador.
- Linhas mais curtas.

**Plataforma
para colher
milho.**



A Melhor Tecnologia de Colher Milho

**Irmãos Thonnigs Ltda. - Max - BR 386 - KM 174
Carazinho/RS - 99500-000 - Fone/fax: (54)330-2300**



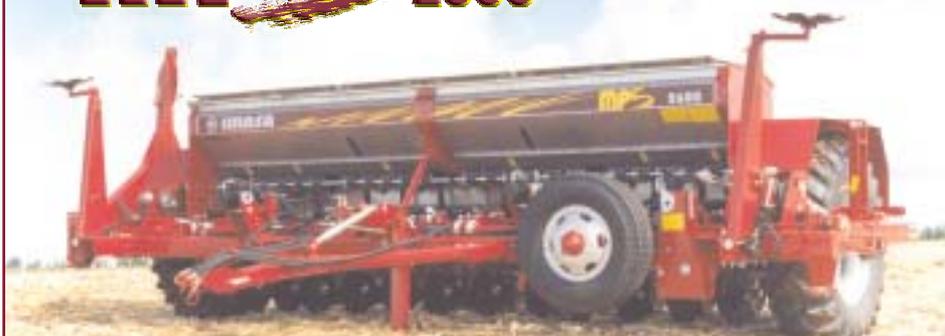
A CASP é uma empresa genuinamente brasileira que oferece, ao mercado agrícola, ampla linha de equipamentos que incorporam o que há de mais moderno em sistemas de Armazenagem de Grãos, incluindo Silos Ventilados, Secadores, Máquinas de Limpeza, Mesas de Gravidade e Transportadores de Cereais.

Sua completa rede de agentes especializados cobre todas as áreas de plantio do país.



CASP S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Ampero - São Paulo - Brasil
Fone: 5519 3808.8300 - Fax: 55 19 3807.8022
e-mail: vendas@casp.com.br - www.casp.com.br

MPS 2600



A mais versátil multiplantadeira do mercado.

- Opção de dosador rosca sem fim para adubo.
- Distribuição de semente miúda e graúda por disco perfurado de grande diâmetro.
- Sistema autotransportável, opção hidráulico ou mecânico.
- Mais de 18 combinações de elementos sulcadores.
- Opção de versão só semente.
- Possibilidade de mudança de espaçamento sem o deslocamento das linhas de plantio (inverno/verão).



IMASA
PLANTIO DIRETO

(55) 3332-1000
vendas@imasa.com.br
www.imasa.com.br



DESTAQUES DO SHOW RURAL COOPAVEL

PLATAFORMA
PARA MILHO
VENCE TUDO
Série C5



A EVOLUÇÃO da revolução
em plataforma para milho.



VENCE TUDO
54 324 8000
www.vencetudo.ind.br

Sollus
MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA LTDA.

Bazuka 12.5



Carreta Graneleira com caixa de Polietileno, projetada sob medida para atender a sua necessidade na hora de fazer a colheita. Agilidade e grande capacidade fazem a Bazuka 12.5 uma Líder no campo.

FERTMASTER
Série 150



É uma abastecedora de fertilizantes granulados para plantadeiras. Uma das suas principais características é diminuir o tempo de plantio com grande capacidade de carga. Agilidade, versatilidade e durabilidade no manuseio com fertilizantes granulados.

Telefone (18) 3324.6640
Rua do Níquel, 600 - CDA
CEP: 19812-040 - Assis/SP
sollus@sollusagricola.com.br
www.sollusagricola.com.br

PONTUALL

*A agricultura se divide em antes e depois do Outback S.

Há 100 anos introduzimos a DGPS em nossas propriedades para substituir os marcos de estaca. Ficamos tão surpresos com o resultado que hoje presenciamos dois novos equipamentos. A evolução é tanta que não dá nem para pensar em agricultores sem o uso do Outback S? Região e Guarani Paraná.

GEF - GRUPO GEORGINO FERRARIN - Lapa do Rio Verde - MT



DGPS OUTBACK S :: BALIZADOR
Economia e lucro certo e uma linha: Com ele o retorno é garantido.

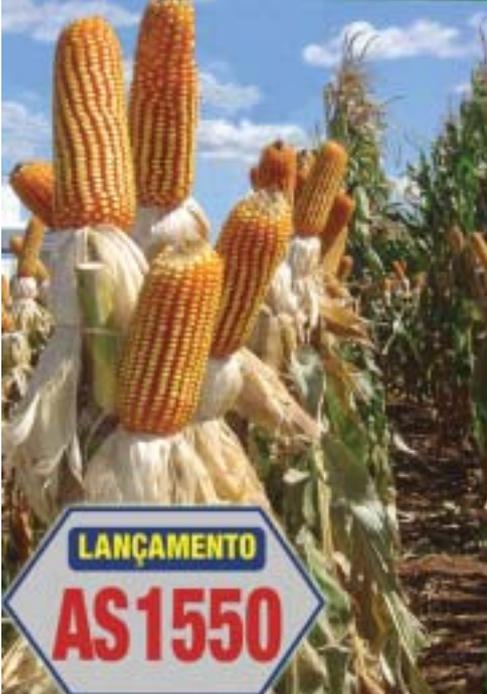
DGPS OUTBACK 360 :: MAPEADOR

- Mobilidade - pode ser usado em várias máquinas
- Capacidade precisa: Plota 10 cm/ Curso 45cm
- Simples, robusto e barato
- Controle diferencial sem taxa anual



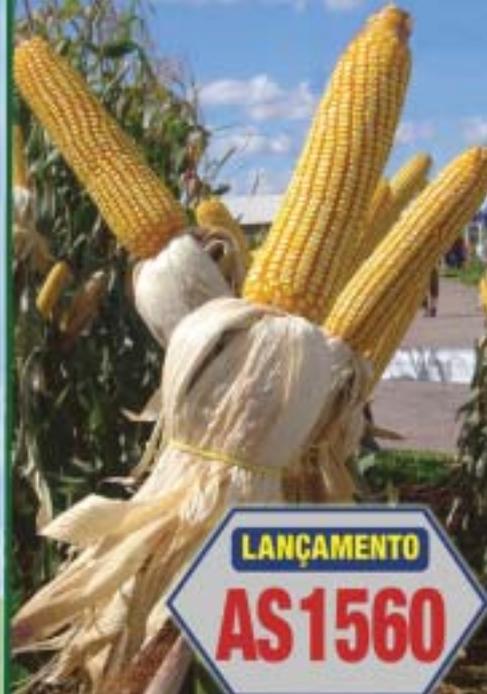
www.pontuall.com.br

Vendas: (16) 3839.6088



LANÇAMENTO
AS1550

Com Agroeste
sua lavoura
e seus lucros
crescem
juntos



LANÇAMENTO
AS1560



agroeste[®] www.agroeste.com.br

INMETRO DMY
EMPRESA CERTIFICADA ISO 9001



DESTAQUES DO SHOW RURAL COOPAVEL

M rodado duplo MARINI®



+ Força e tração para máquinas agrícolas



Maiores informações

(54) 311.9968
(54) 313.8456
(54) 317.3143
(54) 9981.8686



mariniduplagens@terra.com.br

OS DIFERENCIAIS DOS PULVERIZADORES K.O. GARANTEM O SUCESSO NA COPAVEL 2004.

Confira!



K.O. Máquinas Agrícolas Ltda.
16.3208-1625 - Jaboticabal - SP
komaq@esbyte.com.br



Implementos Agrícolas AGRIMEC

A parceria da produtividade

Niveladora de solo

Completa linha para aplainar e corrigir irregularidades da lavoura em sistema de plantio direto



Caçamba Scraper

Ideal para construções que envolvam movimentação e conformação de solos



OUTROS PRODUTOS FABRICADOS

Abastecedor de Plantadeira - Distribuidor Centrifugo
Taipadeira Hidráulica - Valetadeiras Rotativas
Bomba para Irrigação - Rebocador - Carreta Graneleira
Rolo Faca - Rolos Compactadores Destorroadores
Caçamba Hidráulica

(55) 222.7710 / (55) 214.2300

www.agrimec.com.br - agrimec@terra.com.br



Av. Pedro Cezar Saccol, s/n - Dist. Industrial Santa Maria/RS - CEP 97030-440



SINÔNIMO DE ADUBADEIRA

www.vicon.com.br



vicon máquinas agrícolas ltda.

Tel.: (5511) 4612-2462 - Fax: (5511) 4612-2482 e-mail: vendas@vicon.com.br

Brasil será a **POTÊNCIA** agrícola do século XXI

“**S**e no século XX a agricultura norte-americana foi a maior potência mundial, esse posto poderá ser ocupado no século XXI pela agricultura brasileira.” Essa afirmação poderia não ter tanto impacto, se não tivesse sido feita por Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz em 1970. Este agrônomo de 88 anos, PhD pela Universidade de Minnesota/EUA, esteve no Brasil entre os dias 3 e 13 de fevereiro em visita coordenada pela Fundação Agricultura Sustentável (Agrisus), acompanhado de uma comitiva de técnicos, produtores, jornalistas e pesquisadores, onde presenciou os mais recentes avanços da produção agrícola nacional no Paraná, em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Santa Catarina, Minas Gerais e São Paulo.

Borlaug visitou lavouras que utilizam o sistema de plantio direto, técnica que tem transformado regiões de solos fracos ou mal aproveitados, como é o caso do Brasil Central, que passou a ser a nova fronteira agrícola na produção de grãos. A vocação agrícola do Cerrado já havia sido anunciada por Borlaug há uma década,

quando previu que a região teria uma grande participação na produção de alimentos. Para 2010, projetou uma superoferta de grãos básicos, como arroz, milho, sorgo, soja e feijão para a exportação ao mercado mundial.

O pai da “Revolução Verde”, como também é conhecido, esteve ainda em Brasília/DF, onde se reuniu com o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues. Nessa oportunidade, defendeu a produção de alimentos transgênicos, a troca de alimento por trabalho em obras públicas em vez da distribuição gratuita. Também elogiou o atual modelo agrícola sustentável, via plantio direto, empregado no sistema de produção do Cerrado.

“Estou impressionado com o que estou vendo nesta viagem. O Brasil tem tudo para ser tão importante para a



Borlaug: “O que mais me impressionou foi o sistema integrado de produção de grãos”

agricultura no século XXI como os EUA foram no século XX. O nível de tecnologia é admirável. O que mais me chamou a atenção foi o sistema integrado de produção de gado e grãos. A terra fertilizada pelo plantio de grãos é usada para a pastagem e depois reutilizada na produção de

grãos. É um salto imenso em produtividade usando a mesma área de produção. O conhecimento que o Brasil está acumulando deveria ser oferecido à África. O País tem uma estrutura científica qualificada, um governo forte e poderia ser de imensa valia para os países lusófonos, como Angola e Moçambique. Muitas das técnicas inventadas aqui resolveriam problemas semelhantes na África”, analisa Borlaug.

Em sua passagem pelo Brasil, o agrônomo se mostrou contra a distribuição de terras como forma de combater a pobreza. Segundo ele, a grande maioria dos que recebem a terra jamais será eficiente na produção de comida. “Nunca vou ser a favor da distribuição igualitária da pobreza”, disse. Sobre os transgênicos, o Nobel da Paz os considera a mais nova revolução, uma vez que a melhoria genética das plantas tem limitações. “Com os transgênicos, é possível transferir características desejáveis de uma planta para outra que não seria possível transferir de outra forma. As possibilidades abertas são ilimitadas.” ■

Um **RAIO X** da produção brasileira



Hugo Flaminia/Agroconsult

Expedição que percorre os principais centros agrícolas do País diagnosticou o uso do sistema de produção do plantio direto pelos agricultores brasileiros a partir de estudo coordenado pela Fundação Agrisus, uma das promotoras oficiais do Rally

O Rally da Safra, expedição de agrônomos e jornalistas que percorre os principais centros agrícolas do País, com o objetivo de traçar um fiel retrato da produção rural nacional nos dias de hoje, fez um diagnóstico do uso do plantio direto pelos agricultores brasileiros. O levantamento, elaborado pela Fundação Agrisus (www.agrisus.org.br), uma das promotoras oficiais do Rally, envolveu entrevistas com produtores, técnicos do governo, consultores, representantes de empresas de insumos e equipamentos, entidades e demais agentes do setor.

Com o resultado da pesquisa, será possível delinear um perfil de como está a conservação e a melhoria da fertilidade do solo nas lavouras e ampliar a difusão dos benefícios de uma agricultura sustentável.

O roteiro incluiu a visita por 15 Estados e 33 pólos produtores. Além de avaliar as condições das lavouras, prin-

cipalmente soja e milho, o giro conferiu os mais recentes avanços tecnológicos aplicados à agricultura. Para tanto, a viagem retratou quem são os empreendedores que fazem do agronegócio o setor mais dinâmico da economia, mostrou o progresso das regiões presentes à rota do setor, bem como colheu informações que apontem gargalos e futuros desafios da produção rural.

O Rally da Safra é uma iniciativa da empresa de consultoria Agroconsult e tem como parceiros a Agência Estado, a Bunge Fertilizantes, o Banco do Brasil, a John Deere, Kepler Weber, Ford, além da Agrisus. O dia-a-dia da expedição pôde ser acompanhado no site www.rallydasafra.com.br. O conteúdo da viagem poderá ser acessado sob forma de textos, fotos e boletins de áudio. O Rally será inteiramente filmado e os principais momentos darão origem ao documentário *Rally da*

Safra – Uma viagem ao Brasil que produz.

Turbinar projetos de ensino, estudos e pesquisas voltados à conservação e melhoria do solo e condições ambientais envolvidas, a fim de qualificar a produção rural do País, segundo critérios de desenvolvimento econômico sustentável. É com base nesse trabalho de fomento à pesquisa e extensão rural aliado ao apoio à capacitação e ao aperfeiçoamento profissional que a Agrisus busca promover a geração e difusão de tecnologias destinadas a otimizar a fertilidade da terra de forma sustentável e favorável ao meio ambiente. “A Agrisus tem por objetivo promover a produção agrícola progressista, econômica e estável, em benefício das gerações futuras”, ressalta seu presidente Fernando Penteado Cardoso. “A terra, como já disseram, é um bem que apenas tomamos emprestado daqueles que nos sucederão.” ■

ORGÂNICOS do Brasil em alta

País foi o escolhido para ser o tema da edição 2005 do megaevento voltado aos negócios com a produção orgânica

O presidente da Agência de Promoção das Exportações do Brasil (Apex-Brasil), Juan Quirós, assinou acordo instituindo o Brasil como País tema da BioFach 2005 – maior evento internacional para produtos orgânicos que acontece anualmente em Nuremberg, na Alemanha. Este ano a feira, realizada entre 19 e 22 de fevereiro, contou com a participação de 45 produtores brasileiros levados ao evento por meio de projeto desenvolvido pela Apex, em parceria com a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, e também com o apoio do Sebrae.

Ao se tornar País-tema do próximo encontro, o Brasil ganha visibilidade no mercado europeu como produtor de orgânicos. Além do pavilhão brasileiro já ocupado na BioFach 2003 e 2004, o País terá ainda uma área extra de 120 metros quadrados, em local privilegiado. O jantar oficial de abertura do evento em 2005 será oferecido pelo Brasil, que terá a oportunidade de obter apoio para projetos vinculados ao setor de orgânicos que necessitem de apoio financeiro. Na Biofach, 92% do público visitante é formado por tomadores de decisão dos principais setores do mercado: varejo (31%), fabricantes (25%) e serviços (15%). Assim, o produtor brasileiro precisa estar preparado para aproveitar ao máximo o investimento realizado na feira.

No Brasil, o mercado consumidor de produtos orgânicos cresce cerca de 30% ao ano e, como este é um mercado em formação, a tendência de conquistar espaço no mercado internacional é favorável. A abertura de novos canais de distribuição e de comercialização tem sido um fator de incentivo para o aumento da produção.

O presidente da Apex, Juan Quirós, reuniu-se com supermercadistas alemães para discutir a demanda daquele mercado e como o Brasil poderá atendê-la. Já foi identificado o interesse por feijão e mandioca orgânicos que os alemães, atualmente, importam da Malásia, além de mel, caju e cachaça.

“Reunimos todas as condições para nos tornarmos um ‘player’ no mercado internacional de produtos orgânicos”, disse Quirós.

Levantamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) mostra que no Brasil existem 7,1 mil produtores certificados, ou em processo de certificação, para uma área plantada de 270 mil hectares. A projeção é de que para os próximos anos o crescimento seja mais acentuado em termos de área, sobretudo com a entrada de grandes produtores no processo.

A Apex-Brasil e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) desempenham papel importante no incentivo à exportação de orgânicos. Novos recursos serão investidos com o objetivo de ampliar as ações já em andamento, parte delas com a Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha.

Nesse momento, um novo projeto está sendo desenhado para atender à demanda do mercado japonês, que identificou o Brasil como possível fornecedor. O Japão importa cerca de 80% de seus alimen-



Quirós (no centro, com a fita), na cerimônia de inauguração do estande brasileiro na Biofach 2004

tos e cerca de 10% desse total já é de produtos orgânicos. O País é hoje o terceiro mercado mundial, com uma demanda de US\$ 7 bilhões. O primeiro são os Estados Unidos, com US\$ 13 bilhões, e o segundo a Alemanha, com US\$ 9 bilhões.

Aumentar a venda para esses países representará o crescimento da participação do Brasil num mercado que movimentará US\$ 30 bilhões anualmente. “É possível agregarmos valor aos produtos orgânicos e mobilizarmos cadeias produtivas para fortalecer as exportações de cafés especiais, cachaças, açúcar, mel, entre outros. A meta do governo é criar oportunidades de marketing para a indústria orgânica conquistar novos contratos, ampliar a oferta de alimentos orgânicos no mercado interno e promover parcerias entre os produtores nacionais”, explica Juan Quirós. “A principal característica do setor de orgânico no Brasil é a agricultura familiar. Por isso estamos incentivando os produtores a se organizar e a criar uma boa estrutura para atender os compradores de outros países”, acrescenta. ■

EQUILÍBRIO no preparo do solo

Valmir Gaedke Menezes; Carlos Henrique Paim Mariot e Hector Ramirez – Pesquisadores do Instituto Riograndense do Arroz (IRGA) – irgafito@via-rs.net

O cultivo mínimo pode ser classificado como um sistema intermediário entre o convencional e plantio direto. Como o primeiro, são realizadas operações de preparo do solo, mas com menor intensidade e, como o segundo, são feitas uma ou mais dessecações com herbicida de ação total conforme a necessidade e semeadura direta sobre a cobertura vegetal morta.

No sistema de cultivo mínimo, a mobilização do solo é menor, quando comparado ao sistema convencional, ou seja, faz-se um preparo reduzido do solo. Os trabalhos de preparo do solo são feitos antecipadamente à semeadura das culturas, tanto no verão e outono como no final do inverno e início da primavera, sendo, nesse último caso, com uma antecedência mínima que permita a formação de cobertura vegetal.

Na cultura do arroz irrigado do Rio Grande do Sul, o sistema de cultivo mínimo ou semidireto, como também é conhecido, vem crescendo gradativamente e já é o mais utilizado pelos orizicultores. Nos últimos anos, a área cultivada com esse sistema representava 34% na safra 1997/1998 (figura

1), mantendo-se no mesmo patamar em 1999/2000 (figura 2), e subindo na última safra para 46%, ultrapassando a área empregada com sistema convencional, incluindo as semeaduras a lanço e em linhas (figura 3).

Dados de pesquisa mostram que a produtividade entre os diferentes sistemas de produção de arroz utilizados pelos orizicultores no Rio Grande do Sul é similar. Ou seja, quando comparada entre os sistemas na ausência de problemas, como o arroz-vermelho, a produtividade é a mesma. Entretanto, na presença dessa planta daninha, a produtividade é superior nas lavouras cultivadas no sistema de cultivo mínimo, quando comparada com a produtividade obtida no sistema convencional. Isso se deve ao bom controle de arroz-vermelho obtido no sistema de cultivo mínimo.

O uso desse sistema em larga escala na lavoura de arroz do Rio Grande do Sul se deve, principalmente, ao controle de arroz-vermelho em níveis de convivência com essa planta daninha, possibilidade da semeadura na

é p o c a
mais adequada
para a produção de arroz
no Estado. A redução da população
dessa planta daninha por esse sistema
tem permitido aos rizicultores gaúchos
conviver com o arroz-vermelho em
lavouras que não podem ser mais
cultivadas no sistema convencional.

A necessidade de controle de arroz-vermelho foi o motivo fundamental da adesão dos rizicultores gaúchos a esse sistema. Dados de pesquisa do Instituto Riograndense do Arroz (Irga) mostram que em áreas infestadas com arroz-vermelho a produção de arroz no sistema de cultivo mínimo chega a ser superior em mais de 60% em relação ao convencional.

Outra razão importante para o uso desse sistema é que ele possibilita a





tros das máquinas ocasionados durante a colheita da safra anterior ou por animais da pecuária. A colheita do arroz irrigado por inundação em solos de várzea geralmente é feita em condições de alta umidade, danificando a superfície do solo. A utilização da pecuária nessas áreas nos meses de outono e inverno também contribui para deixar a superfície do solo irregular, dificultando a semeadura do arroz.

Implementos —

Os principais implementos utilizados no preparo de solo variam de acordo com os recursos de cada comunidade. As grades aradoras e as plainas para correção de microrrelevo são as mais usadas. Por ocasião do preparo do solo é conveniente que se construam as taipas, preferencialmente de base larga e perfil baixo. Esse tipo de taipa, desde que bem construído, pode ser transposto por máquinas e tratores sem maiores danos a sua estrutura. Assim, a semeadura do arroz pode ser feita sobre a taipa previamente construída, uma vez que existem máquinas com dispositivos que permitem tal procedimento.

e com solos de baixa profundidade.

Nessas áreas, o cultivo de arroz no sistema pré-germinado é muito difícil. O uso dos mesmos tipos de máquina e de implemento utilizados que os do sistema convencional, que predominou anteriormente, também tem facilitado essa opção. Ou seja, a escolha por esse novo sistema não requer investimentos novos — a não ser é claro uma semeadora de plantio direto.

O preparo reduzido nesse sistema tem por objetivo adequar o solo para a semeadura, eliminando os ras-

A semeadura sobre taipa é muito importante para o adequado estabelecimento da população de plantas de arroz e, por conseguinte, para a obtenção de maior produção. Quando as taipas são feitas após a semeadura, a população é menor e a emergência das plântulas nas taipas é mais tardia. A desuniformidade de emergência entre as plântulas da taipa e do quadro provoca atraso na colheita e diminui a qualidade de grãos.

A semeadura é realizada diretamente sobre a cobertura vegetal



Valmir Menezes, pesquisador do Irga, destaca as características do sistema de cultivo mínimo

A Granja

semeadura nas épocas mais adequadas para a obtenção de altas produtividades; mesmo em anos chuvosos nos períodos de preparo do solo e semeadura, quando os agricultores não conseguem semear o arroz no sistema convencional. Como o Rio Grande do Sul tem de semear mais de 1 milhão de hectares por ano em um curto período, menos de 45 dias, o preparo antecipado do solo é fundamental para a implantação da cultura nas épocas mais favoráveis para o aproveitamento da maior radiação solar no período reprodutivo da cultura.

Também facilitou a expansão desse sistema o cultivo do arroz em áreas dobradas e com pendentes acentuadas

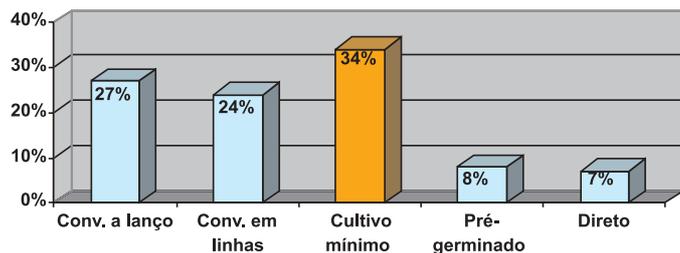


FIGURA 1. Percentual de área ocupada pelos sistemas de cultivo utilizados no Rio Grande do Sul na safra 1997/1998

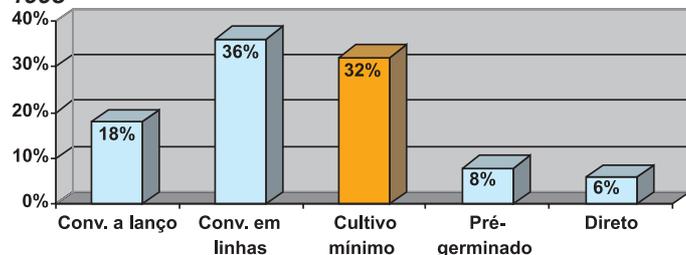


FIGURA 2. Percentual de área ocupada pelos sistemas de cultivo utilizados no Rio Grande do Sul na safra 1999/2000

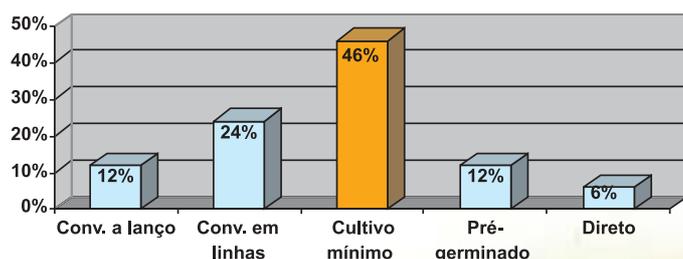


FIGURA 3. Percentual de área ocupada pelos sistemas de cultivo utilizados no Rio Grande do Sul na safra 2002/2003.

Fonte: IRGA

previamente dessecada com herbicida, sem o revolvimento do solo. Dessa forma, a incidência de plantas daninhas, principalmente arroz-vermelho, é bastante reduzida. A época de dessecação antes da semeadura varia em função da quantidade da cobertura vegetal. O ideal é que, por ocasião da semeadura, esta esteja a mais decomposta possível; pois diferentemente das culturas de soja e milho o excesso de palha interfere negativamente no estabelecimento das plântulas de arroz. Em áreas com boa cobertura vegetal, recomenda-se que a dessecação seja feita com 20 a 30 dias de antecedência.

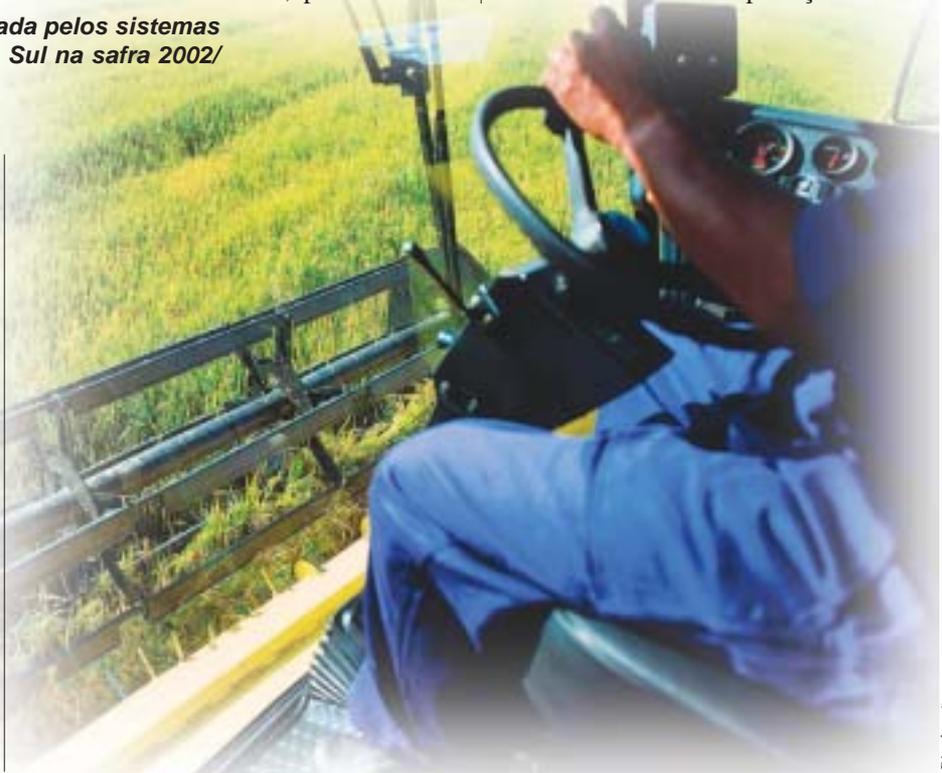
Arrendamento x conflito — A grande desvantagem desse sistema para os produtores que o adotaram tem sido o conflito de interesses en-

tre a pecuária e a necessidade de fazer o preparo reduzido do solo antecipadamente. Quase 70% das áreas cultivadas com arroz no Rio Grande do Sul se dão sob a forma de arrendamento. Muitas vezes, os pecuaristas não liberam as áreas antecipadamente aos rizicultores para fazerem o preparo do solo no momento mais adequado. A liberação das áreas para os agricultores somente na primavera não permite que os produtores façam o preparo adequado para uma boa produtividade. Em anos de muita chuva nesta estação do ano os prejuízos serão ainda maiores, pois o atraso

no plantio é um dos fatores que mais afetam negativamente a produtividade de arroz no Estado.

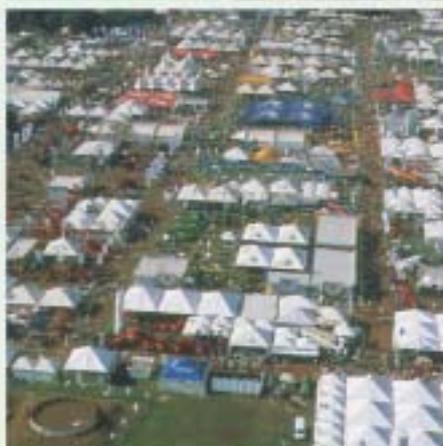
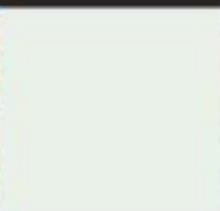
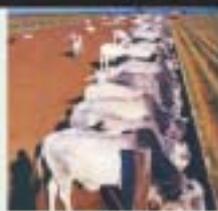
Outro problema que se vem acentuando para quem adota o sistema é a população de plantas daninhas: como as gramíneas perenes e as denominadas de folhas largas. A razão básica para isto tem sido o uso contínuo do herbicida dessecante com uma eficácia muito grande sobre a população de gramíneas anuais. O controle eficiente dessas espécies pelo herbicida dessecante abre espaço para que outras espécies de mais difícil controle se estabeleçam, passando a se tornarem problema com grande dificuldade de solução. Também o preparo superficial do solo com grades e em condições de umidade elevada tem proporcionado o avanço das gramíneas perenes nas lavouras de arroz cultivadas sob o sistema de cultivo mínimo.

As principais gramíneas perenes infestantes da lavoura de arroz do Rio Grande do Sul são as gramas boiadeiras (*Luziola peruviana* e *Leersia hexandra*), grama do lombo branco (*Paspalum modestum*), capim capivara (*Hymenachne amplexicaule*), gramas-de-ponta (*Paspalum distichum* e *Cinodon dactylon*). Para obter melhor controle dessas espécies, é necessário combinar o uso da aplicação de des-



AGRISHOW COMIGO 2004

De 30 Março a 03 Abril - Rio Verde - Goiás
No Centro Tecnológico  COMIGO



Venha você
também fazer um
grande negócio.

REVISTA OFICIAL:

Rural
A Revista de Referência
do Setor Rural de Goiás



**Palestras
Técnicas**

300

demonstrações práticas
de máquinas e equipamentos
durante a feira.

800

marcas e produtos
direcionados ao
homem do campo.

Instituições financeiras
presentes com crédito
pré-aprovado para facilitar
seus negócios.

Mais de **150**

expositores com os mais recentes
lançamentos e novidades.

3000

vagas de estacionamento,
restaurantes e completa
infra-estrutura.

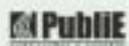
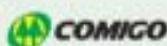
Mais de **500**

parcelas experimentais
com diversas culturas.

CO-REALIZADORES:

ACIRV - AGENCIARURAL - APG - CAT - CEAGRO - CEFET - FAEG - FESURY - OCB GO
SINDICATO RURAL DE RIO VERDE - PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO VERDE

ORGANIZAÇÃO:

PATROCÍNIO INSTITUCIONAL:

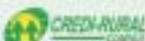
Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento


UM PAÍS DE TODOS



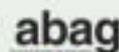
REALIZAÇÃO:

PATROCÍNIO, CRÉDITOS E INCENTIVOS FINANCEIROS:

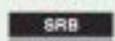
TRANSPORTADORA OFICIAL:











secante seguido do preparo do solo dois ou três dias após a aspersão do herbicida. Quanto mais seco estiver o solo, mais eficiente será o controle. A utilização isolada desses dois métodos surte muito pouco efeito. É bom lembrar de que, para a maioria dessas espécies, não existem herbicidas pós-emergentes eficientes. Portanto, o controle adequado das mesmas deve ser feito antes da emergência do arroz.

O cultivo de arroz em nível mundial se processa sob diferentes sistemas. O mais utilizado é o sistema de transplante, principalmente em função da disponibilidade de mão-de-obra nas regiões da Ásia. A preferência por um sistema ou outro se deve às condições socioeconômicas, culturais e de clima e solo. Entretanto, os dados de pesquisa e os resultados obtidos pelos produtores permitem afirmar que não há um sistema mais eficiente que o outro. Qualquer sistema quando bem executado permite que sejam obtidas altas produtividades. Em muitas lavouras de arroz do Rio Grande do Sul, já é usado com sucesso mais de um sistema simultaneamente.

Para concluir, pode-se dizer que a grande utilização do sistema de cultivo mínimo, adotado pelos produtores de arroz do Rio Grande do Sul, está relacionada com o bom controle de arroz-vermelho, principal invasora da lavoura de arroz; semeadura dentro da época recomendada; melhor planejamento e tempo para correções de problemas que por ventura vierem a existir; melhor aproveitamento do parque de máquinas e da mão-de-obra, realizando as tarefas em um período que o maquinário não é normalmente usado; economia de combustível e menor desgaste de máquinas e implementos e pelo menor número de operações no preparo do solo; integração com sistema de produção de carne, uma vez que a maioria das lavouras de arroz está dentro das áreas que, tradicionalmente, estão ocupadas com a pecuária. ■

No arroz irrigado, o sistema de cultivo mínimo ou semidireto cresce gradativamente e é o método de plantio mais utilizado pelos orizicultores no Rio Grande do Sul



Algodão **TRANSGÊNICO**

Ricardo Mendes e Bernardo Nogueira, engenheiros agrônomos – KLEFFMANN

A liberação do plantio e comercialização da soja transgênica abre caminho para que produtores de algodão também reivindiquem a regulamentação das pesquisas e do cultivo de sementes geneticamente modificadas. Segundo dados da AGBIOS (agbios.com), o Brasil em 2003, com 3 milhões de hectares, foi o quarto maior produtor de organismos geneticamente modificados do mundo.

Apesar do enorme interesse demonstrado por produtores, principalmente do Centro-Oeste, região com alto investimento tecnológico nesta cultura, até o início deste ano, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e outros institutos estavam proibidos de realizar estudos nesta área, o que acabou por atrasar e impedir uma análise segura sobre o assunto. Agora, com o novo Projeto de Lei, espera-se que a liberação de ensaios seja agilizada.

A variedade de algodão transgênico mais usada no mundo contém um gene extraído de um microrganismo natural, o *Bacillus thuringiensis* (Bt), que faz com que a planta produza uma espécie de inseticida interno para pestes comuns do algodoeiro, como larvas de folhas e das maçãs do algodão. A China aumentou sua área de algodão Bt pelo quinto ano consecutivo, tendo no ano passado, 58% de seus 4,8 milhões de hectares com a utilização desta tecnologia.

Segundo Martin Quaim, pesquisador da Universidade de Bonn, existem alguns exemplos de redução no volume de aplicação de inseticidas. É o caso da Argentina, onde houve uma redução média de 50% nas áreas com o algodão Bt, em comparação às áreas de algodão convencional. Os produtores que utilizam essa tecnologia conseguem, em média, uma produtividade

10% superior à alcançada em áreas de algodão convencional. Para o engenheiro agrônomo responsável pela América Latina do Instituto KLEFFMANN de Pesquisa, Nicolás Reinoso, esse aumento de produtividade pode ser explicado pelo fato de os cotonicultores argentinos utilizarem menos defensivos do que é o recomendado. Dessa forma, o gene Bt serve como complemento dessa deficiência.

Organizações não-governamentais contrárias aos transgênicos dizem que o algodão Bt, apesar de reduzir o uso de

inseticidas, teria o potencial de afetar não só as larvas que atacam o algodão, mas também outras espécies que vivem nas áreas de cultivo, causando desequilíbrios ambientais, o que ainda não está comprovado. A única maneira de comprovar os benefícios ou malefícios desta tecnologia é através da pesquisa, forma racional e inquestionável para que todas as partes, favoráveis ou não à transferência genética, sustentem suas posições.

Agradecimento: Ph.D. Paulo Canci, D&PL Brasil



83% dos entrevistados esperam defensivos com controle residual amplo.

39% dos entrevistados seguem os padrões de segurança descritos na embalagem.

Sua resposta traduzida em resultado.

KLEFFMANN. Informações gerando produtividade no campo.

A KLEFFMANN trabalha todos os dias em contato direto com o produtor e colhe, nos campos de todo o Brasil, seu mais valioso produto: a informação. É a KLEFFMANN que lidera de mercado em pesquisa agropecuária não só porque tem estrutura mundial em banco de dados e a exclusiva tecnologia AMIS, mas porque conquistou a confiança do mercado com um trabalho ético, que traduz as respostas do produtor com responsabilidade e que gera maior desenvolvimento de produtos e serviços, mais produtividade e resultados concretos para o agronegócio brasileiro.

KLEFFMANN. Líder em pesquisas de agronegócio no Brasil.

KLEFFMANN
Fast Forward

www.kleffmann.com.br

A informação de todos os produtos KLEFFMANN em conformidade com a legislação de cada país.

PLANEJO, log

Leandro Mariani Mittmann

Não importa o tamanho do produtor ou a espécie vegetal e animal exploradas: sem planejamento, o agricultor deverá dar de cara com o amargo prejuízo logo na frente. A menos que um abençoado lance de sorte trate de salvar o que começou equivocado lá atrás. A realidade é que na agricultura moderna não existe mais espaço para aventuras ou aventureiros. Até porque quem vive do campo sabe que são muitos os imprevistos que a atividade impõe ao natural, como a possibilidade de a lavoura ser dizimada pelo imprevisível “São Pedro”, ou pelo ataque de doenças e pragas, ou mesmo pela injusta remuneração na hora da venda.

Mas trabalhar sem planejamento não é um pecado cometido pelo agricultor Agostinho Bernardon, 48 anos, e sua família, a esposa, Dulce, e os filhos, Daiana, 22, Daniel, 18, e Adriano, 16, que exploram 30 ha com soja, milho, leite e suínos em Xanxerê, na região oeste de Santa Catarina. Num município dividido entre a agricultura familiar e empresarial, os Bernardon destacam-se por serem referência em gestão da pequena propriedade. “Eles são produtores que planejam. Colocam tudo o que gastam na ponta do lápis”, atesta o engenheiro agrônomo Rodrigo Blöckl, do escritório local da Cooperativa Alfa, que presta assistência à propriedade. “Poucos fazem isso”, complementa o agrônomo.

Blöckl sabe da importância do planejamento detalhado para se chegar ao lucro, afinal trabalhou por um ano em fazendas do Grupo SLC Alimentos no Maranhão e em Mato Grosso. Uma empresa profissional como esta, que cultiva 85 mil hectares distribuídos por sete fazendas, tem no planejamento minucioso o princípio do caminho para o êxito. A maior prova que a família Bernardon pensa certo é a sua capacidade de investimento. Mesmo familiar, ela acaba de comprar um trator de 75 cv por R\$ 68 mil, à vista e com recursos próprios. Ao não precisar de financiamento, fo-



Exemplo de organização: família Bernardon, de Xanxerê/SC, é destaque na região ao trabalhar com leite planejado e com custos de produção controlados

ram economizados R\$ 9.500,00. Além disso, a família estará pagando até 2005 os quase 11 ha adquiridos em 2002 pelo valor equivalente a mil sacas de soja. Tudo isso sem perder o padrão de vida. “Eles vivem bem na propriedade”, revela Blöckl.

É importante lembrar de que os Bernardon passaram pela crise grave da suinocultura de 2002/2003, quando a oferta superou em muito a demanda, e a Rússia, principal importador do Brasil, não quis mais saber de negócios por causa do mal de Aujeszki, que atingiu granjas catarinenses. “No ano passado,

eu pagava para carregar o porco. O porco ia embora com um cheque pendurado na orelha”, recorda Bernardon. Ele é “terminador” de leitões para a Cooperalfa, para quem entrega 80 animais por mês, que permaneceram em sua propriedade por 107 dias. O produtor revela que, nos piores dias da crise, o prejuízo girava em torno de R\$ 20,00 a R\$ 30,00 por cabeça. Hoje, o lucro bate em R\$ 10,00 por animal, bem aquém dos R\$ 30,00 obtidos em outras épocas. “Ainda não recuperei as perdas. Mas sou gringo, sou teimoso”, argumenta.

o lucro



Foto Wagner/Xanxerê

e, suínos, soja e milho de forma

Parceria com vizinhos

— Hoje, a família enfrenta a queda do preço do leite. A cotação está em R\$ 0,40 o litro, mas já esteve em R\$ 0,43. “O preço deveria estar em R\$ 0,45”, avalia. São dez vacas em lactação, que produzem 150 litros/dia. Por mês, são 4.500 litros. Para ganhar em escala e lucrar até R\$ 0,05 a mais por litro, a família juntou-se, quatro meses atrás, a mais três vizinhos, que entregam 16 mil litros/mês. O ganho extra torna-se R\$ 225,00 por mês, o que representa exatamente o lucro. “É quase um salário mínimo”, comenta Bernardon. Ele também se aliou a

mais cinco vizinhos para implantar um secador de grãos com capacidade para 200 sacas. Assim, economiza R\$ 1,50 por saca, valor que antes era remetido à cooperativa pela execução do serviço.

A excelência na produção levou Bernardon a tornar-se sementeiro de soja para a Cooperalfa. Nos 15 ha em que planta a oleaginosa, colhe 800 sacas, pelas quais recebe um bônus de 12% na cotação. “Tudo ajuda”, comenta. Ele também produz 14 ha de milho, que representam 70% do consumo da propriedade. Ainda cultiva outros 4 ha de pastagem, aveia e azevém no inverno, cevada, aveia branca, milheto e tanzânia no verão. “Eu estou satisfeito com a minha atividade”, avalia Bernardon o momento, apesar de reconhecer as dificuldades. “Alguém tem de tocar a propriedade. A gente trabalhou aqui a vida toda.” Para “tocar a propriedade”, em pouco tempo ele terá a companhia do filho Adriano, que está cursando o segundo ano de técnicas agrícolas, no próprio município.

Desencanto — Mas o velho problema do êxodo rural também não poupou a família Bernardon. O filho

Daniel, igualmente técnico agrícola, acaba de iniciar a faculdade de medicina veterinária, em Xanxerê. O desencanto com a agricultura de pequena escala o levou a abandonar o campo. Daniel esteve um ano em casa depois do colégio, mas deduziu que não era o futuro sonhado. “Se for para trabalhar numa grande propriedade, tudo bem. Mas não volto mais à pequena”, revela o rapaz. “As empresas pagam pelo produto da gente o que querem”, reclama. Depois de formado, pensa em atuar nas grandes agroindústrias da região ou em Mato Grosso. Ele conta que, quando cursava técnicas agrícolas, tinha certeza absoluta de que voltaria para casa trabalhar com o pai. Bateu de frente, porém, com a realidade. E a crise da suinocultura foi o golpe de misericórdia em suas convicções. “Aí desanimei”, confidencia. ■



Foto Wagner/Xanxerê

O agrônomo Rodrigo Blöckl, ao centro, se diz impressionado com a forma como os Bernardon administram a propriedade



Foto Wagner/Xanxerê

Mais EXPORTAÇÕES na avicultura



Muitos consideram que os efeitos da gripe do frango na Ásia vão gerar oportunidades para os produtos avícolas argentinos. Quatro missões empresariais japonesas estão visitando plantas de processamento na Argentina. Em relação à nação asiática, depois de cinco anos de trabalho a Argentina conseguiu exportar no ano passado três contêineres, um número importante para nós, mas insignificante para as 580 mil toneladas que o Japão importa. Para este ano já foram

fechados negócios de mais de 25 contêineres, cerca de 500 toneladas de carne. Em 2003, a Argentina exportou um total de 70 mil toneladas, 40 mil de produtos comestíveis, 20 mil de farinha de sangue, vísceras e plumas. Prevê-se para 2004 exportações de 100 mil toneladas, volume que pode ser atingido em apenas sete meses. A produção, de todo modo, já está estabelecida e não poderá modificar-se substancialmente nos próximos três anos.

Trigo

O cultivo de trigo culminou com produtividades superiores aos esperados originalmente, determinando uma colheita em torno dos 13,5 milhões de toneladas.

Soja

Chuvvas oportunas sobre vastas áreas da região pampeana favoreceram o desenvolvimento da oleaginosa, quebrando em parte a inquietude pela extensão de um período de seca que ameaçava afetar o cultivo.

Novilho

Com ligeiras variantes em um ou outro sentido, a cotação manteve-se estável. Os novilhos magros, a mercadoria mais procurada no mercado interno, rondam os 60 centavos de dólar/quilo para o animal em pé.

Leite

O negócio conserva a previsibilidade de que o caracterizou nos últimos anos. Espera-se uma nova queda na produção. Os produtores não encontram a forma de fixar valores para programarem-se em médio prazo.

Menores PREÇOS no açúcar?

Se os níveis de açúcar produzidos em 2004 forem similares aos de 2003, o setor seria afetado por uma sobreprodução que faria baixar o preço do produto. Isto gera uma controvérsia entre os produtores, que gira em torno do velho dilema de como dar destino aos excedentes de açúcar. Em 2003, a produção foi de 1.813.863 toneladas de açúcar, a um preço de 70 centavos por quilo. Os analistas da Associação Argentina de Consórcios de Experimentação Agropecuária (AACREA) calculam que a produção açucareira de 2004 será de 1,8 milhão de toneladas, dos quais 1,5 milhão será absorvido no consumo interno. Por isso sustentam que as perspectivas a longo prazo não são otimistas, já que a sobreprodução não é acompanhada de um aumento nas exportações, gerando um impacto negativo nos preços. Outras opiniões coincidem com esse diagnóstico. "Creio que estamos falando de uma real superprodução açucareira em nível do mercado nacional", constata Julio Colombres, da Companhia Açucareira Juan Manuel Terán.

SOJA: motor de novos investimentos

A multinacional Cargill informou que ampliará sua operação de crushing de Puerto Quebrado, Santa Fé. No local, a empresa construiria uma nova e gigantesca planta (13 mil toneladas/dia), provavelmente a maior do mundo) com porto incluído, em Vila Gobernador Gálvez, e novas instalações para produção e distribuição de fertilizantes. Para isso, investirá US\$ 200 milhões nos próximos 15 meses. Já o Moinho Rio da Prata divulgou o acordo com o município de San Lorenzo, Santa Fé, que garantirá a construção de uma planta que permitirá elevar a capacidade de moagem dos atuais 5 mil toneladas para 18 mil. Investirá ao

redor de US\$ 80 milhões. Se somados os projetos recentes de AGD (US\$ 25 milhões), Vicentin (US\$ 40 milhões), Bunge (crushing e fertilizantes), e outros em marcha que ainda não vieram a público, são superados os US\$ 400 milhões. Isto tem um enorme efeito multiplicador em matéria de emprego e fornecimento de bens. Só a Cargill promete a criação de mil postos de trabalho na construção. Outros tantos serão gerados em função do empreendimento do moinho. Depois de iniciadas as obras, haverá mil caminhões a mais entrando diariamente em cada uma das fábricas, com tudo o que isso significa.

A tecnologia na **PEQUENA** propriedade

Engenheiro agrônomo Cláudio Dóro – Emater/RS – Passo Fundo

A prática de plantio direto é a melhor alternativa de conservação e recuperação do solo. Mas, isoladamente, não terá aumento significativo de renda. Essa prática contribuirá com a diminuição da demanda pela mão-de-obra e dos gastos para formação e produção em geral das lavouras, mantendo os recursos naturais (água, solo, fauna e flora) em melhores condições. Economiza-se tempo na administração da lavoura, permitindo com isso o envolvimento do produtor em outras atividades lucrativas na propriedade ou utilizando esse tempo para prestação de serviço a seus parceiros, agregando com isso renda a sua família.

O sistema de plantio direto foi introduzido na pequena propriedade e com ele criou-se um processo extremamente dinâmico em constante evolução, exigindo dos agricultores variáveis importantes para a sua perpetuação, que são: capacidade de gerenciar suas propriedades e protegerem os recursos naturais. Portanto, em solos com dificuldades para explorações agrícolas, onde a variável “recursos naturais” é menor, necessita-se de maior capacidade de gerenciamento e

administração. Isso significa, então, que são exigidos dos agricultores e de sua assistência técnica conhecimento técnico-científico básicos e bom planejamento. Recomenda-se, ainda, que a adoção e a expansão do sistema devam ocorrer de forma gradual para que os técnicos e produtores rurais, através do tempo e da experiência vivida, se familiarizem com as experiências e limitações do sistema.

Em 1992, foi realizado diagnósti-



Divulgação

co na região de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, para que fossem identificados os entraves que impediam a adoção do plantio direto nas pequenas propriedades. Nesse trabalho, foram envolvidos técnicos, produtores, lideranças, indústrias. O resultado mostrou que as principais dificuldades eram relacionadas às máquinas, à falta de assistência técnica, aos dados de pesquisa específicos para o plantio direto e à pouca disponibilidade de recursos. Foi montado, então, um programa específico para o fomento de plantio direto na região (Metas), que realmente ajudou bastante para que a área de plantio direto na região atingisse índices de adoção próximos a 85% da área cultivada com grãos no ano de 1998.

Atualmente, pode-se dizer que nas pequenas propriedades mecanizadas a área com plantio direto continua com índices próximos a 85%. No entanto, houve recuo nas áreas que trabalham

Nas pequenas propriedades mecanizadas, a área com plantio direto tem índices próximos a 85%

Nova tecnologia para plantio em terraços e em solos nivelados

PLANTADEIRAS ARTICULADAS

Lançamento no Show Rural 2003, em Cascavel, da BIG FARM, chassi com 2 articulações e lançamento no Show Rural 2004 da TERRAÇU'S com 1

articulação. Fabricados nos tamanhos: BIG FARM de 11 a 21 linhas e TERRAÇU'S de 9 a 12 linhas,



TERRAÇU'S



BIG FARM

PLANTI CENTER - Ind. Com. de Plantadeiras Ltda.
Av. Montreal, nº 43, Jd. Panorama - Sarandi - Paraná - Brasil
Fone: (44) 264.1431 – plantadeiras@planticenter.com.br



A Granja

O plantio direto aumentou nas pequenas áreas principalmente pela expansão do maquinário

com tração animal, e ou manual, onde muitos agricultores voltaram a mobilizar o solo com alegações relacionadas à redução de custos, à dificuldade no controle de invasoras, à compactação do solo e à dependência de dessecação com herbicidas.

Principais problemas que hoje preocupam o desenvolvimento do plantio direto nas pequenas propriedades:

- Dependência de herbicidas para dessecação.
- Dificuldade de ter o solo sempre coberto com boa palhada.
- Dificuldade de adoção pelos produtores de planos de rotação de culturas.
- Semeadoras que funcionem bem com o preço muito elevado.
- Solos compactados.
- Gado de leite, excesso de pastoreio em lavouras.
- Retirada generalizada de terraços (erosão).
- Problemas de erosão nas estradas.
- Pragas no solo.
- Matéria orgânica baixa.

Fatores impulsores do plantio direto hoje:

- Melhor conhecimento e domínio da técnica.
- Reconhecimento por parte dos produtores da eficiência do plantio direto no controle da erosão.
- Reconhecimento da redução da mão-de-obra e do ganho de tempo.
- Melhoria da fertilidade do solo e produtividade quando o sistema é bem conduzido.
- Disponibilidade de recursos (programas especiais) para as pequenas propriedades.

O crescimento da prática do plantio direto nas pequenas propriedades ocorreu principalmente pela diminuição do esforço do trabalho, conjugado com a crescente expansão de indústrias fabricantes de máquinas e implementos agrícolas. Com a produção do conhecimento, por meio da integração do saber formal (científico), com o saber informal (popular), os problemas foram detectados e resolvidos em parcerias, tornando pesquisadores, extensionistas e agricultores co-responsáveis pelo sucesso ou fracasso da tecnologia.

O plantio direto em evolução

A cidade catarinense de Chapecó será palco este ano do maior encontro nacional sobre plantio direto. O 9º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha “Promovendo a Rentabilidade Sustentável do Agricultor” será realizado de 28 de junho a 2 de julho, no Parque de Exposições Tancredo de Almeida Neves. Estão sendo esperados produtores de todo o País, técnicos, acadêmicos, ambientalistas e público interessado em agricultura para debater temas ligados à técnica conservacionista. Serão desenvolvidos palestras, painéis, mesas-redondas, além da exposição de máquinas e equipamentos e de insumos e publicações sobre o assunto.

Será a grande oportunidade para o produtor brasileiro conhecer a fundo os benefícios do plantio direto e acompanhar números que revelam a expansão da técnica no País, cuja área cresce em média 5% ao ano. O plantio direto na palha já ocupa cerca de 20 milhões de hectares das lavouras comerciais brasileiras de grãos. Esse número representa quase 41% dos 46,6 milhões de hectares ocupados pela atividade agrícola no País, principalmente com as culturas de soja, milho, algodão e feijão. A estimativa é da Federação Brasileira de Plantio Direto na Palha (Febrapdp). O presidente da entidade, Ivo Mello (foto), esteve recentemente reunido com o ministro da Agricultura, Roberto





A Granja

Rodrigues, onde pediu apoio ao estímulo do emprego desse modelo de produção na agricultura nacional. No encontro, a federação propôs a criação de um prêmio de qualidade agrícola, com ênfase no rastreamento e na certificação do produto.

“O plantio direto reduz quase 10% o custo de produção”, destaca o presidente da Febrapdp. “Nesse modelo de produção, há uma diminuição do uso de defensivos agrícolas, de aviões agrícolas e de mão-de-obra”, afirma Mello. De acordo com o presidente da entidade e produtor em Alegrete/RS, o plantio direto preconiza o máximo de eficiência com o mínimo de interferência no ambiente. “É a melhor forma de agricultura sustentável”, defende o dirigente. Hoje, a técnica é empregada no Paraná, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, em Goiás e em Minas Gerais, entre outros Estados.

Programação

TERÇA-FEIRA – 29 de junho

9h – 9h30 – Palestra Motivacional

Manoel Henrique Pereira/Febrapdp/Ponta Grossa/PR

9h30 – 11h – Mesa-Redonda

Clubes Amigos da Terra: um Fórum de Discussão e Apoio para a Solução de Problemas

Silvio Ohse/CAT Cruz Alta/RS

Francisco Sedowski/CAT Chapecó/SC

Lucas Aemoudts/CAT Uberlândia/MG

11h – 12h30 – Mesa-Redonda

Painel de Debate

Estratégias e Desafios para a Adoção

Permanente do Sistema de Plantio Direto

14h – 15h30 – Mesa-Redonda

Seqüestro de Carbono em Sistema de Plantio Direto

Telmo Amado/UFSM/Santa Maria/RS

Carlos Clemente Cerri/CENA-USP/Piracicaba/SP

Herbert Bartz/Febrapdp/Rolândia/PR

16h30 – 18h – Mesa-Redonda

Qualidade Total em Sistema de Plantio Direto

Rodrigo Carneiro Monteiro/Associação dos

Arrozeiros de Uruguaiana/RS

Afonso Peche/IAC/Campinas/SP

André Ramalho Flores/APDC/Brasília/DF

20h – Conferência de Abertura

Fome Zero: Sistema de Plantio Direto e

Segurança Alimentar

Ministro da Agricultura Roberto Rodrigues

QUARTA-FEIRA – 30 de junho

8h – 9h30 – Painel de Debate

Manejo da Enxurrada em Sistema de Plantio Direto

José Eloir Denardin/Embrapa/CNPT/Passo

Fundo/RS

Gláucio Roloff/UFPR/Curitiba/PR

9h30 – 10h15 – Palestra

Uso de Dejetos no Sistema de Plantio Direto

Celso Castro Filho/Iapar/Londrina/PR

11h15 – 12h – Palestra

Culturas de Cobertura e Rotação de Culturas em Sistema de Plantio Direto

Claudino Monegat/EPAGRI/Chapecó/SC

14h – 15h30 – Painel de Debate

Manejo da Fertilidade do Solo em Sistema de

Plantio Direto

Bernardo Van Raij/Fundação Agrisus/Campinas/SP

15h30 – 16h15 – Palestra

Sistema de Plantio Direto sob Irrigação

Adriana Ferreira da Costa Vargas/Fundação

Maronna/Alegrete/RS

16h35 – 17h20 – Palestra

Sistema de Plantio Direto no Cerrado

Farid Tenório/CAT Sorriso/MT

17h20 – 18h05 – Palestra

O Agronegócio e o Sistema de Plantio Direto

Alexandre Leite Rosas/Banco do Brasil/Ponta Grossa/PR

QUINTA-FEIRA – 1º de julho

8h – 9h30 – Painel de Debate

Integração Agropecuária em Sistema de Plantio Direto

Aníbal Moraes/UFPR/Curitiba/PR

9h30 – 10h10 – Mesa-Redonda

Sistema de Plantio Direto na Pequena

Propriedade

Lutécia Beatriz Canali/Emater/PR/Febrapdp/Ponta Grossa/PR

Itacir Barreto de Mello/Emater/RS/Erechim/RS

Rogério Araújo Almeida/UFGO/Goiânia/GO

13h30 – 14h10 – Relato de Experiência

Agricultura Orgânica em Sistema de Plantio Direto

Adir Lazareti/COOPAC

14h10 – 14h55 – Palestra

Hortaliças em Sistema de Plantio Direto

Jamil Fayad/EPAGRI/Ituporanga/SC

15h15 – 16h45 – Painel de Debate

Manejo Integrado de Pragas e Doenças em

Sistema de Plantio Direto

Dirceu Gassen/Cooplantio/Porto Alegre/RS

16h45 – 18h15 – Painel de Debate

Manejo Integrado de Plantas Daninhas em

Sistema de Plantio Direto

Fernando Adegas/Emater/PR/Embrapa/

Londrina/PR

SEXTA-FEIRA – 2 de julho

8h40 – 9h10 – Palestra

Lei da Biossegurança

Deputado Paulo Pimenta (PT)

9h30 – 11h – Painel de Debate

Biotecnologia e o Sistema de Plantio Direto ■

Plantio sobre a palha já ocupa 20 milhões de hectares de lavouras comerciais em todo o Brasil

A Granja

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Altos estoques de passagem na entressafra

O mercado de açúcar e álcool vem registrando grandes oscilações nas últimas semanas. No mercado interno, a grande pressão de oferta de álcool causada pelos altos níveis de estoque na entressafra refletiu-se em impactos relevantes nos preços desse produto na BM&F. Segundo informações da União da Agroindústria Canavieira de São Paulo (Unica), o volume de álcool na entrada da nova safra, que se inicia em maio, poderá ser até cinco vezes maior do que no mesmo período do ano passado, ficando por volta de 1,3 bilhão de litros.

A elevação dos estoques se deve, sobretudo, ao crescimento de 18% da produção de cana, da ampliação da área plantada e da produtividade. O consumo, porém, manteve-se praticamente no mesmo nível, não sofrendo elevação significativa. Na Bolsa de Nova York (CSCE), os fundos continuam, ainda, com uma posição agressiva na posição de venda.

Segundo o último relatório da Bolsa nova-iorquina, a posição dos fundos era de mais de 60 mil lotes vendidos. Por outro lado, as empresas exportadoras vêm aproveitando esses movimentos de baixa para fixar suas compras, mas comprando em menor escala. Na BM&F, para o mesmo período, houve forte desvalorização dos preços futuros de açúcar cristal e álcool anidro principalmente para os vencimentos mais curtos (ver tabela ao lado). Para o nível que estão sendo negociados, os preços futuros de açúcar e álcool anidro na BM&F, é interessante acompanhar o

Carlos Alberto Widonsck — carlosw@bmf.com.br/

Artigo redigido em 18/1/2004

spread entre as duas mercadorias (arbitragem). Além disso, existe outro fator de decisão para a cadeia do açúcar: é o acompanhamento dos movimentos da taxa de câmbio, para uma possível oportunidade da fixação dos reais, utilizando tanto os mercados futuros de taxa de câmbio como o de opções.

	DO	D-7	D-30	D-180	D-360
Data	19/2/2004	12/2/2004	20/1/2003	22/8/2003	24/2/2003
Açúcar - BM&F (US\$/sc)					
Abr/2004	6,40	6,40	6,65	9,05	0,00
Jul/2004	6,36	6,18	6,75	0,00	0,00
Açúcar - CSCE (US\$/lb)					
Mar/2004	5,52	5,40	5,81	6,70	7,32
Açúcar - LIFFE (US\$/t)					
Mai/2004	197,40	187,20	194,50	200,00	0,00
Álcool - BM&F (R\$/m³)					
Mar/2004	437,00	403,00	555,00	865,00	0,00
Abr/2004	443,00	435,00	569,00	850,00	0,00

ALGODÃO

Baixas em NY derrubam preços internos

Os agentes do mercado algodoeiro estão voltados para os seguintes eventos: novo prazo estabelecido pela Organização Mundial de Comércio (OMC) para que os EUA forneçam dados detalhados sobre vários aspectos de sua produção algodoeira; o acordo com a Argentina para a exportação de denim (tecido usado na fabricação de jeans); e, por último, a queda das cotações na Bolsa de Nova York. Em relação à disputa na OMC, o Comitê de Arbitragem já advertiu as autoridades norte-americanas de que a omissão da apresentação daquelas informações terá influência no julgamento do processo. O Brasil alega que, em um período de quatro anos, os EUA aplicaram US\$ 12,9 bilhões em subsídios à lavoura algodoeira. O prazo fatal para a entrega das informações solicitadas será o próximo dia 12.

Depois de uma série de reuniões entre Brasil e Argentina chegou-se a um acordo sobre a quantidade de denim que

poderia ser exportado pelo Brasil àquele país, sem licença prévia de seu governo. Foi fixada em 15 milhões de metros lineares a quantidade considerada boa pela indústria nacional. Começa a haver certa preocupação com os preços do algodão, tanto interna como externamente. Na Bolsa de Nova York, o contrato com vencimento março/2004 sofreu declínio de US\$ 75,80/lp para US\$ 69,07/lp nos primeiros dias deste ano. No mesmo período, o índice "A" da Cotlook veio de US\$ 75,90/lp para os atuais US\$ 73,90/lp. O mercado interno, nos últimos anos

Plínio Penteadó de Camargo — plinio@bmf.com.br

Artigo redigido em 17/2/2004

muito ligado às cotações internacionais, tem refletido a queda das cotações internacionais. Para pronta entrega, há negócios entre R\$ 2,20 e R\$ 2,25/lp, tipo 6, posto São Paulo. Os algodões da safra nova, para entrega de março em diante, estão cotados na faixa de R\$ 1,80 a R\$ 1,90/lp.



SOJA

Luiz Claudio Caffagni — lclaudio@bmf.com.br

Artigo redigido em 17/2/2004

Frete internacionais e oferta elevados enfraquecem o prêmio de exportação

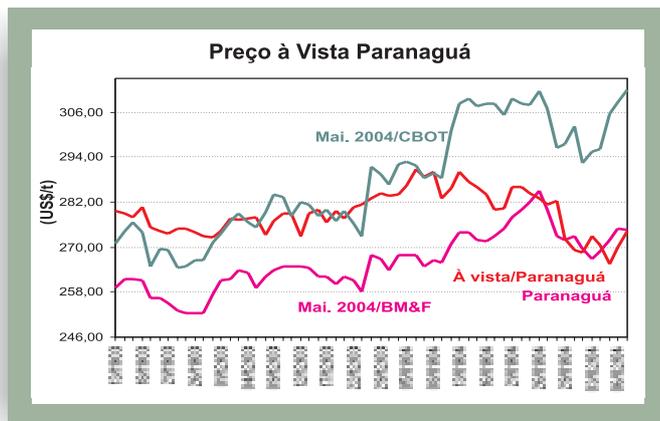
Em 9 de fevereiro, os preços da soja no mercado à vista, transferido no Porto de Paranaguá, ficaram estáveis: R\$ 48,00/saca ou US\$ 273,98/tonelada. Caminhando para o interior, o mercado apresentou quedas significativas, devido ao maior interesse por parte dos compradores em cumprir compromissos de curto prazo. Na mesma data, em Mato Grosso, o declínio ficou em torno de 10%: Primavera do Leste fechou ao redor de R\$ 36,70/saca; e Sorriso, a R\$ 35,50/saca. O prêmio de exportação no Porto de Paranaguá para maio/2004 tem permanecido a -US\$ 70,00/bushel, explicado por pelo menos três fatores: grande estoque doméstico de passagem, altos preços internacionais que inibem a demanda e elevação dos fretes internacionais repassados para o mercado interno.

Os preços na Bolsa de Chicago apresentaram elevada volatilidade nos últimos 30 dias. O vencimento maio/2004 bateu US\$ 848,75/bushel, em 9 de fe-

vereiro, e US\$ 804,50/bushel, em 4 de fevereiro, levado por notícias de incidência de gripe aviária na China, incertezas da safra brasileira, argentina e fretes internacionais. Na BM&F, os preços futuros, que refletem a soja transferida no Porto de Paranaguá, fecharam em 10 de fevereiro a US\$ 275,00/tonelada para abril e a US\$ 274,00/tonelada para maio.

Em 10 de fevereiro, o Departamento de Agricultura dos EUA divulgou seu relatório mensal com números estáveis em relação a janeiro. A produção dos EUA, colhida a partir de setembro de 2003, permaneceu em 65,8 milhões de toneladas, com esto-

que final de 3,41 milhões de toneladas. A previsão de colheita brasileira foi alterada para 61 milhões de toneladas, bem diferente das estimativas da Abiove e da Conab, que apresentam números de 58,9 e 58,7 milhões de toneladas, respectivamente. A colheita argentina foi mantida em 20,15 milhões de toneladas.



SILOS E SECADORES



INDUSTRIAL PAGÉ LTDA
 Rodovia BR-101 • Km 414
 Fone/fax: (48) 524-0030
 CEP 88900-000 • Araranguá/SC
 E-mail: vendas@mpage.com.br
www.mpage.com.br

MILHO

Expectativas de aumento nas exportações de milho e o reflexo na volatilidade

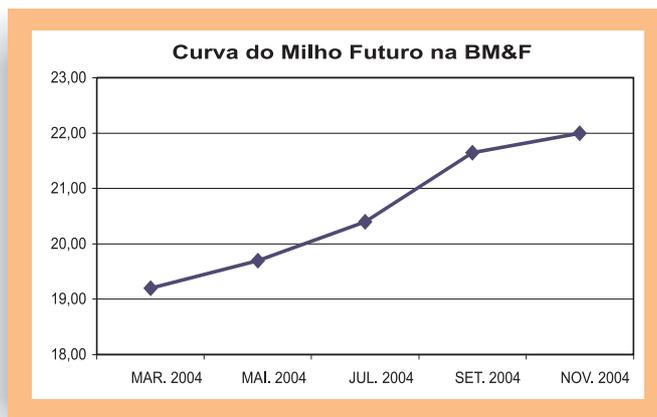
O recorde nas exportações de carne de frango registrado no ano passado poderá se repetir ou até mesmo ser superado em 2004, em consequência da gripe do frango, que vem atingindo a Ásia e agora os Estados Unidos. Dessa forma, poderá ocorrer elevação no preço do milho em razão da demanda, tanto do mercado interno quanto do mercado externo, que apresenta estoque reduzido de 102,72 milhões de toneladas, segundo o relatório de fevereiro do USDA.

O mesmo relatório aumentou o estoque inicial da China em 1,45 milhão de toneladas, totalizando 44,44 milhões de toneladas, mantendo a expectativa de exportação chinesa em 8 milhões de toneladas. Em relação ao Brasil, o relatório estimou crescimento na produção de 2 milhões de toneladas, somando 42 milhões para a safra 2003/2004. Essa produção passa agora a sofrer com o antigo problema da logística, agravado pela safra de soja, que tem

prioridade, e eleva o preço dos fretes, e com o câmbio que neste início de 2004 mostra-se um pouco desfavorável à exportação. Na BM&F, os contratos futuros de milho no dia 10 de fevereiro fecharam a R\$ 19,20/saca, para março/2004; R\$ 19,70/saca, para maio/2004; R\$ 20,40/saca, para julho/2004; R\$ 21,65/saca, para setembro/2004; e R\$ 22,00/saca para novembro. A volatilidade do contrato futuro de milho, com vencimento para março/2004, situou-se entre 0,42% e 0,24%, atingindo o pico de 1,05% no período analisado.

No período compreendido entre 30 de janeiro e 10 de fevereiro, a

volatilidade desse contrato permaneceu em baixa, na média de 0,35% ao dia. A curva do milho futuro apresenta os preços futuros sob forma de “carrego”, com especial atenção no spread entre setembro/2004 e novembro/2004, que está muito baixo, principalmente pelo fato de o mês de novembro ser entressafra.



CAFÉ

Café arábica: recuperação dos preços na BM&F

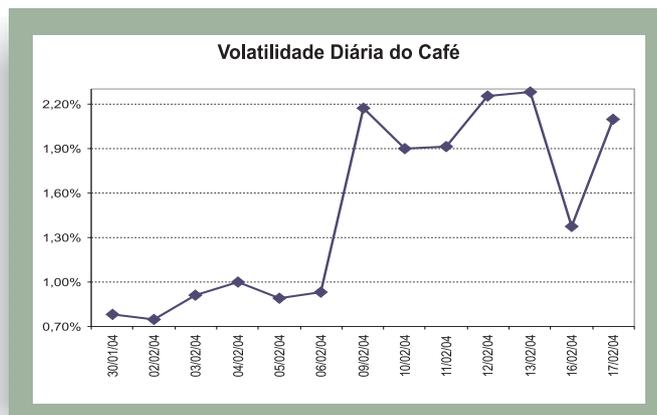
Os preços futuros de café arábica na BM&F vêm-se recuperando desde o início do ano, à medida que se confirma a baixa produção e a alta demanda, acumulando crescimento de 12,22% em média, para os próximos vencimentos. Em 18 de fevereiro, os contratos futuros de café arábica fecharam em US\$ 77,30/saca para março/2004; US\$ 80,20/saca para maio/2004; US\$ 81,80/saca para julho/2004; US\$ 82,60/saca para setembro/2004; US\$ 85,50/saca para dezembro/2004; e US\$ 88,00/saca para março/2005.

Na Bolsa de Nova York, no dia 18 de fevereiro, houve queda média nas cotações de 5,17% em relação ao dia anterior, explicada pelo anúncio da *Green Coffee Association* do aumento dos estoques norte-americanos, que tiveram incremento de 2,4% em janeiro. O vencimento março/2004 fechou em US\$ 70,35/lp; maio/2004 em US\$ 72,60/lp; julho/2004 em US\$ 74,45/lp; setembro/2004 em US\$ 76,20/lp; e novembro/2004 em US\$ 78,85/lp. A volati-

lidade diária do contrato futuro de café na BM&F, com vencimento março/2004, situou-se entre 0,75% e 2,28% no período analisado, mostrando-se em ascensão nos últimos dias em função das notícias sobre os estoques norte-americanos e brasileiros.

Em 18 de fevereiro, a arbitragem entre as Bolsas de Nova York e BM&F, referente ao contrato presente (março/2004), evidencia que o diferencial se tem situado entre US\$ 10,00/lp e US\$ 15,00/lp (ver gráfico), com redução mais brusca devido aos fatos já mencionados, quando atingiu US\$ 11,91/lp, um dos mais baixos do ano. O volume de café certificado em

São Paulo, no dia 18, era de 373.400 sacas, ou seja, 8,77% abaixo do mês de janeiro. No mercado físico, o café bica tipo 6 fechou cotado em R\$ 195,00/saca e o bica tipo 7 em R\$ 163,00/saca, ambos referentes à média dos preços de Minas Gerais, divulgados pelo Centro de Comércio de Café de Minas Gerais.



ARROZ

Superávit cada vez mais próximo

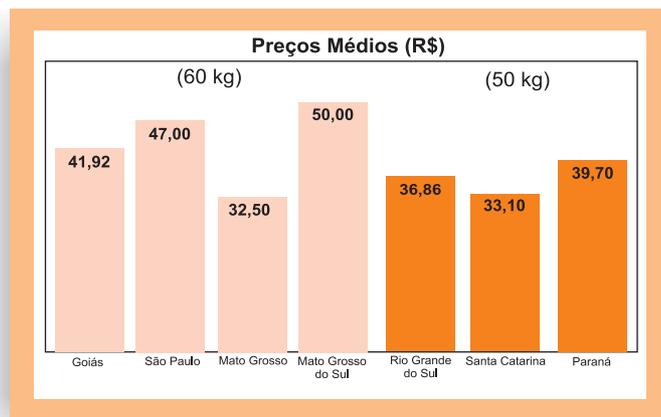
Realizado na primeira quinzena de fevereiro, o levantamento de safra da Conab registrou o potencial de produção de arroz no Brasil em 12,477 milhões de toneladas. O levantamento anterior, realizado em dezembro, indicava o potencial deste ano em apenas 11,776 milhões de toneladas. O reajuste na oferta significou considerável corte na demanda externa brasileira projetada para 2004, anteriormente em 1 milhão de toneladas, mas alterada para apenas 500 mil toneladas de arroz neste último levantamento. Deve-se ressaltar que essa demanda externa projetada é resultado de um consumo esperado pela Conab em 12,6 milhões de toneladas, por enquanto muito difícil de ser alcançado.

Estima-se que no ano passado o consumo nacional de arroz muito provavelmente não tenha ultrapassado os 12 milhões de toneladas. Para uma produção nacional em 2003 de 10,270 milhões de toneladas, as indústrias brasileiras im-

portaram apenas 1,3 milhão de toneladas e adquiriram da própria Conab cerca de 170 mil toneladas, perfazendo um total até mesmo inferior ao consumo anual estimado para o ano.

A Conab insiste em manter um surpreendente crescimento de 4% a 5% no consumo nacional de arroz em 2004, justificada basicamente por um eventual e imprevisível sucesso do Programa Fome Zero. Não é exagero afirmar que as políticas governamentais historicamente surtem resultados bem inferiores aos inicialmente esperados. O fato é que a renda *per capita* de grande parte da população brasileira continua e pode ser mantido muito aquém do

ideal para que haja concordância com o desempenho de demanda proposto pela Conab. Até o momento não há nenhuma sinalização concreta por parte do Ministério da Agricultura de que o governo destinará recursos suficientes para adquirir o excedente do grão a ser muito provavelmente colhido neste ano, especialmente na Região Sul do País.



SUÍNO

Meta é reverter impacto da queda das exportações

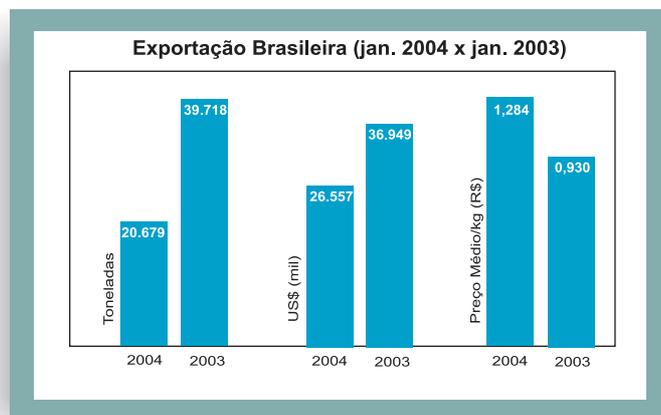
Produtores e exportadores de carne suína solicitaram em fevereiro ao ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, que a carne suína seja incluída na política de preços mínimos. Também reivindicaram financiamento ao custo de 8,75% ao ano para o custeio e a estocagem. Com essas medidas, os produtores pretendem retirar do mercado um excedente de oferta calculado em 100 mil toneladas provocado pela queda das exportações ao mercado russo. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs), as exportações de carne suína caíram 48% em volume em janeiro sobre igual período de 2003, ficando em 20,6 mil toneladas.

Além de uma política de preço mínimo e da oferta de crédito, os produtores querem que o governo inclua a carne suína no consumo das instituições públicas, como escolas, e que amplie os esforços para o aumento das exportações.

Uma reunião ocorrida no final de fevereiro entre o ministro Roberto Rodrigues e diversas entidades do setor buscou soluções para reverter o impacto da redução das importações de carne suína brasileira pela Rússia. O Brasil deixará de exportar 170 mil toneladas em 2004, e entidades e produtores estão preocupados com a superoferta de carne suína.

Na reunião, o consenso foi sobre a necessidade imediata de políticas que permitam ampla redução do plantel na suinocultura. Veja as ações de responsabilidade de produtores e indústrias: redução de 0,5% a 1% no alojamento

de matrizes; diminuição de 4 kg no peso médio de abate, abate de leitões de 24 kg de peso para diminuir a oferta no segundo trimestre, estimular campanhas de marketing e articulação com a Associação Brasileira de Supermercados para a promoção da venda no mercado interno.



New Holland **REESTRUTURA** área comercial



Divulgação

reestruturação é um esforço para estarmos mais perto de nossos concessionários e clientes”, afirma Francesco Pallaro, diretor comercial da CNH para a América Latina. “Sergio Plaut é alguém que conhece profundamente o mercado brasileiro e entende como poucos as necessidades e os objetivos dos nossos clientes.”

Plaut coordenará o trabalho das unidades comerciais de negócios (CBUs), que cobrem todas as regiões produtoras do País. Ele começou na área de máquinas de construção da Case e depois coordenou os negócios agrícolas da New Holland no Norte da América Latina, que abrangem 25 países, entre Peru e Guatemala.

A Case New Holland (CNH) iniciou 2004 com a reestruturação da diretoria comercial da marca New Holland. Criou a função do diretor de vendas para o Brasil, cargo que será ocupado por Sergio Plaut (foto), executivo com 13 anos de experiência na CNH. “Essa

reestruturação é um esforço para estarmos mais perto de nossos concessionários e clientes”, afirma Francesco Pallaro, diretor comercial da CNH para a América Latina. “Sergio Plaut é alguém que conhece profundamente o mercado brasileiro e entende como poucos as necessidades e os objetivos dos nossos clientes.”

Agroindústria cresce pelo terceiro ano **CONSECUTIVO**

A agroindústria brasileira cresceu 1,6% em 2003, atingindo, pelo terceiro ano consecutivo, uma expansão acima da indústria em geral. De acordo com dados divulgados pelo IBGE, de 2000 para 2003 a atividade industrial nacional

cresceu 4,5% e

somente a agroindústria avançou 13,3%.

Segundo o Instituto, o resultado confirma o maior dinamismo dos setores industriais mais ligados ao agronegócio, principalmente o de exportação. Ainda conforme o IBGE, a taxa foi puxada pelo bom desempenho dos ramos de produtos industriais utilizados pela agricultura (17,2%), com destaque para o segmento de máquinas e equipamentos (24,4%). Apesar do bom desempenho no acumulado de 2003, a agroindústria enfrentou uma estagnação no meio do ano. No primeiro trimestre, o setor cresceu 3,2%, caindo para zero no segundo e subindo, ligeiramente, para 0,5%, no terceiro. No último trimestre do ano, o avanço foi de 3,5%.



Divulgação

BASF **REFORÇA** parceria com sojicultores

A Unidade Agro da Basf está implementando o Programa Soja Paralelo 30°, para promover a rotação de culturas no sul do Rio Grande do Sul, aumentando a rentabilidade dos agricultores. A região, tradicionalmente utilizada para o plantio de arroz, está recebendo apoio tecnológico da empresa para a implantação de lavouras de soja altamente produtivas, nas áreas onde o arroz ver-

melho tem inviabilizado a rizicultura e que acabam sendo abandonadas. O programa conta com a participação de pesquisadores, consultores, técnicos e também dos representantes regionais e do pessoal de campo da empresa. “Estamos desenvolvendo a tecnologia ideal para a cultura da soja nessa região”, afirma Jéferson Bressan, gerente de Marketing da Regional Sul da Basf.

LUCRO da Bunge Brasil próximo de R\$ 1 bi

A Bunge Alimentos e a Bunge Fertilizantes, controladas pela Bunge Brasil, apresentaram em 2003 lucro líquido de R\$ 917 milhões, em comparação com um prejuízo de R\$ 333 milhões registrados no ano anterior. A expansão dos negócios com a soja e a queda do dólar foram as maiores responsáveis pelo desempenho obtido pelo grupo. O faturamento atingiu R\$ 18,4

bilhões, o que representa um aumento de 42% em relação ao ano anterior. O processamento de soja pela Bunge Alimentos cresceu 19% e as exportações foram ampliadas em 33% em volume. Já a Bunge Fertilizantes obteve faturamento 45% superior. O crescimento é explicado pela preocupação dos agricultores em melhorar a produtividade de suas lavouras.

Kepler Weber **ENTREGA** obra portuária na Turquia

A Kepler Weber concluiu obra portuária/entrepósito da Bunge, no Porto de Derince. O complexo levou cinco meses para ser montado, totalizando US\$ 2,5 milhões e tem capacidade para armazenar 45 mil toneladas de grãos em silos metálicos. A instalação foi construída numa área de aterro localizada sobre uma falha geológica, o que exigiu ainda maior segurança para suportar abalos sísmicos.

O maior desafio para a Kepler foi dimensionar os equipamentos para suportar terremotos em área de alto risco (classificada como zona 4, segundo normas internacionais), sendo que os cálculos tiveram de passar por aprovação de autoridades turcas. Dentro da política de diversificação de mercados, a Kepler fechou o projeto com a Turquia em 2002, sendo esta a primeira exportação do grupo gaúcho para esta região, representando uma melhoria estratégica para a Bunge nesse país.

Uma história que é **SUCESSO** há 40 anos

Satisfazer às necessidades dos clientes, através de um contínuo aperfeiçoamento dos produtos e serviços, tem sido uma das metas da Industrial Pagé Ltda., empresa com sede em Aranguá/SC que está completando 40 anos de sucesso. Fundada em 8 de julho de 1964, por Júlio Pascoali e Gerci Pascoali, pai e filho respectivamente, a Pagé tinha como atividade inicial o conserto de peças de tratores e caminhões. Posteriormente, passou a produzir fornos para farinha de mandioca, arados, grades, taipa-deiras e outros implementos agrícolas.

Em 1980, a empresa mudou seu ramo de atividade, fabricando equipamento de armazenagem e secagem de



cereais, e também indústria de parboilização de arroz. A Pagé produz também máquinas de pré-limpeza e limpeza de cereais, secadores contínuos, intermitentes e rotativos, silos armazenadores, silos secadores, fábrica de ração, correias transportadoras, chupins, transportadores vibratórios, sistema de aeração de silos, elevadores de caneca, transportadores helicoidais-caracol e vibro

ar para arroz beneficiado. Hoje, possui amplas e modernas instalações industriais e administrativas, com uma área construída de 9.500 metros quadrados e área disponível de aproximadamente 30 mil metros quadrados.

Os atuais equipamentos fabricados pela empresa, em função da sua qualidade, consolidaram-se nas áreas de produção, atendendo desde pequenos, médios e grandes produtores, condomínios, armazéns comunitários, cooperativas, indústrias de beneficiamento de arroz até grandes conglomerados agrícolas de todo o País e do exterior. Atua em todo o mercado brasileiro e externo por meio de representantes, vendedores e supervisores de vendas.

Metalfor de casa **NOVA**

A fábrica de pulverizadores Metalfor investiu no início deste ano cerca de R\$ 3 milhões na aquisição de sua sede própria, localizada em Ponta Grossa/PR, mesma cidade onde começou a produzir no Brasil, em 2001. O objetivo da empresa é triplicar o volume produzido no ano de 2003 para atender diferentes regiões do País. Hoje a Metalfor produz um modelo de pulverizador autopropelido (Multiple 3000) e dois modelos de equipamentos de arrasto (TVA-2000 e TVA - 3000), que são dotados de alta tecnologia e grande qualidade, já provados por muitos

agricultores dos Estados de Mato Grosso e Paraná, principalmente.

A partir do segundo semestre deste ano, a empresa apresentará outros modelos de equipamentos produzidos também na sua nova sede. A Metalfor ainda conta com uma filial em Rondonópolis/MT, oferecendo todo um suporte de assistência e vendas para a Região Centro-Oeste do País. A Metalfor do Brasil localiza-se na Rua Anna Scremim, 300, Distrito Industrial, Caixa Postal 2332, CEP 84043-465, Ponta Grossa/PR, telefone/fax (42) 228-1700. Site www.metalfordobrasil.com.br



Setor **FLORESTAL** tem nova associação

A Associação Brasileira dos Produtores de Florestas Plantadas (Abraf) foi criada recentemente com o objetivo de estimular a formação de florestas plantadas no Brasil, garantindo a atividade e a preservação da mata nativa. Presidida pelo diretor-presidente da Aracruz, Carlos Aguiar, a entidade reúne diversos segmentos que utilizam florestas plantadas, como papel e celulose, energia, painéis e produtos sólidos de madeira. Um dos grandes desafios da Abraf será tentar reverter o problema da falta de madeira para os setores produtivos, conhecido como "apagão florestal". "Temos hoje no País 5 milhões de hectares de florestas plantadas, uma proporção mínima da área brasileira", ressaltou o presidente da Abraf.

ANOTE AÍ

De 30 de março a 3 de abril, acontece em Rio Verde/GO a Agrishow Comigo (Feira Internacional de Tecnologia e Agricultura em Ação). Será a versão goiana da Agrishow. Informações pelo telefone (11) 5591-6300 ou site: www.agrishow.com.br

O XXIV Congresso Brasileiro – A Ciência das Plantas Daninhas e a Segurança Alimentar será realizado entre os dias 24 e 28 de maio em São Paulo/SP. O evento tem como proposta estabelecer bases científicas coerentes, utilizando e conservando os recursos naturais, resultantes da adoção de novos produtos e tecnologias no manejo das plantas daninhas. Informações pelo telefone (19) 3251-0328.

De 23 a 25 de junho, em Gramado/RS, acontece o 18º Seminário Cooplantio – A Força do Agronegócio. O evento anual reúne os maiores especialistas ligados ao agronegócio para discutir questões relativas ao setor, como gestão estratégica, perspectivas dos principais mercados, conhecimentos agrônômicos para maior produtividade, intercâmbio de casos de sucesso, negociações internacionais, entre outros. Informações pelo telefone (51) 3333.3066 ou cooplantio@cooplantionet.com.br

Uva sem SEMENTE

As primeiras cultivares de uva de mesa sem sementes já são realidade no Brasil. As novas variedades foram criadas pela Embrapa após sete anos de pesquisas em laboratórios e a campo. Duas variedades – a BRS Linda e a BRS Clara – são de uva branca. A BRS Morena, de uva preta.

As cultivares foram desenvolvidas pela Embrapa Uva e Vinho, de Bento Gonçalves/RS, por meio do melhoramento genético tradicional, sem a utilização de técnicas de transgenia. São recomendadas para plantio no noroeste de São Paulo, norte de Minas Gerais e no Vale do Submédio do São Francisco, pois são adaptadas ao cultivo em regiões tropicais. As três são indicadas como



Divulgação

uvas para consumo *in natura* e para comercialização nos mercados interno e externo.

Milho IRRIGADO, tecnologia abordada em livro

A Embrapa lançou no Show Rural Coopavel 2004 o livro *A Cultura do Milho Irrigado*. Os editores da publicação, Morethson Resende, Paulo Albuquerque e Lairson Couto, reuniram em 12 capítulos informações sobre o milho irrigado como componente de sistema de produção de grãos e parte integrante de sistemas de rotação de culturas. O livro aborda aspectos agrônomicos e econômicos da cultura e dá ênfase aos sistemas de manejo de água e nutrientes como garantia da sustentabilidade da agricultura irrigada. Segundo os editores, a incorporação da irrigação na agricultura é relativamente recente no Brasil, com exceção das áreas de arroz inundado e próximas aos cursos d'água. A publicação pode ser adquirida na Livraria Virtual da Embrapa, no site www.sct.embrapa.br



Divulgação

Espanha aprova nove variedades de milho TRANSGÊNICO

O Ministério da Agricultura da Espanha aprovou em fevereiro a comercialização de nove variedades de milho geneticamente modificado, resistente a insetos. As variedades aprovadas foram incluídas no Registro de Variedades Comerciais do governo espanhol, após cumprirem todas as exigências

estabelecidas pelo órgão regulador. Para a comercialização efetiva das sementes de milho Bt, as embalagens devem ter a indicação “organismo geneticamente modificado para resistir a insetos e larvas”. Das nove variedades aprovadas, sete pertencem à Monsanto e as outras duas à Syngenta.

Tomate para hortas DOMÉSTICAS

O tomate-cereja dorsing, desenvolvido pela Isla, por seu custo inferior, é indicado para hortas domésticas e pequenos produtores. Possui ciclo de maturação médio, tendo o início da colheita entre 90 e 100 dias. Os frutos são de polpa bem firme e se desenvolve em cachos. A época



Divulgação

de plantio na Região Sul vai de agosto a janeiro, enquanto nas demais regiões pode ser cultivado o ano todo. A Isla comercializa a semente em latas de 50 gramas, 100 gramas e 250 gramas e em envelopes de 0,10 grama, 0,40 grama, 1,10 grama e 2,20 gramas.

Soja transgênica x REDUÇÃO de custos

A consultoria Kleffmann & Partner, de São Paulo, afirma que os produtores que utilizaram a soja transgênica no Rio Grande do Sul obtiveram uma redução de custos com herbicidas da ordem de 53,3% nas lavouras (já incluindo o uso de glifosato na fase pré-plantio e pós-emergente da cultura). Observou-se uma significativa redução (-42%) no uso de herbicidas seletivos contra um aumento de

apenas 10% no uso de glifosato, gerando uma economia direta para o agricultor. A pesquisa avaliou o uso de herbicidas nas plantações de soja no RS durante as últimas três safras. Em 1999, quando o Rio Grande do Sul ainda produzia grande área com soja convencional, os produtores gastavam US\$ 42 por hectare com herbicida. Na última safra, o desembolso foi de US\$ 19.

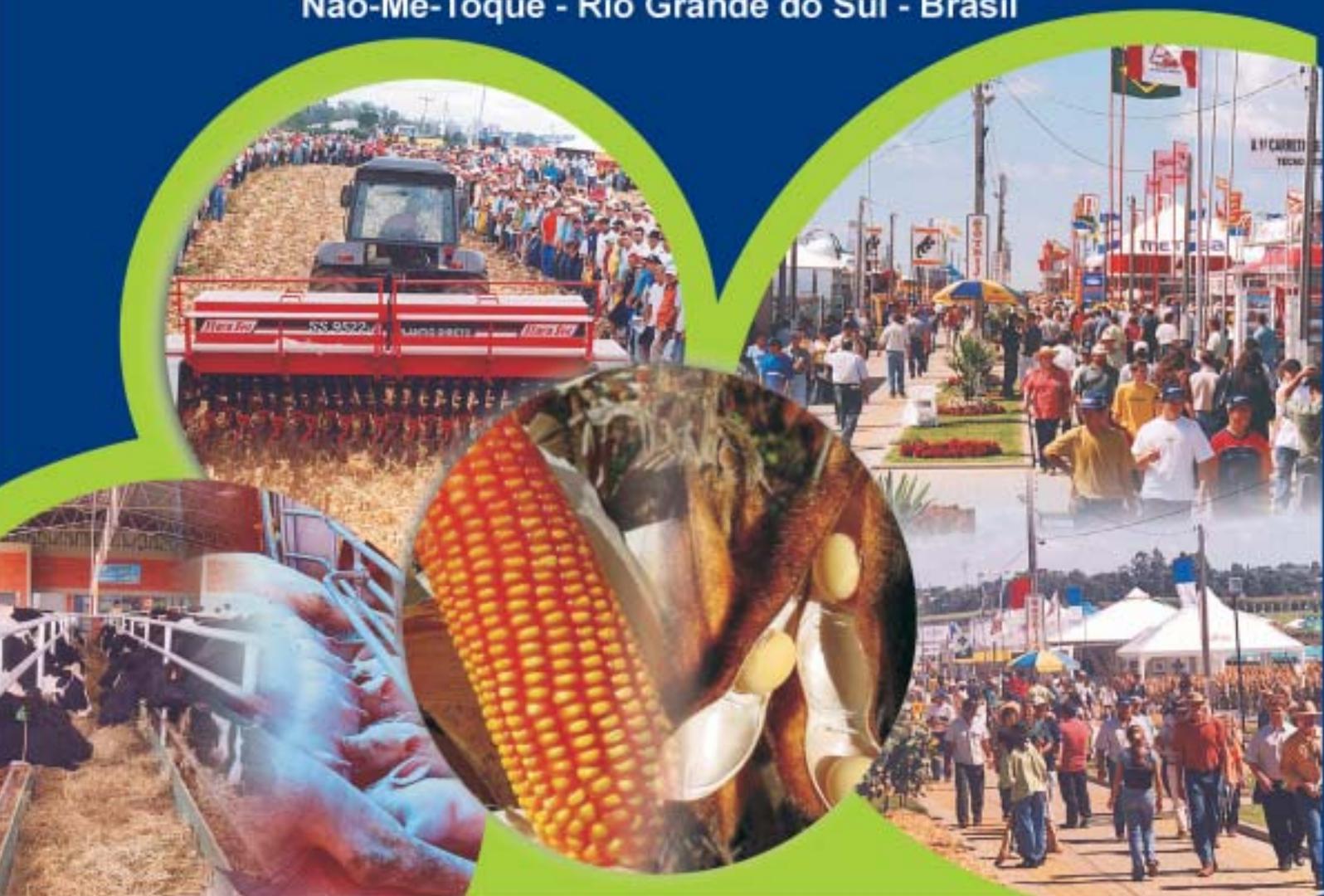
A Feira Agrodinâmica do Mercosul



EXPODIRETO **COTRIJAL**

15 a 19 de Março de 2004

Não-Me-Toque - Rio Grande do Sul - Brasil



PROMOÇÃO

COTRIJAL

APOIO



PATROCÍNIO

 **BANCO DO BRASIL**

BUNGE

GRAZMEC

Tratando com carinho a semente do futuro.



MASSEY FERGUSON

MONSANTO
imagine™



Stara Sfil


Maurício Marques

Diretor da Divisão Agrícola da Basf no Brasil

Agricultura competitiva se faz com pesquisa e **TECNOLOGIA**

A Granja — Qual é o diferencial da Basf num mercado tão competitivo como o de defensivos agrícolas?

Maurício Marques — O que a Basf tem de diferencial é um know how e a experiência técnica dentro dos negócios de agroquímicos. Evidentemente, aliado ao investimento em pesquisas, em aquisições que a empresa tem feito nos últimos sete anos, em que foram investidos US\$ 7 bilhões — uma média de US\$ 1 bilhão por ano. São aquisições de novas moléculas e de empresas. Outro ponto importante é a seriedade do trabalho no trato com os clientes, postura diante dos nossos clientes e usuários dos produtos. Temos uma boa equipe de engenheiros agrônomos no campo hoje, com boa formação e um excelente conhecimento de mercado.

A Granja — Qual é a proposta da empresa para competir no mundo dos transgênicos?

Marques — Para a Basf, a biotecnologia é uma das tecnologias-chave para o desenvolvimento futuro dos negócios. Estamos comprometidos em conduzir pesquisas na área de biotecnologia. Logicamente dentro de padrões éticos responsáveis que levam ao descobrimento e à comercialização de produtos, soluções que melhorem a vida das pessoas. Biotecnologia está dentro do contexto Basf.

A Granja — Qual é o principal desafio de uma empresa como a Basf em relação a essa tecnologia?

Marques — A Basf tem uma linha diferenciada. Ela quer ser um fornecedor líder em biotecnologia, mas baseado em produtos e soluções com valor agregado ao longo da cadeia de produção. O que é isso? É atuar na segunda geração da biotecnologia. Na área

agrícola, na busca de plantas, por exemplo, resistente a adversidades ambientais, seca, chuva em excesso. E também na terceira geração, aumentando o valor nutritivo, vitamínico de alimentos. Esta é linha de pesquisa que a Basf está trabalhando.

A Granja — Que perspectivas e projetos a empresa tem para a agricultura do Brasil?

Marques — A Basf acredita muito na agricultura brasileira. Como eu disse anteriormente, o Brasil tem uma vocação agrícola muito grande. A nossa agricultura provou que é competitiva, e a Basf tem no mercado de defensivos, como o *core business*, o negócio principal aqui no Brasil. Aproximadamente 35% dos negócios estão na área de defensivos. A empresa vai continuar investindo em pesquisas, na busca de novos projetos, em tudo aquilo que traga soluções e agregue valor ao produtor. Temos uma série de projetos para o futuro.

A Granja — Na sua opinião, qual é o grande problema (gargalo) da agricultura brasileira?

Marques — O grande gargalo da agricultura brasileira sabe qual é? São as práticas adotadas pelos países ricos, que são os subsídios que hoje são colocados à disposição dos agricultores, tanto na Europa como na América do Norte, da ordem de US\$ 1 bilhão por dia. Então, este é o grande gargalo nosso. E, mesmo assim, somos competitivos. Estamos mostrando para o mundo que a agricultura brasileira, mesmo com essa prática, é competitiva. Evidentemente, temos pro-

blemas internos como infra-estrutura, mas que estão sendo solucionados. Hoje, em Mato Grosso, na Bahia, estão sendo feitos investimentos pesados em termos de armazenagem das grandes tradings. Você vê os agricultores se unindo, como em Mato Grosso, onde eles estão construindo e melhorando estradas.

A Granja — E os grandes méritos?

Marques — Temos de pontuar. Por que a agricultura hoje é de sucesso? 1º — A contribuição da pesquisa brasileira, tanto da Embrapa como das fundações, dos órgãos oficiais de pesquisa, das universidades em gerar uma série de informações e tecnologias para o agricultor; 2º — o empreendedorismo do agricultor brasileiro, que é um desbravador; 3º — a tecnologia que a iniciativa privada colocou na mão dos produtores. Fertilizantes, máquinas e defensivos que hoje o produtor brasileiro tem à disposição para fazer dessa agricultura uma das mais tecnificadas do mundo; 4º — o clima espetacular que temos. Na maioria das regiões, estamos fazendo duas safras; 5º — terras disponíveis. O Brasil tem hoje seguramente mais de 100 milhões de hectares aptos à agricultura, prontos para serem cultivados; 6º — os recursos para a agricultura. O produtor tem uma série de mecanismos para que se possa financiar. Ou pega recursos no crédito rural, ou adiantamento de uma trading, ou troca de grãos, venda antecipada, ou compra a prazo da indústria. O Moderfrota, do governo, contribuiu muito também para essa situação. ■

O grande gargalo da agricultura brasileira são as práticas adotadas pelos países ricos com os subsídios que são colocados à disposição dos agricultores na Europa e nos EUA

A linha de tratores que mais cresce no Brasil.



Um trator para cada necessidade. De 60 a 160 cavalos.

A linha de tratores mais completa e que mais cresce no Brasil é New Holland. Seja produtor de grãos, hortifrutí, pecuária de corte e de leite ou cana, a New Holland

oferece um modelo de trator para cada tipo de necessidade. São mais de 30 versões de tratores, de 60 a 160 cavalos, do modelo mais básico ao modelo com os maiores avanços

mundiais. Por isso, o produtor eficiente não tem a menor dúvida quando pensa em evoluir e diversificar a sua produtividade. Ele prefere New Holland. É um trator para cada tipo de sucesso.



NEW HOLLAND

Você está pronto para crescer. Você está pronto para New Holland.



Especialista no seu sucesso.